

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

THAYNARA CARDOSO SOARES

**ATLAS FONOLÓGICO-FONÉTICO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
EM GOIÁS**

GOIÂNIA
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Thaynara Cardoso Soares

3. Título do trabalho

"ATLAS FONOLÓGICO-FONÉTICO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM GOIÁS"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Processo:

23070.043622/2022-18

Documento:

3335925



Documento assinado eletronicamente por **THAYNARA CARDOSO SOARES, Discente**, em 16/11/2022, às 13:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sebastiao Elias Milani, Professor do Magistério Superior**, em 16/11/2022, às 13:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3335925** e o código CRC **2E43BE14**.

Referência: Processo nº 23070.043622/2022-18

SEI nº 3335925

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

THAYNARA CARDOSO SOARES

**ATLAS FONOLÓGICO-FONÉTICO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
EM GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração dos Estudos Linguísticos, sob a orientação do Professor Dr. Sebastião Elias Milani

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Soares, Thaynara Cardoso
Atlas fonológico-fonético das vogais médias pretônicas em Goiás
[manuscrito] / Thaynara Cardoso Soares. - 2022.
131 f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2022.

Inclui mapas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Vogais médias pretônicas. 2. Geolinguística. 3. Fonética
Fonologia. 4. Goiás. 5. Atlas Linguísticos. I. Milani, Sebastião Elias,
orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 29 da sessão de Defesa de Dissertação de **Thaynara Cardoso Soares** que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos treze dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das **quatorze horas, via Google Meet**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**ATLAS FONOLÓGICO-FONÉTICO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM GOIÁS**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Sebastião Elias Milani (PPGLL-FL-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professor Doutor Daniel Marra da Silva (PPGL/UFT)**, membro titular externo (**cuja participação ocorreu através de videoconferência**), **Professora Doutora Glaucia Vieira Cândido (PPGL-FL-UFG)**, membro titular interno (**cuja participação ocorreu através de videoconferência**). Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo **Professor Doutor Sebastião Elias Milani**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos treze dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sebastiao Elias Milani, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glaucia Vieira Cândido, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2022, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Marra da Silva, Usuário Externo**, em 13/09/2022, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3178539** e o código CRC **6C93B27E**.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística

Arguidor titular interno: Prof.^a Dra. Gláucia Vieira Cândido
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística
Faculdade de Letras - (UFG)

Arguidor titular externo: Prof. Dr. Daniel Marra da Silva
Programa de pós-graduação em Letras
Departamento de Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras (PPL/UFT)

Suplentes:

Prof.^a Dra. Greize Alves da Silva (PPL/UFT)

Prof.^a Dra. Aline da Cruz (PPL/UFG)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde, forças e sabedoria para superar todas as dificuldades. Sem ele, eu não teria conseguido.

Ao meu querido orientador Dr. Sebastião Elias Milani, pela confiança e orientação dedicada. Agradeço, de coração, por ser tão solícito nos momentos em que mais precisei, por me ensinar com tanta paciência, disposição e por acreditar em mim quando eu mesma não acreditava.

Ao meu companheiro de vida, Rodolfo, pelo encorajamento, pelo apoio constante e por compreender os momentos em que precisei estar ausente. Agradeço, de coração, pelas preciosas contribuições para com este trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais, Valdenice e Alain Delon pelo incentivo, apoio e amor incondicional em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão, Gustavo, pelo exemplo de força e persistência e por me fazer ter esperanças mesmo em dias difíceis.

Aos professores do curso de Mestrado da faculdade de Letras da UFG, pelas disciplinas ministradas e cujos ensinamentos foram de suma importância para a minha formação.

À banca de qualificação pelas contribuições e sugestões preciosas.

À Sheyla, pela amizade e apoio constante.

Às amigas da graduação, Renata e Thalita, pela amizade e pelo incentivo constante.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

Goiás é um estado localizado na região Centro-Oeste do Brasil e sua formação se deu com a chegada dos bandeirantes, inicialmente, em busca de indígenas para explorá-los, mas, com a descoberta do ouro, o estado recebeu inúmeras famílias de diversos estados do Brasil, principalmente vindos de São Paulo e Minas Gerais. Para conhecer as variações das vogais médias pretônicas no estado de Goiás, desenvolvemos o Atlas fonológico-fonético das vogais médias em posição pretônica. Sendo assim, para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como referencial teórico a Dialetologia sob o método da Geolinguística e a fonética-fonologia. Ambas as teorias são extremamente importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Para desenvolver esta pesquisa, utilizamos o *corpus* do projeto Laboratório da Língua de Goiás (LABOLLINGO), e nele, selecionamos dois informantes: um correspondente ao sexo feminino e o outro ao sexo masculino, totalizando 48 informantes das 24 cidades estudadas. Assim, cabe ressaltar que este trabalho faz uso de dados retirados do Acervo Audiovisual da Fala de Goiás – AUFAGO, coletados para o desenvolvimento do *Atlas Linguístico de Goiás - ALINGO*. Após a seleção dos dados e transcrições fonéticas, as cartas foram elaboradas. Obtendo, assim, um total de 11 cartas linguísticas, das quais observamos que de todas as localidades estudadas, há a predominância das vogais altas [i] e [u], seguido das médias-altas [e] e [o].

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas. Geolinguística. Fonética-Fonologia. Goiás. Atlas Linguísticos.

ABSTRACT

Goiás is a state located in the center-west region of Brazil and its formation took place with the arrival of the pioneers initially in search of Indians, but, with the discovery of gold, the state received numerous families from different states of Brazil, mainly from São Paulo and Minas Gerais. To know the variations of pretonic mid-vowels in the state of Goiás, we carried out in this work the mapping of mid-stressed vowels in pretonic position. Therefore, for the development of the research, we used Dialectology as a theoretical framework under the method of Geolinguistics and Phonetics-Phonology. Both theories are extremely important for the development of this work. To develop this research, we used the corpus of the project Laboratório da Língua de Goiás (LABOLLINGO), and in it, we selected two informants: corresponding one female and one male, totaling 48 informants from the 24 cities studied. Thus, it is worth mentioning that this work makes use of data taken from the audiovisual collection of speech in Goiás – AUFAGO; collected for the development of the Linguistic Atlas of Goiás - ALINGO. After data selection and phonetic transcriptions, the phonetic maps were prepared. Thus, obtaining a total of 11 linguistic maps, from which we observed that from all the studied locations, there is a predominance of the higher vowels [i] and [u], followed by the higher mid vowels [e] and [o].

Keywords: Pretonic mid vowels. Geolinguistics. Phonetics-Phonology. Goiás. Linguistic Atlas.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mapa de Goiás----- | 20 |
| Figura 2 - Capitania de Goyaz----- | 22 |
| Figura 3 - Estado de Goiás e mesorregiões----- | 26 |
| Figura 4 - Evolução da população urbana e rural em Goiás----- | 28 |
| Figura 5 - Carta nº 1 do Atlas Linguístico da França----- | 58 |
| Figura 6 - Mapa da divisão dos subfalares brasileiros de acordo com Nascentes----- | 63 |

LISTA DE CARTAS

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Carta Linguística 1: Cerrado----- | 102 |
| Carta Linguística 2: Relâmpago----- | 103 |
| Carta Linguística 3: Neblina----- | 104 |
| Carta Linguística 4: Mexerica----- | 105 |
| Carta Linguística 5: Espiga----- | 106 |
| Carta Linguística 6: Bezerro----- | 107 |
| Carta Linguística 7: Remela----- | 108 |
| Carta Linguística 8: Enteadado----- | 109 |
| Carta Linguística 1: Trovão----- | 116 |
| Carta Linguística 2: Amendoim----- | 117 |
| Carta Linguística 3: Moinho----- | 118 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|--|
| ALF | Atlas Linguístico da França |
| ALI | Atlas Linguístico Italiano |
| ALPB | Atlas Linguístico da Paraíba |
| APFB | Atlas prévio dos falares baianos |
| ALPB | Atlas Linguístico da Paraíba |
| ALS I | Atlas Linguístico de Sergipe |
| ALS II | Atlas Linguístico de Sergipe |
| ALPR | Atlas Linguístico do Paraná |
| ALISPA | Atlas Linguístico Sonoro do Pará |
| ALMS | Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul |
| ALITTETO | Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do estado do Tocantins |
| ALINGO | Atlas Linguístico de Goiás |
| EALMG | Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LABOLLINGO | Laboratório da Língua de Goiás |
| SIG | Sistema de Informações Geográficas |

LISTA DE QUADROS E TABELAS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Sistema vocálico do Latim Clássico----- | 31 |
| Quadro 2 - Mudanças no sistema vocálico do Latim Clássico----- | 31 |
| Quadro 3 - Vogais tônicas da Língua Portuguesa----- | 32 |
| Quadro 4 - Vogais pretônicas da Língua Portuguesa----- | 33 |
| Quadro 5 - Vogais postônicas da Língua Portuguesa----- | 33 |
| Quadro 6 - Vogais postônicas finais da Língua Portuguesa----- | 33 |
| Quadro 7 - Pontos de Inquérito----- | 72 |
| Quadro 8: Perfil dos informantes selecionados para a pesquisa----- | 80 |
| Quadro 9 - Perguntas retiradas do questionário utilizado na elaboração do ALINGO e utilizadas nesta dissertação----- | 84 |
| Quadro 10 - Variáveis dependentes [e] e [o]----- | 86 |
| Quadro 11 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra cerrado----- | 91 |
| Quadro 12 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra relâmpago----- | 92 |
| Quadro 13 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra neblina----- | 93 |
| Quadro 14 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra mexerica----- | 94 |
| Quadro 15 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra espiga----- | 95 |
| Quadro 16 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra bezerro----- | 96 |
| Quadro 17 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra remela----- | 96 |
| Quadro 18 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra enteado----- | 97 |
| Quadro 19 - Resultados gerais da variável diatópica para a média pretônica [e]----- | 100 |
| Quadro 20 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra trovão----- | 110 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 21 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra amendoim----- | 111 |
| Quadro 22 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra moinho----- | 112 |
| Quadro 23 - Resultados gerais da variável diatópica para a média pretônica [o]----- | 115 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Distribuição da variável [e] conforme o sexo----- | 99 |
| Gráfico 2 - Distribuição da variável [e] conforme a faixa etária----- | 100 |
| Gráfico 3 - Distribuição da variável [o] conforme o sexo----- | 113 |
| Gráfico 4 - Distribuição da variável [o] conforme a faixa etária----- | 114 |
| Gráfico 5 - Resultados gerais da variante da vogal [e]----- | 119 |
| Gráfico 6 - Resultados gerais da variante da vogal [o]----- | 120 |

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO ----- | 17 |
| 2. DESCRIÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS: POPULAÇÃO E TERRITÓRIO ----- | 20 |
| 2.1 POVOAMENTO E FORMAÇÃO HISTÓRICA----- | 22 |
| 2.2 GOIÁS APÓS O CICLO DO OURO----- | 26 |
| 2.3 ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS----- | 28 |
| 3. SEGMENTO VOCÁLICO DO PORTUGUÊS ----- | 29 |
| 3.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS: VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS----- | 29 |
| 3.2 VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO----- | 33 |
| 3.3 ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL----- | 35 |
| 3.3.1 Região Norte----- | 35 |
| 3.3.2 Região Nordeste----- | 38 |
| 3.3.3 Região Centro-oeste----- | 41 |
| 3.3.4 Região Sudeste----- | 45 |
| 3.3.5 Região Sul----- | 49 |
| 4. DIALETOLOGIA SOB O MÉTODO DA GEOLINGUÍSTICA ----- | 53 |
| 4.1 AS PRIMEIRAS DOCUMENTAÇÕES DIALETOLÓGICAS ----- | 56 |
| 4.1.1 Atlas Linguístico da França (ALF) ----- | 56 |
| 4.1.2 Atlas Linguístico Italiano (ALI) ----- | 58 |
| 4.2 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL: DOS PRIMEIROS ESTUDOS À PUBLICAÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL ----- | 60 |
| 4.3 ALGUNS ATLAS ESTADUAIS BRASILEIROS JÁ DESENVOLVIDOS----- | 64 |
| 4.3.1 Atlas prévio dos falares baianos----- | 64 |
| 4.3.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais----- | 66 |
| 4.3.3 Atlas Linguístico da Paraíba----- | 66 |
| 4.3.4 Atlas Linguístico de Sergipe I e II----- | 67 |
| 4.3.5 Atlas Linguístico do Paraná----- | 68 |
| 4.3.6 Atlas Linguístico Sonoro do Pará----- | 69 |
| 4.3.7 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul----- | 69 |
| 4.3.8 Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonológico----- | 70 |
| 4.3.9 Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do estado do Tocantins----- | 70 |
| 5. PERCURSO METODOLÓGICO ----- | 71 |
| 5.1 BREVE DESCRIÇÃO SOBRE OS PONTOS DE INQUÉRITO----- | 71 |
| 5.1.1 Mesorregião de Centro Goiano----- | 75 |
| 5.1.2 Mesorregião do Noroeste Goiano----- | 76 |
| 5.1.3 Mesorregião do Norte Goiano----- | 77 |
| 5.1.4 Mesorregião do Leste Goiano----- | 78 |
| 5.1.5 Mesorregião do Sul Goiano----- | 79 |

| | |
|--|------------|
| 5.2 PERFIL DOS INFORMANTES E VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS----- | 80 |
| 5.3 O QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO----- | 84 |
| 5.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS----- | 86 |
| 5.4.1 Contextos fonético-fonológicos da vogal pretônica: a sílaba precedente e a sílaba seguinte----- | 87 |
| 5.4.2 Contextos fonético-fonológicos da vogal pretônica: as consoantes precedentes e seguintes----- | 87 |
| 5.4.3 Contexto fonético-fonológico da Nasalidade----- | 88 |
| 5.5 SELEÇÃO, TRANSCRIÇÃO DOS DADOS E ELABORAÇÃO DAS CARTAS----- | 88 |
| | |
| 6. CARTAS FONÉTICAS E ANÁLISE DOS DADOS----- | 90 |
| 6.1 REALIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ANTERIORES E POSTERIORES [e] E [o] EM POSIÇÃO PRETÔNICA----- | 90 |
| 6.1.1 Realização da vogal média em posição pretônica [e] na fala goiana----- | 90 |
| 6.1.2 Exposição por variável extralinguística----- | 98 |
| 6.2.1 Realização da vogal média em posição pretônica [o] na fala goiana----- | 110 |
| 6.2.2 Exposição por variável extralinguística----- | 112 |
| 6.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS----- | 119 |
| | |
| CONCLUSÃO----- | 121 |
| | |
| REFERÊNCIAS----- | 124 |

INTRODUÇÃO

O Brasil, assim como muitos outros países, é um país multicultural, com diferentes povos. Antes da colonização, o Brasil era habitado por milhares de povos indígenas que falavam diversas línguas e, com a colonização, o país passou por algumas mudanças, como o nascimento do Português Brasileiro. Entretanto, o português brasileiro da época dos colonizadores não é o mesmo falado atualmente, os trabalhos desenvolvidos por Amaral (1920) e Nascentes (1953) assinalaram tal fato. Desse modo, atualmente, no Brasil os falares variam bastante de região para região e os falantes são os principais responsáveis pelas mudanças ocorridas na língua, como coloca Milani (2012):

A língua, enquanto sistema, é invariável e não apresenta distorções em seu caráter; a transformação do sistema gera uma nova língua, ou dialeto, portanto, o sistema não permite rupturas. A língua, entretanto, enquanto manifestação da cultura de um povo, se institui como conjunto de possibilidades de materialização discursiva, por isso, em cada manifestação em discurso, em situações diferenciadas socialmente, apresenta variantes normativas infinitas.

Nesse contexto, fica evidente que a língua falada não é homogênea e muito menos uniforme. Cada falante possui sua forma de falar, influenciado, principalmente, pelo local onde ele vive e por meio da cultura na qual está inserido. A esse tipo de variação linguística, no espaço geográfico, dá-se o nome de variação diatópica. A ciência que estuda as variações recorrentes nas línguas é a Dialectologia, pois apresenta uma série de métodos capazes de analisar as variações. A Geolinguística é um método da Dialectologia utilizado pelos dialetólogos para descrever os dialetos/falares de um país ou estado, visto que a Geolinguística faz uso da cartografia para organizar e documentar os dados da fala.

Os primeiros estudos sobre os dialetos regionais no Brasil iniciaram na década de 20 com a publicação de *O Dialeto Caipira*, Amadeu Amaral (1875- 1929) e, posteriormente, com *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1886 - 1972). Os estudos acerca dos dialetos regionais que iniciaram com a publicação de *O linguajar Carioca* prorrogaram até os dias atuais por outros linguistas que buscam descrever como os fenômenos da fala se realizam em cada região do Brasil.

Como dito antes, a língua varia diacronicamente, sincronicamente e diatopicamente. Em Goiás, essas variações são recorrentemente observadas, isso ocorre porque “o território do estado de Goiás é muito grande e as influências são muitas, como se pode observar, pela

condição geográfica, onde se encontra localizado no território brasileiro” (MILANI, 2015, p. 271). Essas variações são ainda mais acentuadas com relação às vogais médias [e] e [o] em posição pretônica.

Assim, surgiu o interesse por estudar o comportamento das vogais médias em posição pretônica. Por meio de buscas sobre o tema estudado, constatamos a escassez de estudos sobre as vogais médias pretônicas em Goiás, uma vez que os estudos já realizados, como os de Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Graebin (2008), Silva (2013), e centram no estudo da fala de cidades, ou seja, municípios goianos de forma isolada, ao contrário do que propomos neste trabalho, pois desenvolvemos nosso estudo em todas as 5 mesorregiões do estado de Goiás. Sendo assim, é muito importante estudar o comportamento das vogais médias pretônicas para compreendermos as variações e como elas ocorrem no estado. Pensando nisso, levantamos as seguintes perguntas: (i) quando ocorrem as variações das vogais médias em posição pretônica nas cidades em que foram realizadas as coletas do estado de Goiás? (ii) quais as variações que ocorrem nas cidades de Goiás e por quê?

Desse modo, partindo das duas perguntas, concluímos que o objetivo principal da pesquisa é realizar o Atlas fonológico-fonético das vogais médias em posição pretônica no estado de Goiás. Os objetivos específicos são: (i) realizar a descrição das vogais médias pretônicas [e] e [o] na fala dos informantes goianos; (ii) mapear os estudos realizados sobre as médias pretônicas no estado de Goiás e no Brasil; (iii) propor uma interpretação dos resultados, tanto no que se refere aos condicionadores linguísticos quanto sociais; (iii) cartografar os resultados obtidos.

Em consonância com o objetivo geral e os específicos, buscamos observar as variações das médias pretônicas de acordo com as seguintes possibilidades: Alçamento: fenômeno que marca a elevação das médias pretônicas [e] e [o] transformando-as em [i] e [u]; Manutenção: preservação das médias pretônicas em seu estado natural, sem nenhuma alteração na abertura da média-alta [e, o] como em [se'xa:dʊ], [xe'mɛ:lɐ]; Abertura: fenômeno marcado pelo abaixamento da vogal média pretônica [e, o] transformando-as em [ɛ, ɔ], como em [se'xa:dʊ], [xɛ'mɛ:lɐ].

Sendo assim, para esta pesquisa, utilizamos como pressupostos teóricos-metodológicos a Dialectologia sob o método Geolinguístico e a Fonética e a Fonologia, pois buscamos mapear as vogais médias pretônicas e, para que isso fosse possível, foi indispensável aliar ambas teorias. A primeira para a realização das cartas linguísticas e a segunda para a análise dos dados.

Para a organização deste trabalho, foram destinados 7 capítulos, o qual o primeiro é esta parte, correspondente à introdução. O segundo é composto pela descrição do estado de

Goiás e o contingente populacional e territorial. Depois, ainda no mesmo capítulo, apresentamos, brevemente, um resumo sobre a história de Goiás e como ocorreu o seu povoamento.

O terceiro capítulo se dedica ao surgimento das vogais médias pretônicas, desde o Latim Clássico ao Português, bem como seus processos de mudanças e evolução. Ainda, no mesmo capítulo, apresentamos alguns estudos sobre as vogais médias pretônicas desenvolvidos nas regiões brasileiras.

No quarto capítulo, dedicamo-nos ao estudo da Dialetologia e da Geolinguística. Nele apresentamos as primeiras documentações dialetológicas e o percurso histórico dos estudos dialetológicos no Brasil. Na sequência, apresentamos alguns atlas regionais desenvolvidos sobre o português brasileiro.

O quinto capítulo apresenta o percurso metodológico de toda a pesquisa. No primeiro momento, realizamos uma descrição detalhada de todos os pontos de inquérito. Além dos pontos, expomos o perfil do informante analisado. Na sequência, apresentamos o questionário utilizado e as variáveis linguísticas. Ao final do capítulo, encontram-se o método de seleção, transcrição e elaboração das cartas.

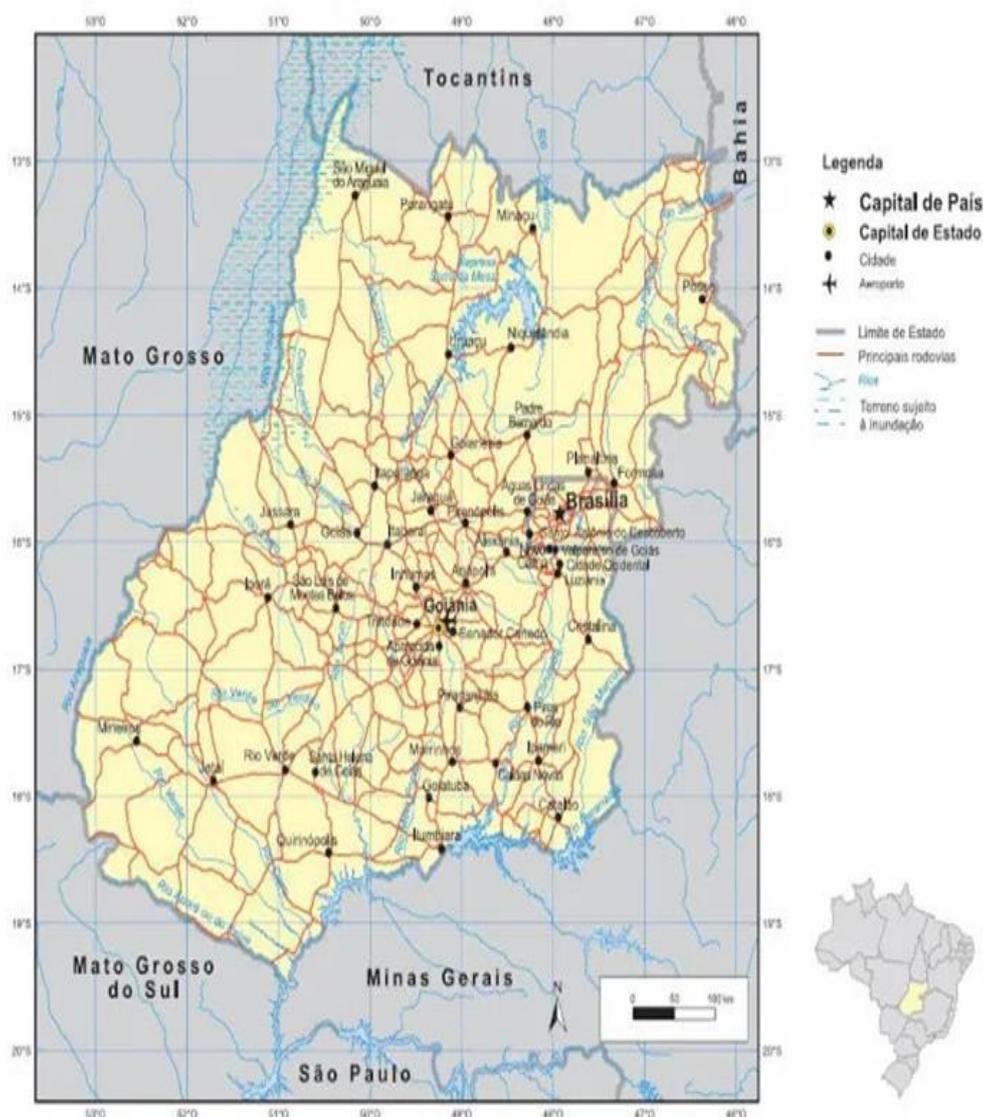
O sexto capítulo expõe os resultados e a análise deles. Os resultados são organizados em quadros e gráficos que auxiliam na compreensão dos dados. Além disso, apresentamos as cartas linguísticas após a análise diatópica. Ao final do capítulo, sistematizamos todos os dados analisados.

Por fim, ao final da dissertação, encontram-se as considerações finais que reúnem informações importantes apresentadas durante o trabalho e conclusões acerca da realização das médias pretônicas.

2 DESCRIÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS: POPULAÇÃO E TERRITÓRIO

Goiás é um estado formado por 246 municípios, com uma área territorial de 340.242,854 km e com uma população estimada de 7.113.540 habitantes, de acordo com dados do IBGE, no ano de 2020. Localizado no centro-oeste do Brasil, Goiás limita-se ao norte com Tocantins, ao oeste com Mato Grosso, ao sul com Mato Grosso do Sul e Minas Gerais e ao leste com a Bahia, conforme consta na figura 1:

Figura 1 - Mapa de Goiás



Fonte: IBGE, 2007.

O estado de Goiás, atualmente, é dividido em 5 mesorregiões, sendo elas: centro, leste, norte, noroeste e sul. As cidades pertencentes à mesorregião do centro estão localizadas

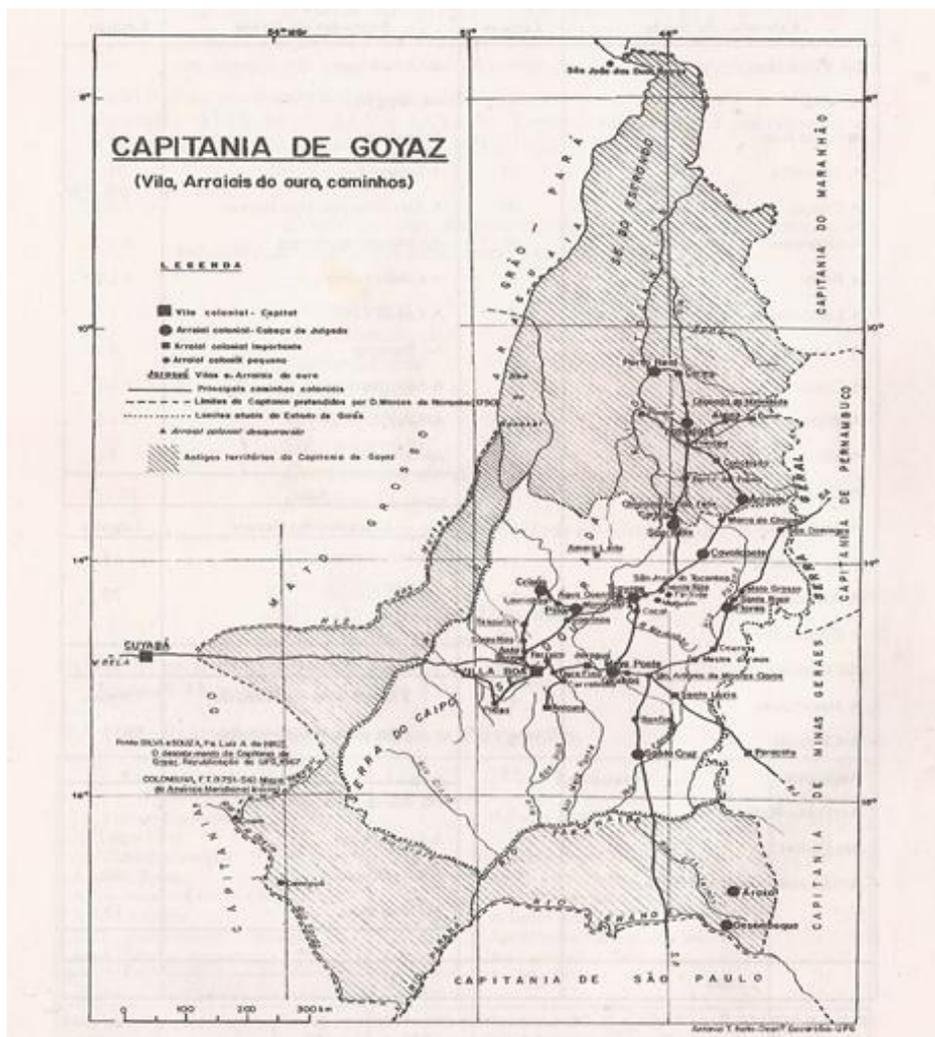
próximas à capital Goiânia. As cidades localizadas na mesorregião do leste estão próximas à Brasília. A mesorregião norte faz divisa com Tocantins e a noroeste, com Mato Grosso. A mesorregião sul, faz divisa com Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

A divisão do estado de Goiás, durante a colonização, seguia outros padrões, bem como possuía outras povoações. Antes da colonização da região central do Brasil, por volta do século XVIII, os habitantes de Goiás eram compostos por grupos indígenas, dos quais a maioria pertencia ao grupo Jê.

Posterior aos índios, o estado foi ocupado pelas expedições comandadas por bandeirantes no século XVIII. Essas expedições adentraram o território goiano em busca de índios para e ouro, como aponta Palacin, Garcia e Amado (1995). A população que ocupava então o estado de Goiás na época era composta por homens movidos para o estado à procura de ouro, a grande maioria era advinda de São Paulo e Minas Gerais.

O grande interesse pelo ouro fez com que imensos contingentes populacionais fossem atraídos para o novo estado e com a expansão da população iniciou-se a criação dos primeiros mapas das minerações que contemplavam a região de Vila Boa, região do rio Maranhão e região Norte. Na época, o estado de Goiás se estendia até o atual estado do Tocantins. O mapa a seguir mostra os locais demarcados para exploração do ouro e primeiros arraiais fundados:

Figura 2 - Capitania de Goyaz



Fonte: PALACIN, p.44, 1995.

2.1 POVOAMENTO E FORMAÇÃO HISTÓRICA

Antes dos bandeirantes, os primeiros habitantes de Goiás foram os povos autóctones, que de forma numerosa, habitavam a então região. Segundo Palacin, Garcia e Amado (1995) data-se, por volta do século XVIII, a ocupação de grupos indígenas em Goiás. Muitos eram os grupos presentes em Goiás, entretanto, havia a predominância do grupo Jê, como aponta Pedroso (1994).

De acordo com Sousa (1849), em Goiás havia em torno de 18 nações indígenas e, com a colonização, alguns foram alocados em aldeamentos indígenas criadas pelos jesuítas e bandeirantes com intuito de catequizá-los. Além das nações indígenas apresentadas por Sousa (1849), estudiosos constataram que haviam muito mais comunidades indígenas, dentre elas os Caiápos, Xavantes, Canoeiros, Apinagés, Goyazes, Crixás, Araés e Capepuxis. Alguns desses

grupos desapareceram sem que os estudiosos pudessem obter mais informações, outros ainda permanecem em reservas no estado, como é o caso do Avá-Canoeiro.

Dentre a vasta quantidade de grupos indígenas presentes no antigo território goiano, o primeiro grupo encontrado por Bartolomeu Bueno (pai)¹ foram os “Goyá”, nome a qual, por modificações desconhecidas, deu origem ao atual estado “Goiás”. De acordo com Pedroso (1994), os Goyás desaparecem tão rapidamente que não foi possível registrar nada a respeito da língua ou de outros aspectos da cultura deles e o mesmo aconteceu com os indígenas Krixás.

“Sobre os índios Goyá, Krixás, Araés, Capepuxi, Temimbó, Amadu, Poxeti, Gradaú, Tecemedu, Guiaguçu, Porecramecrã e Curemecrá não existe um trato de confiabilidade acadêmica que conduza a um estudo mais amplo” (MOURA, 2006, p. 60). Dos grupos citados, havia os que foram levados para os aldeamentos, como os Akroá, Xacriabá e Karajá. Segundo Moura (2006), os Akroá foram dizimados e os demais se realocaram em outras localidades, restando em Goiás atualmente somente os Avá-Canoeiro, Tapuios e Karajás.

Sousa (1849) descreve os Caiápós como nação bravíssima e muito numerosa, que contavam os meses por meio das fases da lua; os Canoeiros eram descritos como nação resistente que não foge à luta; os Goyás eram descritos como uma nação mais branca; os Xavantes eram descritos como ferozes e numerosos.

Além dos grupos indígenas, com a chegada das bandeiras, Goiás passou a possuir outro grupo de habitantes, os bandeirantes e jesuítas. Inicialmente, o primeiro grupo de bandeiras ao adentrar no atual estado tinha como objetivo caçar indígenas e escravizá-los, isto é, “nem bandeirantes nem jesuítas vinham para fixar-se em Goiás” (PALACÍN; MORAES, 1975). Entretanto, com a descoberta do ouro, o cenário foi se modificando aos poucos, pois Goiás passou a receber bandeiras interessadas na extração de ouro.

Assim, com as expedições das bandeiras saindo de São Paulo e Minas Gerais em direção ao estado de Goiás em busca de minas, marcaram o início do povoamento do atual estado. Ocupando, primeiramente, a região do rio Vermelho, fundando o arraial de Sant’Ana, que foi chamado de Vila Boa, e mais tarde, Cidade de Goiás, sendo durante 200 anos a capital do território (PALACIN; MORAES, 1975, p. 10).

A grande divulgação de regiões auríferas em Goiás fez com que pessoas de todas as partes do país adentrassem a região em busca do valioso ouro. Na época, os povoados iam

¹ Bartolomeu Bueno da Silva (Pai) foi um dos primeiros bandeirantes paulistas a adentrar o antigo território goiano para explorá-lo, sendo considerado o primeiro Anhanguera. Bartolomeu Bueno da Silva (filho), seguindo os passos do pai, desde os 12 anos, foi o segundo Anhanguera dando continuidade na exploração do território.

surgindo em regiões auríferas. “A descoberta de uma mina de ouro era razão suficiente para atrair pessoas e fazer surgir pequenos aglomerados constituídos de palhoças, cujos moradores dedicavam-se primordialmente à extração do precioso mineral” (TIBALLI, 1991, p. 21). Entretanto, muitos dos povoados que foram surgindo em Goiás na época da busca pelo ouro desapareciam na medida que o ouro desaparecia.

Nos 20 primeiros anos da mineração, quase todo o território de Goiás foi percorrido e vasculhado pelas bandeiras, que durante o tempo da seca procuraram novos “descobertos” de ouro. Mas só surgiram arraiais e se fixaram populações lá onde foi achado ouro (PALACIN; MORAES, 1975, p. 11). Na região Norte, o contingente populacional que ocupou a região norte do atual estado era constituído, de acordo com Tiballi (1991), “por pessoas que migravam basicamente da Bahia, Pará, Maranhão e Piauí” enquanto que, na região sul, foi “consolidada por mineiros do triângulo”.

Durante algum tempo, o que movimentou a economia goiana era a extração de minérios, mas por volta de 1770, afirma Palacin (1995), a mineração declinou progressivamente, mergulhando a capitania em estado de profunda depressão. Nessa época, alguns arraiais do antigo território goiano passavam por grande crise econômica, apelando novamente para a agropecuária. Com a escassez do ouro, houve uma evasão muito grande do estado, prevalecendo apenas aqueles agricultores e artesãos. Assim, com a evasão do estado no final do século XVIII, Goiás representava uma faixa de terra longínqua dos centros mais populosos sem se constituir no limite demográfico da colônia (TIBALLI, 1991, p. 36).

Os agricultores e artesãos que permaneceram na região após a escassez das atividades mineradoras, deram continuidade ao processo de expansão do povoamento do estado. Nesse sentido, durante o século XIX, “foram estruturadas as bases sobre as quais a população goiana teceu a rede de relações que definiu a posição de Goiás na organização político-econômica do Brasil e determinou as condições sob as quais se expandiu o povoamento na região” (TIBALLI, 1991, p. 36).

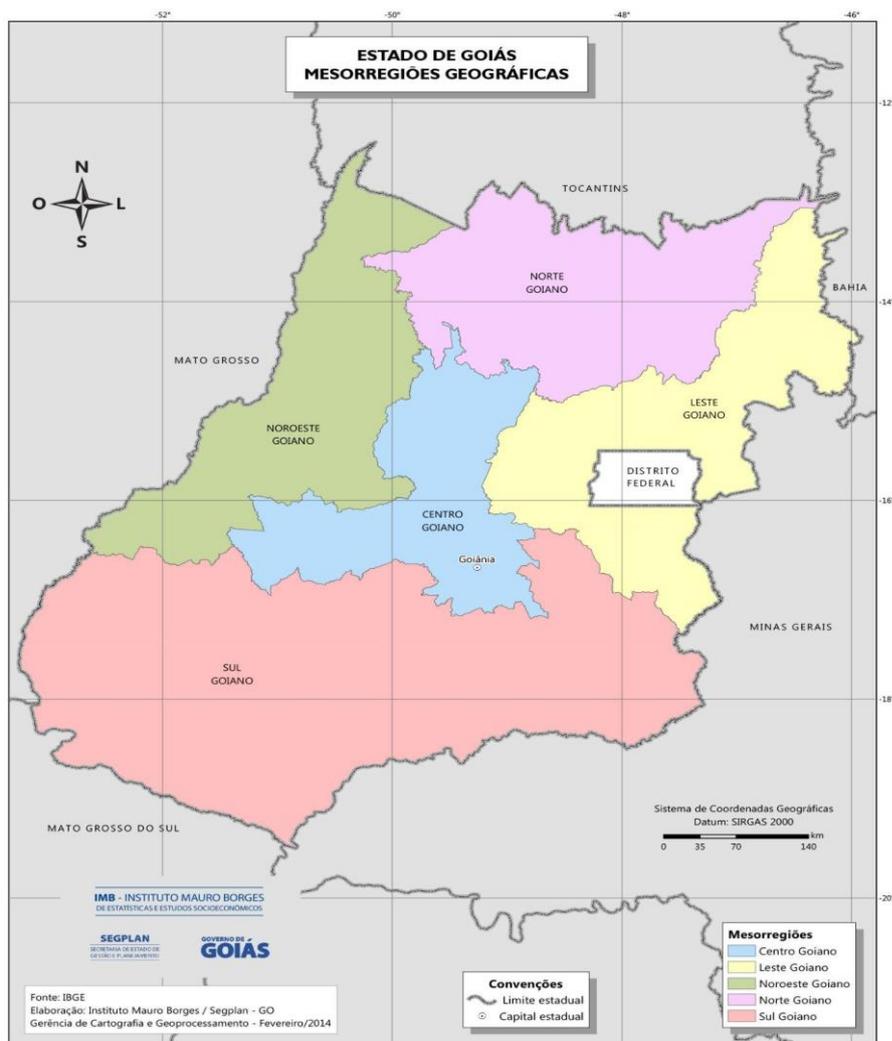
No início do século XX, a população de Goiás voltou a crescer, pois com os sertanejos e a cultura latifundiária o estado passou a ter uma grande marcação por coronéis. O centro-sul do estado, devido à maior facilidade de acesso, obteve maior desenvolvimento, tanto no quesito populacional quanto no desenvolvimento agropecuário. A região Norte do antigo território goiano, a qual conhecemos hoje como Tocantins, era de mais difícil acesso, portanto, recebeu uma quantidade menor de pessoas e demorou mais para se desenvolver.

Devido ao fato do Norte de Goiás estar atrasado em seu desenvolvimento, em 1809, iniciou-se a divisão da capitania de Goiás em duas Comarcas: a de Goiás e a do Norte. Segundo

Oliveira (2018), a construção de estradas foi aos poucos articulando ao futuro estado do Tocantins a dinâmica produtiva nacional, demarcando as terras da região e promovendo a valorização e a especulação fundiária. Com a criação da rodovia Belém-Brasília (BR-153), cidades em torno da rodovia começaram a surgir mudando o *status* do Norte goiano.

Embora cidades houvessem surgido e o status do norte goiano estivesse mudando, ideias separatistas relacionadas às políticas territoriais surgiram com a divisão do norte de Goiás criando um novo estado. Muitas tentativas foram feitas para que houvesse a separação do norte, no entanto após muitas discussões somente em 1988 o Norte goiano passa a ser um novo estado denominado de Tocantins. Sendo assim, Goiás passa a possuir uma quantidade menor de terras tal como conhecemos na atualidade, como é possível observar na figura a seguir:

Figura 3 - Estado de Goiás e mesorregiões



Fonte: IBGE, 2007.

2.2 GOIÁS APÓS O CICLO DO OURO

O século XX marca o início permanente das atividades agropecuárias no estado de Goiás, bem como o crescimento populacional do estado, tal fato é constatado em documentos apresentados por alguns estudiosos, como aponta Palacin e Moraes (1975), o censo de 1900 deu para Goiás uma população de 255.284 e o de 1920, registrou 511.919. Embora o índice populacional no estado tenha aumentado durante 20 anos, Goiás ainda possuía, nessa época, muitas áreas despovoadas e assim como hoje, o Sudeste era a região mais povoada.

Mesmo com o fim da monarquia, de acordo com Palacin e Moraes (1975), Goiás permaneceu estagnado. “Em todo o estado, continuava dominando a grande propriedade rural,

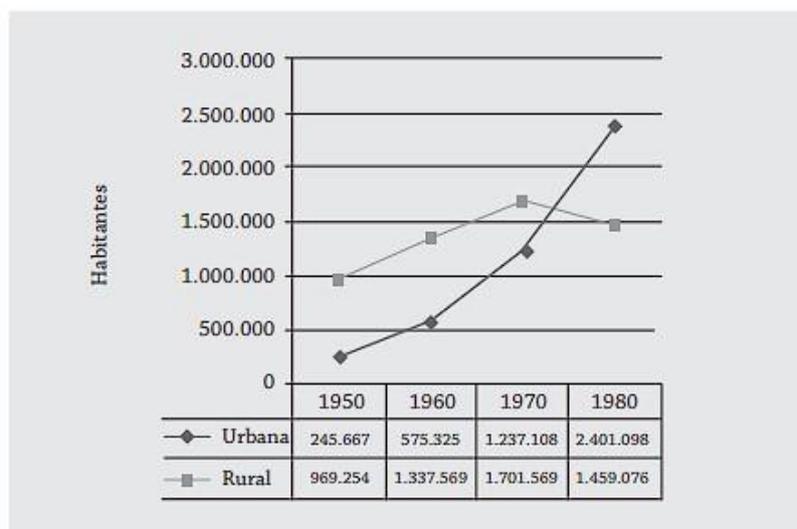
o latifúndio” (PALACIN; MORAES, 1975, p. 96). Entretanto, a criação de rodovias estaduais, a construção da estrada de ferro e o avanço da fronteira agrícola no estado fizeram com que algumas cidades com populações integralmente rurais aos poucos crescessem. Além disso, a construção de Goiânia na década de 30 e a Marcha para o Oeste² aceleraram o processo de urbanização:

As rodovias de integração nacional, especialmente a Belém-Brasília, desempenharam importante papel no processo de povoamento e urbanização de Goiás e Tocantins. Elas levaram os primeiros povoadores para regiões desabitadas e reanimaram o sangue novo as cidades que se encontravam isoladas do resto dos Estados ou à beira da estagnação e do desânimo; elas encurtaram as distâncias, facilitando um contato mais permanente e rápido entre populações ilhadas e fomentando de novos hábitos, novos costumes e novas mentalidades entre as populações (NETO, 1993, p.63).

O estado passa a receber muitos imigrantes entre os anos 40 e 50, de acordo com Palacin e Moraes (1975), durante esses anos, o estado alcançou um aumento de 1,67% da população, chegando a ultrapassar os 3 milhões de habitantes em 1970. Com o crescimento populacional e a construção de Goiânia, outros serviços foram desenvolvidos em todo o estado, como a construção de escolas, comércios, hospitais etc. O crescimento populacional durante esses anos pode ser observado na figura a seguir:

² A Marcha Para o Oeste foi um projeto desenvolvido durante a política de Getúlio Vargas cujo objetivo era promover o crescimento econômico e populacional das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Figura 4 - evolução da população urbana e rural em Goiás



Fonte: Arrais (2013, p. 105)

Assim, Goiás, como muitos outros estados, após os anos 1950, passa pelo processo de urbanização, ou seja, como atestam Palacin e Moraes (1975, p. 118), “é o que poderíamos chamar de êxodo rural ou a fuga dos campos”. Durante esse processo, vilas, pequenas e médias cidades cresceram e continuam crescendo, principalmente, os municípios localizados na região Sul do estado, como é o caso de Itumbiara, Catalão, Jataí, Rio Verde, Ipameri etc.

2.3 ASPECTOS FÍSICOS E AMBIENTAIS

Goiás pertence à segunda maior região do Brasil e a menos populosa, de acordo com Neto (1993), “ocupa a parte central do Brasil, o Estado de Goiás goza de situação privilegiada no conjunto nacional, decorrente de sua posição geográfica no sentido dos meridianos que determinam a não existência de equidistâncias”. A região, em sua grande maioria, é formada por planícies, sendo divididas em: planalto central e planalto meridional. No planalto central, está localizada a capital do Brasil, Brasília, que foi planejada e construída em 1960.

O clima em todo o estado pode variar entre temperaturas de 18° a 30°, média de precipitação em torno de 1500mm com umidade abaixo de 80%, marcadas por duas estações: uma chuvosa e uma seca. Embora essa seja a média climática, Neto (1993) afirma que, no território goiano e tocantinense, há uma grande variação climática, pois o território é extenso e não é totalmente uniforme.

Em Goiás, há a presença da vegetação marcada por árvores baixas de troncos e galhos retorcidos, pertencente ao bioma cerrado. De acordo com Neto (1993), o cerrado ocupa a maior

parte do estado e por isso é a vegetação que identifica o Estado no cenário nacional. Além disso, o cerrado representa um dos maiores domínios relacionados à economia agropecuária do Brasil, pois a vegetação é favorável ao plantio de arroz, soja, cana de açúcar e à criação de gado.

Além do clima favorável à plantação e a criação de gado, Goiás possui grandes bacias hidrográficas, como é o caso do Rio Tocantins e do Rio Araguaia. Os dois rios favorecem a prática de atividades pastoris, mineração, extrativismo vegetal, pesca e turismo e ainda permitem conexões com as bacias do Parnaíba e São Francisco (NETO, 1993).

A bacia hidrográfica goiana se faz importantíssima para o desenvolvimento do estado, uma vez que influencia no desenvolvimento de múltiplas atividades econômicas e sociais, fazendo com que o Estado se desenvolva cada vez mais. Sendo assim, a formação econômica é marcada pela agropecuária, extração de minério e produção agrícola.

3 SEGMENTO VOCÁLICO DO PORTUGUÊS

Nesta seção, realizamos um estudo e reconhecimento do segmento vocálico da língua portuguesa desde o seu surgimento, pois sabemos que é extremamente importante entender e acompanhar o percurso histórico dessas vogais na língua portuguesa para compreendermos fenômenos atuais. Sendo assim, no seguimento, realizamos a descrição histórica das vogais médias em contexto pretônico desde o seu surgimento no latim até a sua presença no português brasileiro atual. Por fim, apresentamos e discutimos a respeito de alguns trabalhos elaborados a respeito das vogais médias em posição pretônica na fala de informantes pertencentes a municípios/cidades brasileiras.

3.1 DO LATIM AO PORTUGUÊS: VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

A parte vocal, sonora, da linguagem humana é composta por vogais e consoantes, cada qual descrita por meio dos pontos e modos de articulação. No entanto, as consoantes se diferem das vogais pelo fato de que os sons consonantais sofrem algum tipo de obstrução total ou parcial na corrente de ar das cavidades supraglotais no momento em que são produzidos pelos seres humanos. Ao contrário das consoantes, as vogais, segundo Lopes (1980, p. 111), são fonemas sonoros resultantes da livre passagem da corrente de ar pela boca e as fossas nasais, órgãos estes que atuam como simples caixa de ressonância (órgãos ressonadores). Assim, cabe ressaltar que as consoantes são classificadas quanto ao lugar de articulação e quanto ao modo da articulação.

O lugar de articulação se refere aos órgãos usados na efetiva pronúncia de cada consoante existente no português brasileiro, portanto, são eles: os lábios, dentes, língua, alvéolos, véu palatino e glote. Por outro lado, as vogais são classificadas levando em consideração o formato dos lábios, podendo ser arredondado ou não; posição da língua referente à altura; a anterioridade/posterioridade da língua. O termo posterioridade é pertinente a um grau de encolhimento da língua ao pronunciar a vogal [u].

s traços articulatorios tanto das consoantes quanto das vogais são estudados desde a antiguidade, pois através deles era possível observar as mudanças e/ou evoluções ocorridas na língua, como é o caso da língua latina. O Latim, assim como a maioria das línguas, não apresentava uma uniformização. O Latim dos imperadores e nobreza, se diferenciava do Latim falado por grupos com menos instrução escolar. Segundo Castro (1991), o Latim Clássico era o utilizado nas universidades e o vulgar, o falado pela comunidade da época, centrado em grupos de falantes com baixa escolarização e menos influenciados pela tradição literária:

É no século primeiro da nossa era, chamado “Século de Augusto”, que começa a produzir uma seria diferenciação entre o Latim Literário e o Latim falado. Não deve esta diferenciação ser vista como uma posição dicotômica entre duas línguas, ou variedades de uma língua. A realidade é muito mais complexa e dinâmica, sendo inteiramente condicionada pela estrutura da sociedade romana (CASTRO, 1991, p.84).

De acordo com Teyssier (2004) o latim clássico possuía cinco timbres vocálicos, havendo uma vogal breve e uma longa para cada timbre, ou seja, um total de dez fonemas. Os sinais diacríticos ($\grave{}$) e ($\bar{}$) indicavam a distinção na escrita das palavras, como em: *mālum* “mau”, *mālum* “maçã”, *dīco* “digo”, *dīco* “consagro”. Na fala, a distinção era feita entre a maior duração de uma vogal em relação às outras da palavra. Essas vogais podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Sistema vocálico do Latim Clássico

| | Anteriores não arredondadas | Centrais | Posteriores arredondadas |
|--------|-----------------------------|-----------------------|--------------------------|
| Altas | \bar{i} \acute{i} | | \bar{u} \acute{u} |
| Médias | \bar{e} \acute{e} | | \bar{o} \acute{o} |
| Baixas | | \bar{a} \acute{a} | |

Fonte: Câmara Júnior (1975, p. 43)

Após a evolução e/ou mudança do Latim Clássico para o Vulgar, surgiu o acento de intensidade responsável por realizar a distinção entre as vogais. Desse modo, com o surgimento dessa distinção, as vogais passaram a ser classificadas de acordo com o acento, sendo elas organizadas em tônicas, átonas, pretônicas e postônicas, identificadas de acordo com os graus de elevação da língua, podendo ser altos, médios ou abertos. Assim, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas (CÂMARA JR, 1985, p. 42). Essas transformações podem ser observadas no quadro abaixo:

Quadro 2 - Mudanças no sistema vocálico do Latim Clássico

| Latim Clássico | Latim Vulgar |
|---|--------------|
| \bar{i} (longo) | I |
| \bar{e} (longo) e \acute{i} (breve) | E |

| | |
|-----------------------|---|
| ě (breve) | ɛ |
| ū (longo) | U |
| ō (longo) e ŭ (breve) | O |
| ö (breve) | ɔ |
| ā (longo) e ă (breve) | A |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Câmara Jr. (1985, p.43).

Essas mudanças que ocorreram na passagem do Clássico para o Vulgar influenciaram no surgimento da Língua Portuguesa, tanto que as vogais da Língua Portuguesa são as mesmas do Latim Vulgar. “É acrescente-se: se considerarmos não mais o sistema, mas sim as palavras tomadas individualmente, verificamos que em posição tônica o timbre das vogais de palavras do galego-português e também do português contemporâneo permaneceu o mesmo do latim imperial” (TEYSSIER, 2004, p. 11). Sendo assim, as vogais da Língua Portuguesa passaram ser distinguidas de acordo com a tonicidade, observadas nos quadros a seguir:

Quadro 3 - Vogais tônicas da Língua Portuguesa

| Anterior não arredondadas | Central | Posterior arredondadas |
|---------------------------|---------|------------------------|
| i | | u |
| e | | o |
| ɛ | | ɔ |
| | a | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Câmara Jr. (199, p.40).

As vogais observadas no quadro 3, reduzem-se a 5 no quadro 4 e 5, pois as vogais [e] e [o] suprimem o contraste entre [ɛ] e [ɔ] e o uso das médias baixas ou altas acarretará a variação. Essa redução ocorre em decorrência do processo fonológico de neutralização. A neutralização é a perda de mais de uma oposição, isto é, o traço distintivo desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. (CÂMARA JR, 1999, p. 42; CAGLIARI, 2002, p. 46).

Quadro 4 - Vogais pretônicas da Língua Portuguesa

| Anterior não arredondadas | Central | Posterior arredondadas |
|---------------------------|---------|------------------------|
| i | | u |
| e | | o |
| | a | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Câmara Jr. (199, p.43).

Quadro 5 - Vogais postônicas da Língua Portuguesa

| Anterior não arredondadas | Central | Posterior arredondadas |
|---------------------------|---------|------------------------|
| i | | u |
| e | | o |
| | a | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Câmara Jr. (1999, p. 43).

No caso das vogais postônicas finais a redução é ainda maior, pois as vogais realizam-se de forma diferente, [e] é realizado de forma alta [i], como em sed[i], leit[i] e o [o] é realizado de forma alto [u], como em: menin[u], bonit[u], ferid[u]. Desse modo, os quadros vocálicos nesse caso passam a conter somente três vogais, como é possível observar no quadro 6 abaixo:

Quadro 6 - Vogais postônicas finais da Língua Portuguesa

| Anterior não arredondadas | Central | Posterior arredondadas |
|---------------------------|---------|------------------------|
| i | | u |
| | a | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Câmara Jr. (1999, p.43).

Essas variações das vogais ocorrem devido a vários processos, os quais podem ser fonológicos, morfológicos, prosódicos etc. Se tratando das vogais pretônicas, muitos foram os processos fonológicos responsáveis pela mudança na passagem do Vulgar para o Português. De acordo com Coutinho (2011), esses processos fonológicos são classificados pela troca, acréscimo, supressão e transposição de vogais e consoantes. Em cada processo pode ocorrer mais de um fenômeno, sendo eles:

- Assimilação é a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas que é resultante da influência que um exerce sobre o outro. Esse fenômeno pode ser observado na realização das vogais pretônicas, como no alçamento de [o]. Exemplo: *c[o]gnatus* > *c[u]nhado*;
- Dissimilação é o oposto da assimilação, ou seja, ocorre a troca de um fonema evitando-se a repetição de sons similares, é o caso de *f[o]rmosus* > *f[e]rmoso (arc.)* > *f[o]rmoso*;
- Aférese ou supressão de fonema no início do vocábulo, como em *[e]piscopus* > *bispo*;
- Prótese é o acréscimo de fonema no começo do vocábulo, como é o caso de *scribere* > *[e]screver*;
- Síncope ocorre com a subtração do fonema no meio do vocábulo, por exemplo, *hon[o]rare* > *honrar*;
- Epêntese ou acréscimo de fonema no interior da palavra, a exemplo de *planus* > *prão* > *p[o]rão*.

Além desses fatores linguísticos, é inegável que as mudanças ou variações das vogais, principalmente das pretônicas, também tiveram influência de fatores externos à língua, pois, como foi mencionado anteriormente, a variação entre o Latim Clássico e o Vulgar estava associado à classe social.

3.2 VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português brasileiro só passou a ser a língua predominantemente falada no país após as políticas pombalinas no século XVIII. Com a publicação do Diretório dos Índios, no qual Marquês de Pombal prescrevia a substituição da língua geral pela língua portuguesa. Antes da obrigatoriedade de uso da língua portuguesa, no Brasil era falada a língua geral, como explica Rodrigues (1996, p. 6):

A expressão língua geral tomou um sentido bem definido no Brasil nos séculos XVII e XVIII, quando, tanto em São Paulo como no Maranhão e Pará, passou a designar as línguas de origem indígena faladas, nas respectivas províncias, por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupis-guaranis, (especificamente o tupis em São Paulo e os tupinambás no Maranhão e Pará) à qual foi-se agregando o contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas.

Desde a substituição das línguas gerais, o português é a língua predominantemente falada no Brasil. No entanto, o português assumiu estrutura que conhecemos atualmente devido à grande mistura de línguas antes faladas no Brasil colônia. O português brasileiro é segundo Câmara Jr. (1999), uma língua oral muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7

fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones dos quais foram apresentados no subtópico 3.1.

A harmonia vocálica é um dos fatores que influencia as vogais médias em posição pretônicas a perderem suas características, pois a harmonia vocálica consiste no fato de vogais de uma determinada palavra se tornarem foneticamente semelhantes a outras. Assim, as vogais médias /e/ e /o/ podem assimilar a altura das vogais que a seguem na sílaba. Segundo Câmara Jr. (1999), no registro informal do dialeto carioca, /o/ e /u/, de um lado, e, de outro lado, entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona.

De acordo com Callou e Leite (2000), no português brasileiro temos 26 fonemas segmentais (19 consonantais e 7 vocálicos, desses vocálicos, 5 podem ser nasalizados e dois podem ser semiconsonânticos). Possuímos, ainda, um fonema suprasegmental, o acento que não é um segmento e sim uma qualidade que se superpõe a certos segmentos. Sendo assim, os fenômenos fonológicos têm uma forma estruturada, como organiza Callou e Leite (2000) nas páginas 44 – 45:

- Processos que acrescentam traços ou mudam a especificação dos traços (o processo de assimilação é um dos mais conhecidos e é também responsável por um grande número de alterações fônicas. Podemos citar por exemplo a nasalização e palatalização que fazem com que uma vogal se torne nasalizada diante de uma consoante nasal;
- Processos que inserem segmentos (por exemplo, a ditongação, a epêntese etc. Que irão explicar o aparecimento de uma semivogal em rapa[y]z e de uma vogal em ab[i]soluto, ad[i]vogado etc.;
- Processos que apagam segmentos (pronúncias como o[kl]os, xi[kr]a, ‘prai’ por ‘espera aí’, tradicionalmente denominados síncope, aférese, apócope, a depender da posição em que se encontra a vogal).

Em resumo, as vogais do português brasileiro possuem características próprias que são assumidas de acordo com o contexto em que se encontram, ou seja, de acordo com Câmara Jr. (1997, p. 4), ao mesmo tempo, a língua padrão do Brasil se diferencia da língua popular pela manutenção dos proparoxítonos, que esta tende a reduzir a paroxítonos pela supressão de um segmento postônico, como em *exérço*, em vez de *exército*, ou *Petrópolis*, por *Petrópolis*, e assim por diante. Desse modo, a tonicidade, a assimilação, modos e pontos de articulação são

elementos fundamentais na descrição de fenômenos, como a variação das vogais em diferentes regiões do país.

3.3 ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL

Dentre as variedades linguísticas na Língua Portuguesa do Brasil, as vogais médias em posição pretônica estão entre as responsáveis por caracterizar o modo de falar em algumas regiões brasileiras. Tal constatação teve início com Nascentes (1953), ao dividir o Brasil em dois subfalares: Sul e Norte, em seu trabalho intitulado *O linguajar carioca*. Nesse trabalho, o autor observou que em algumas regiões brasileiras é predominante a realização das vogais médias em posição pretônica abertas [ɛ] e [ɔ] e em outras as vogais médias-fechadas [e] e [o].

Após a divisão realizada por Nascentes (1953), outros trabalhos voltados para a observação das vogais médias em posição pretônica foram surgindo. Desse modo, nos subtópicos a seguir, apresentamos e discutimos a respeito de alguns dos principais trabalhos realizados sobre essas vogais. Ressaltamos que esses trabalhos foram divididos de acordo com as regiões brasileiras exploradas e ordenamos de acordo com a data de publicação de cada um.

Além desses trabalhos mencionados aqui, há ainda muitos outros estudos sobre as vogais médias pretônicas que foram desenvolvidos ou que estão em processo de desenvolvimento. Ressaltamos aqui apenas alguns dos trabalhos que foram lidos e os quais foram fonte de inspiração para o desenvolvimento da análise de nossos dados.

3.3.1 Região Norte

Na região norte, há alguns trabalhos que exploram as vogais médias em posição pretônica. Desse modo, destacamos a dissertação de Nina (1991) que estuda os aspectos fonéticos-fonológicos na fala de informantes de Belém, capital do estado do Pará. Seu trabalho é desenvolvido com base na metodologia Sociolinguística.

Os resultados obtidos em seu estudo apontam que há mais alçamento da vogal posterior [o] do que a vogal anterior [e]. Com relação ao abaixamento, a autora não apresenta dados significativos que atestam o abaixamento das vogais estudadas. Com esses resultados, ela conclui que a vogal da sílaba seguinte à pretônica é um dos fatores mais fortes e condicionadores tanto para o abaixamento quanto para o alçamento das médias em posição pretônica.

Com relação aos fatores sociais explorados, a autora expõe que em seus resultados não há uma diferenciação marcada em relação aos fenômenos: abaixamento e alçamento, pois essas variações ocorrem tanto na fala dos informantes de nível superior quanto em informantes do primeiro grau. Já em relação a idade, a autora observa que os informantes mais velhos realizam com maior frequência o alçamento de [e] e os homens em geral realizam mais o abaixamento de [o].

Em continuidade aos estudos das médias pretônicas na região Norte, citamos Freitas (2001), que sob o método da Sociolinguística Quantitativa, estuda o comportamento das vogais médias pretônicas de 32 informantes em Bragança, cidade localizada no Nordeste do Pará.

Em seu trabalho, a autora constatou uma maior frequência das vogais médias-baixas [ɛ, ɔ] por parte dos falantes da cidade. Já o alçamento das médias [e, o], ocorre com menor intensidade se comparado com as médias baixas. Os resultados mostrados pela autora comprovam que Bragança se enquadra na região Norte proposta por Nascentes (1953).

De acordo com Freitas (2001), o abaixamento de [e] e [o] é favorecido pelas alveodentais, pelas palatais, como também pela fricativa glotal. Com relação ao alçamento, favorecem as laterais, sibilantes e pelas velares. Dentro das variáveis extralinguísticas trabalhadas, a autora aponta que a baixa escolaridade favorece “o alteamento, e desfavorecendo a manutenção e o abaixamento” (FREITAS, 2001, p. 109). Em suma, a autora apresenta que os resultados obtidos em seu trabalho estão em consonância com os resultados apresentados no trabalho de Nina (1991).

Assim como os trabalhos apresentados acima, Sousa (2010) desenvolve o estudo das vogais médias pretônicas na área urbana do município de Belém, no estado do Pará, com base no método da Sociolinguística Variacionista. Sua amostra é constituída por 48 entrevistas de informantes com idade entre 15 a 25, 26 a 45 e de 46 em diante. Além da idade, ela observa as variáveis extralinguísticas: escolaridade e sexo.

Em seus resultados, a autora apresenta 776 variantes [e] e 658 variantes de [o], ambos dados foram submetidos ao programa *VARBRUL*³. Seus dados mostraram que na área urbana da capital é predominante a manutenção da vogal média em posição pretônica. Para a conclusão de seus resultados, Sousa (2010) considerou 6 variáveis linguísticas, sendo elas: fonema

³ O *varbru* é um programa que mede estatisticamente dados linguísticos de acordo com as variáveis estudadas. “A regra variável é analisada através de um modelo matemático no qual se calcula a probabilidade do uso geral de um fenômeno (input), associado aos elementos contextuais que o condicionam (fatores) e às tendências probabilísticas que o favorecem ou desfavorecem em cada contexto (pesos relativos). Esse recurso mede a significância das variáveis independentes, além de permitir o teste de hipóteses sobre o tipo, a extensão e a direção dos efeitos causados pelas variáveis independentes” (OLIVEIRA, 2013, p. 91 apud GUY; ZILLES, 2007).

vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é oral; fonema vocálico da sílaba tônica quando a pretônica é nasal ou nasalizada; distância da vogal pretônica para a sílaba tônica; sufixos; consoante do *osent* e peso silábico em relação a variável dependente.

Em Sousa (2010), os resultados obtidos quanto a variável extralinguística relacionada à escolaridade se difere dos apresentados por Freitas (2001), uma vez que em Sousa (2010) é confirmado o que os informantes com baixa escolaridade tendem a realizar a manutenção de [e] e [o]. Tais resultados demonstram o quão a língua é viva e dinâmica e que muda de acordo com o tempo.

Oliveira (2013) realiza sua pesquisa sobre as vogais médias pretônicas no falar marabaense, cidade localizada no estado do Pará. O autor, assim como os trabalhos apresentados anteriormente, se fundamenta na Sociolinguística para descrever o fenômeno linguístico estudado. O autor realizou sua pesquisa com 36 sujeitos nativos de Marabá e que não se ausentaram da cidade por muito tempo.

O autor trabalhou com as variáveis extralinguísticas (escolaridade, faixa etária e sexo) e variáveis linguísticas, sendo elas: contexto fonético precedente, encontro consonantal, pausa, nasalidade, ditongo, ponto e modo das consoantes, altura da vogal da sílaba subsequente, intensidade da vogal da sílaba subsequente e classe de palavras. Essas variáveis foram submetidas e estudadas pelo programa *VARBRUL*.

Os dados obtidos por Oliveira (2013) mostraram que há a predominância das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] (48%, 51%), o segundo quantitativo é apresentado pelas médias-altas [e, o] (34%, 27%) e o terceiro pelas altas [i, u] (18%, 22%). As vogais médias baixas são influenciadas quando a sílaba subsequente também possui vogal média baixa; já as vogais médias-altas possuem elevada probabilidade de ocorrência quando a sílaba subsequente apresenta vogal média-alta. Em suma, “referentes à altura vocálica subsequente mostram probabilidades equilibradas de ocorrências das variantes vocálicas e isso se deve ao processo de harmonização” (OLIVEIRA, 2013, p. 122).

Além dos resultados influenciados pelas variáveis linguísticas, o autor mostra que nas variáveis sociais, as médias baixas são mais conservadas na pronúncia dos homens com meia idade e idosos cuja escolaridade seja baixa e/ou correspondente ao ensino básico. Já com as mulheres e jovens, acontece o contrário, pois tendem a controlar e monitorar as suas falas. Assim, ele conclui que as mulheres tendem a usar a forma mais prestigiada da língua ao contrário dos homens que optam por mais pelo uso da variedade não-padrão da língua.

Tavares (2019), consoante aos trabalhos apresentados, estuda as vogais médias em posição pretônica, entretanto, desenvolve seus estudos na fala de Manaus, capital do

Amazonas. A autora, diferente dos outros trabalhos, faz uso do método Geolinguístico, estabelecido pela Dialectologia, com apoio da Sociolinguística. Assim como Sousa (2010), Tavares (2019) realiza sua pesquisa com 24 informantes de três faixas etárias, sendo elas de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos).

De acordo com Tavares (2019, p. 120), “o resultado das investigações das vogais pretônicas /e/ demonstrou predominância do fenômeno do alteamento [i], seguida da manutenção [e] e com baixa significância do abaixamento [ɛ], porém a vogal pretônica /o/ apresentou o uso predominante da variante média-fechada [o], seguida da variante alta [u], e com pouca significância, a variante média baixa [ɔ]”. Seus resultados mostraram também que a terceira faixa etária apresentou maior incidência de realização manutenção da vogal, com uma porcentagem de (60,1%). Além disso, 3ª faixa etária é a que mais emprega o alteamento, apresentando índice expressivo da variante alta (43,1%).

3.3.2 Região Nordeste

Na região nordeste, há muitos trabalhos sobre as vogais médias em posição pretônica, portanto, dada a vasta quantidade de trabalho, elencamos algumas teses e dissertações. Silva (1989) analisa as vogais em posição pretônica na variedade culta na fala de Salvador, Bahia. O *corpus* trabalhado é o do (NURC - SA)⁴ o qual a amostra do trabalho é constituída de 24 informantes com ensino superior. Em seu trabalho, a autora confronta os dados obtidos no *corpus* do NURC - SA com os dados do Atlas *Prévio dos Falares Baianos*.

Para a análise dos dados, Silva (1989) considerou as seguintes variáveis linguísticas: sílabas iniciais; sílabas internas; vogais pré-acentuadas que possuem ditongos e hiatos. Com isso, ela concluiu que a vogal média [e] é alçada em posição inicial absoluta, seguido de S implosivo, como [i]scola, [i]scuro. Além disso, o alçamento de [o] é favorecido quando há vogal alta na sílaba seguinte, a consoante velar ou labial precedendo a vogal [o] e/ou a consoante seguinte labial. Em suma, os resultados mostram que em Salvador, na pesquisa de Silva (1989) é predominante a realização das vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ].

Em continuidade com a apresentação de estudos sobre as médias em posição pretônica no nordeste brasileiro, destacamos o trabalho de Araújo (2007), que estudou a variedade das vogais médias [e] e [o] na fala popular de Fortaleza, capital do Ceará. Seu trabalho é

⁴ Projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NURC - SA).

fundamentado e desenvolvido sob a perspectiva variacionista de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1994).

A autora realiza sua pesquisa com dados de 72 informantes que foram estratificados igualmente, em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Para a análise de seus dados, além das variáveis extralinguísticas, Araújo (2007) testou os seguintes fatores linguísticos: vogal tônica, vogal átona seguinte, distância em relação à tônica, tipo de atonicidade, nasalidade, contexto fonológico precedente e seguinte, tipo de sílaba, estrutura morfológica.

Como resultado, foi constatado que há predominância das vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] na fala popular de Fortaleza, assim como no trabalho de Silva (1989). Sobre essa constatação a autora afirma que:

A variação das médias pretônicas é condicionada, principalmente, pela variável tipo de vogal tônica. No entanto, não se pode afirmar que a tonicidade por si só é suficiente para determinar qual variante será eleita, pois há inúmeros casos onde a pretônica, apesar de estar diante de uma vogal tônica de mesma altura, não assimila o traço de altura da vogal acentuada. Nestes casos, em geral, a pretônica harmoniza-se com a altura da vogal átona seguinte. Assim só se pode dizer sem hesitar que os processos de alteamento, abaixamento e manutenção das pretônicas, tanto da vogal /e/ quanto da vogal /o/, são regidos, primordialmente, pelo princípio de harmonização vocálica, em que a pré-acentuada copia o traço de altura da vogal adjacente, seja ela tônica ou átona (ARAÚJO, 2007, p. 141).

Com relação às variáveis sociais, a autora diz que a faixa etária é uma das influenciadoras tanto no alçamento da vogal pretônica quanto no abaixamento. A faixa etária mais jovem tende a utilizar mais as vogais fechadas [e] e [o] ao contrário dos mais velhos que atuam positivamente sobre a elevação de ambas vogais e agem negativamente sobre a manutenção das pretônicas. Além da faixa etária, a autora diz que a variável escolaridade condiciona o alteamento de /e/ e /o/. A baixa escolaridade favorece, discretamente, o emprego das formas [i] e [u], enquanto a escolaridade mais alta inibe a aplicação destas variantes.

Amorim (2009) estuda as vogais médias pretônicas [e] e [o] na fala culta de Recife, capital de Pernambuco. Com base no método Sociolinguístico Quantitativo, ele selecionou doze informantes, de acordo com o gênero (feminino e masculino) e idade entre 39 a 40 anos ou mais. Dentre as variáveis extralinguísticas, cabe destacar que o autor não trabalhou com a variável escolaridade.

Com a coleta, o Amorim (2009) obteve 6.360 dados que foram submetidos ao programa computacional *GOLDVARB X*, que realiza a computação estatística dos dados do fenômeno estudado. Esses fenômenos foram submetidos às variáveis extralinguísticas mencionadas anteriormente e as variáveis linguísticas, sendo elas: contexto fonológico precedente, contexto

fonológico posterior, extensão do vocabulário, posição quanto à sílaba tônica, tipo de vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, tipo de sílaba, natureza do vocábulo, *corpus* e estrutura da sílaba.

Os resultados de Amorim (2009) mostram que as consoantes palatais em posição anterior e posterior, favorecem o abaixamento de [e]. Já as consoantes alveolares, dentais, velares e bilabiais, favorecem o alçamento de [e]. Além disso, a vogal tônica [i] favorece tanto o alçamento de [e] quanto o abaixamento. Na realização de [o], as consoantes alveolares, dentais, glotais em posição anterior e as bilabiais em posição posterior, são as favorecedoras do abaixamento da média em posição pretônica [o]. Em contrapartida, as favorecedoras do alçamento de [o] são as bilabiais, velar (em contexto anterior), labiodental e palatal em contexto posterior. Com esses resultados, o autor conclui que em Recife, a fala culta é marcada pela preferência pela manutenção das vogais médias [e] e [o].

Quanto às variáveis extralinguísticas, Amorim (2009) mostra que a faixa etária não foi relevante, pois não apresentou nenhuma favorecedora do alçamento e/ou abaixamento de [e] e [o]. Por outro lado, a variável sexo/gênero, mostrou que as mulheres são mais conservadoras em relação a fala, pois optam pela manutenção de [e] enquanto os homens preferem as vogais baixas. Sendo assim, o autor aponta que as variáveis linguísticas se mostram mais relevantes se comparadas com as variáveis linguísticas.

Almeida (2017), assim como os outros trabalhos apresentados, estuda as vogais médias [e] e [o] em posição pretônica. Entretanto, Almeida (2017) investiga a realização das vogais médias em posição pretônica na fala culta de Fortaleza, capital do Ceará. Seu trabalho é desenvolvido sob o método da Sociolinguística Variacionista e contou com dados coletados de 34 informantes, provenientes do banco de dados PORCUFORT (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza).

Os informantes foram selecionados de acordo com sexo (feminino e masculino) e faixa etária, que foi organizada em três, sendo a faixa etária I composta por informantes com idade entre 22 e 35, a faixa etária II constituída por informantes com idade entre 36 e 49 e a III, por indivíduos com 50 anos ou mais. Os dados desses informantes foram submetidos ao programa *GoldVarb X*.

Além das variáveis extralinguísticas estudadas, a autora analisa as variáveis linguísticas, que são as mesmas exploradas por Amorim (2009). Após a análise dos dados, a autora constatou que as vogais médias em posição pretônica [e] e [o], na fala culta de Fortaleza, podem ser realizadas o abaixamento [ɛ] e [ɔ] e alteamento [i] e [u]. Entretanto, os resultados mostram que “dentre as vogais anteriores, a manutenção (49%) é a regra mais aplicada entre

os nossos informantes, já, entre as posteriores, a regra mais produtiva é o abaixamento (46%)” (ALMEIDA, 2017, p. 8).

Ainda, os resultados da autora mostram que os maiores condicionadores dos fenômenos em estudo são as variáveis linguísticas, pois as variáveis extralinguísticas apresentaram menor índice percentual de condicionamento. Assim, quanto à variação de /e/, no contexto fonológico precedente, as velares beneficiam o abaixamento enquanto que o alçamento nesse mesmo contexto fonológico é influenciado pelas consoantes alveolar, dental, palatais e palatalizadas. No contexto fonológico seguinte, as consoantes favorecedoras do alçamento são: labiais e glotais. Quanto ao alçamento, as vogais favorecedoras são as labiais, palatais e velares.

Quanto à variação de /o/, no contexto fonológico precedente, o fenômeno de abaixamento tem como aliado as consoantes: alveolar, dental, labiais, palatais e palatalizadas. Com relação ao fenômeno de alçamento, as consoantes favorecedoras são: as labiais e velares. No contexto fonológico seguinte, as favorecedoras do abaixamento são: labiais, velares e glotais, enquanto que no alçamento a favorecedora são as consoantes labiais.

3.3.3 Região Centro-Oeste

Na região Centro-oeste, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) desenvolvem um estudo sobre a variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília, capital do Brasil. As autoras procuram entender se o alçamento e abaixamento de [e] e [o] são fenômenos considerados neogramáticos ou de difusão lexical. Desse modo, para estudar as variações das vogais médias pretônicas em Brasília, as autoras exploram as variáveis linguísticas: vogal da sílaba seguinte, ambiente fonológico precedente e seguinte e tonicidade subjacente.

De acordo com as autoras, além das variáveis linguísticas, foram considerados sexo dos falantes, a classe social e a origem dos pais. Foram estudados dados de quatorze informantes, sete homens e sete mulheres com idade entre 11 a 38 anos. Além da idade e sexo, as autoras consideraram a classe social, sendo 6 informantes de classe média baixa e 6 de classe média alta.

Os resultados do estudo de Bortoni, Gomes e Malvar (1992), assim como nos trabalhos mencionados anteriormente, foram submetidos a um programa computacional que analisa dados linguísticos e constataram que no ambiente vogal seguinte “a elevação de [e] é favorecida pela presença de vogais altas orais e nasais na sílaba seguinte, enquanto esses mesmos ambientes (...) e todas as vogais, com exceção do [o], [õ], [a], [ã] é [ẽ], favorecem a

elevação de [o] abaixamento, por sua vez, é favorecido pelas baixas” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 17 - 21).

Com relação ao ambiente fonológico precedente e seguinte, a presença de consoantes palatais favorece a elevação de [e] e as consoantes alveolar, velar e labial favorecem o abaixamento de [e]. Se tratando da média [o], as consoantes palatais, velares e labiais favorecem o alçamento e a alveolar favorece o abaixamento. De acordo com as autoras, não houve elevação de [o] em início de palavra. O seguimento de tonicidade subjacente favorece a elevação e desfavorece o abaixamento de [e] assim como em [o].

Em suma, no trabalho de Bortoni, Gomes e Malvar (1992), é apresentado que em Brasília o abaixamento das vogais [o] e [e] foram mais frequentes na fala dos informantes de média baixa foram respectivamente enquanto que os informantes de classe média-alta tendem a realizar a manutenção. Tais resultados são respaldados levando em consideração que Brasília, durante a sua fundação, recebeu uma grande quantidade de nordestinos. Além disso, os resultados mostraram que as mulheres realizam mais o abaixamento das vogais ao contrário dos homens.

No seguimento dos estudos sobre as vogais médias no Centro-oeste, Gaebrin (2008) realiza seus estudos na fala dos moradores de Formosa, cidade localizada no estado de Goiás. A autora realiza sua pesquisa sob a Teoria da Variação Linguística, delineada por Labov. Além disso, em sua discussão dos dados, ela relaciona e faz apontamentos sobre a influência das teorias neogramática e difusionista na variação das vogais médias em posição pretônica [e] e [o].

A autora estudou as seguintes variações: alçamento, manutenção e abaixamento das vogais médias em posição pretônica. Os contextos linguísticos explorados para a identificação dos fenômenos, foram: vogal seguinte, consoantes precedentes e seguintes e acento secundário. Com relação às variáveis extralinguísticas, foram exploradas a classe socioeconômica, tipo de discurso, escolaridade e sexo.

Os resultados relacionados aos contextos linguísticos de vogal seguinte, mostraram que a vogal [ɛ] foi responsável pelo abaixamento das vogais [e] e [o]. Já a vogal [ɔ] e [a] foram responsáveis pelo abaixamento somente de [o]. Além dessas vogais orais, as nasalizadas [ẽ] e [ã] apresentaram o maior índice de favorecimento do abaixamento, sendo o [ẽ] favorecedora do abaixamento de [e] e [ã], favorecedora do abaixamento de [o]. Com relação ao alçamento, a presença da harmonização vocálica foi nítida, pois no contexto de vogal seguinte, o [i] se mostrou grande favorecedor do alçamento de [e]. Quanto ao alçamento de [o] as vogais favorecedoras foram: [ɛ] e [e], [i] e [u].

Os contextos linguísticos seguintes mostraram que o alçamento de [e] foi mais condicionado por consoantes com traço mais alto, as palatais, velares e pós-palatais. Entretanto, o contexto de coda [n] e hiato foram ainda mais significativas no tanto no alçamento de [e] quanto de [o]. Para o alçamento de [o], as consoantes seguintes favorecedoras foram: labiodentais, pós-alveolares, palatais, coda em /S/ e hiato. Já o abaixamento de [e] e [o], a maior responsável foi a glotal [h] e coda em /R/.

Na discussão dos resultados, Gaebrin (2008) destaca que as variáveis recorrentes em [e, o] não são motivadas somente pelos fatos fonéticos, muito menos pela difusão lexical e por isso propõe que mais estudos a respeito sejam realizados. Em suma, a autora apresenta que o abaixamento das vogais médias [e, o] são mais frequentes do que em Brasília e destaca que os falantes de Formosa estão classificados no nível intermediário entre o falar Sul e Norte, como colocado por Nascentes.

Em Goiás, além de Gaebrin (2008), Silva (2013) estuda as vogais médias em posição pretônica na fala de Iporá, cidade localizada no oeste goiano. A autora realiza sua pesquisa sob o método da Sociolinguística Variacionista, cuja amostra é composta pela fala de 22 informantes com perfil estratificado quanto a sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Com relação às variáveis linguísticas, a Silva (2013) explora o contexto fonético-fonológico da altura da vogal seguinte, contexto precedente e seguinte e classe gramatical.

Os resultados relacionados aos contextos linguísticos de vogal seguinte no trabalho de Silva (2013), mostraram que o alçamento da vogal média em posição pretônica [e] é favorecida pelas vogais [i], [u], [ĩ] e [ũ], assim como em Gaebrin (2008). Com relação a abertura de [e], “as vogais orais favorecedoras são [ɛ], [ɔ] e [a], que possuem efeito semelhante. Aqui é possível pensar que a altura da vogal seguinte média baixa e baixa interfere na realização da vogal pretônica abrindo-a, independente da homorganicidade” (SILVA, 2013, p. 86). As favorecedoras do alçamento de [o] são: [i], [u], [ĩ] e [e] com menor percentual e, quanto ao abaixamento, [ɛ] e [ɔ] são as maiores influenciadoras.

No contexto fonético-fonológico precedente, se mostrou favorável ao alçamento de [e] as consoantes bilabiais, as palatais, as velares, e os encontros consonantais [pr, br]. A manutenção de [e] é favorecida pelos encontros consonantais [kr, gr] e [tr, dr, fr]. Com relação à abertura/abaixamento de [e], são favorecedoras as consoantes glotais, os encontros consonantais [pl, bl, fl] e as dentais. Já o alçamento de [o], de acordo com Silva (2013), são favorecedoras as consoantes velares, bilabiais, sibilantes e dentais e o abaixamento são favorecidas pelas consoantes labiodentais e palatais.

As variáveis extralinguísticas relacionadas ao sexo/gênero mostraram que a abertura das vogais médias em posição pretônica [ɛ ɔ] é favorecida pelos homens e inibida pelas mulheres. Com relação à idade “é possível reconhecer uma semelhança nos percentuais entre os adultos e idosos, além de um equilíbrio da aplicação do fechamento e da abertura, sendo que os jovens têm uma distribuição menos balanceada entre as variantes. Os jovens são quem menos usam a variável alta (13,8%) e aberta (37,4%)” (SILVA, 2013, p. 131). A escolaridade, assim como nos trabalhos mencionados anteriormente, mostra que os informantes com escolaridade baixa, com menos de 4 anos de estudo, tendem a realizar mais o alçamento.

Além das autoras mencionadas anteriormente, Souza (2018) analisa o comportamento das vogais médias pretônicas [e] [o] em algumas cidades interioranas de Goiás, sendo Porangatu, São Domingos, Aruanã, Formosa, Goiás, Jataí, Catalão e Quirinópolis. Seus dados são obtidos através do *corpus* do ALiB. A análise da autora se baseia no método da Sociolinguística Quantitativa e da Dialectologia e Geolinguística Pluridimensional Contemporânea.

A autora selecionou 32 informantes que foram estratificados em sexo/gênero e faixa etária. As variáveis linguísticas que foram exploradas são: posição da vogal pretônica em relação à tônica, vogal tônica, contextos consonantais, tipo de sílaba e constituição da sílaba. Essas variáveis, tanto as linguísticas como as extralinguísticas são exploradas porque são contextos que inibem ou favorecem o alçamento, manutenção ou abertura das vogais médias [e] e [o] em posições pretônicas.

No contexto linguístico vogal tônica, a autora mostra que as vogais fechadas são as que favorecem a manutenção das vogais médias em posição pretônica [e] e [o]. Já as vogais orais [u], [a] e as vogais abertas [ɔ] e [ɛ] demonstraram como inibidoras da manutenção das vogais médias. Os contextos de consoantes precedentes e seguintes, mostraram que as labiodentais e glotais desfavorecem a manutenção enquanto que as bilabiais, palatais/palatalizadas, dentoalveolares e velares favorecem a manutenção da vogal média [e] e [o]. No trabalho de Souza (2018) não são exploradas as variações de alçamento e abertura das médias.

De acordo com Souza (2018), os contextos extralinguísticos mostraram que os mais jovens, assim como em Silva (2013), tendem a fazer uso da variante fechada [o] e [e]. A variável faixa etária, de acordo com a autora “parece ter efeito neutro sobre o fenômeno, o fato de ser do sexo masculino ou feminino não apresenta grande relevância na realização da pretônica como aberta ou fechada” (SOUZA, 2018, p. 110.). A variável diatópica mostrou que, das 8 cidades estudadas, as que apresentaram maior frequência da manutenção das vogais médias em posição pretônica foram as mais próximas de Goiânia, capital do estado.

3.3.4 Região Sudeste

Na região Sudeste, Célia (2004) desenvolve seu estudo sobre a variação das vogais médias em posição pretônicas na fala culta de Nova Venécia, cidade localizada no interior do Espírito Santo. Sob o método da Sociolinguística Variacionista, a autora realiza sua pesquisa com 9 informantes do sexo feminino. Esses informantes foram estratificados em 3 faixas etárias, sendo: a primeira composta por informantes de 25 a 35 anos; a segunda, de 36 a 55 anos; e a terceira, composta por informantes de 55 anos em diante.

A autora obteve 2.950 realizações de vogais pretônicas variando em médias-altas [e] e [o] e abaixamento [ɔ] e [ɛ]. Ambos resultados foram submetidos ao programa computacional *Goldvarb*. Esses resultados foram analisados em relação a 8 contextos linguísticos, sendo eles: nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica e contexto extralinguístico faixa etária.

Seus resultados mostram que em Nova Venécia há a predominância das vogais médias abertas [ɔ] e [ɛ]. O contexto referido à nasalidade mostrou que para [e] pode-se constatar que as médias anteriores, quando nasalizadas, favorecem amplamente o alteamento, por outro lado, quando a vogal é oral, a vogal tende a permanecer com a mesma altura, sem a variação. No contexto relacionado à tonicidade, a autora mostra que as vogais altas [i] e [u] favorecem o alçamento das vogais médias [e] e [o] enquanto que [a] inibe o alçamento das mesmas. Já no abaixamento das médias, favorecem as vogais médias abertas [ɔ] e [ɛ].

Além das vogais, as consoantes, assim como nos trabalhos analisados anteriormente, tanto em contexto precedente quanto em seguinte, apresentam grande influência nas variações das vogais médias em contexto pretônico na fala dos moradores de Nova Venécia. Sendo assim, de acordo com Célia (2004), as consoantes em contexto precedente que influenciaram o alçamento de [e] foram as palatais, bilabiais e no contexto seguinte, foram as velares; no caso da vogal média posterior [o], as consoantes precedentes e seguintes que influenciaram o alçamento foram as velares.

A variável idade foi a única variável extralinguística analisada pela autora. Sendo assim, nesse contexto, Célia (2004) diz que “a faixa etária que mais utiliza a regra de abaixamento é a intermediária, entre 36 a 55 anos, seguida pelos mais jovens e depois pelos mais velhos” (CÉLIA, 2004, p. 79). Diante disso, fica claro que os dados da autora mostram que os adultos com idade entre 36 a 55 são os que mais realizam o alçamento e abaixamento,

enquanto que os mais velhos tendem a realizar com maior frequência essas variações. A variável idade foi a única variável extralinguística analisada pela autora.

Em continuidade com a apresentação de estudos sobre as vogais médias em posição pretônica no sudeste brasileiro, destacamos o trabalho de Viana (2008), que analisa as vogais médias em posição pretônica [e] e [o] na cidade de Pará de Minas, cidade localizada no interior de Minas Gerais. Sob o método da Sociolinguística Quantitativa, a autora desenvolve seus estudos com 36 informantes que foram selecionados de acordo com o sexo, faixa etária, escolaridade, classe social e estilo.

Para a análise dos dados, Viana (2008) considerou a altura e posição da vogal precedente e seguinte à pretônica, consoante precedente e seguinte e nasalidade. Nesse caso, o contexto posição da vogal precedente e seguinte mostrou que “quando a tônica é aberta há uma tendência geral para que a pretônica seja aberta” (VIANA, 2008, p. 67). O mesmo acontece quando a tônica é alta, uma vez que a vogal média pretônica assimila a altura da vogal tônica ou da vogal átona que a precede.

No seguimento, as consoantes precedentes que mais favoreceram o alteamento da média [o], no trabalho de Viana (2008), foram as oclusivas e tepes enquanto que as consoantes seguintes à média pretônica que mais favoreceram o alteamento foram as nasais e fricativas. “O processo de abaixamento ocorre mais quando os segmentos posteriores à vogal pretônica (o) são consoantes (3,8%), anteriores (4,7%), coronais (6,1%), laterais (22,5%)” (VIANA, 2008, p. 72). No seguimento, as consoantes precedentes que mais favoreceram o alteamento da média [e], no trabalho de Viana (2008), foram as os segmentos nasais, o tepe e as oclusivas, pois têm índices probabilísticos favorecedores.

De acordo com as variáveis extralinguísticas, em Pará de Minas, “o desempenho linguístico de homens e mulheres, verifica-se que os informantes do sexo masculino, assim como os do sexo feminino, preferem a manutenção, seguida pelo alteamento, sendo que o abaixamento apresenta um número pequeno de casos para ambos os sexos” (VIANA, 2008, p. 101). Esses dados mostraram que na cidade estudada pela autora, é mais recorrente a manutenção das vogais [e] e [o] seguido de alteamento, tanto na fala de homens quanto de mulheres.

Ainda no estado de Minas Gerais, Alves (2008) desenvolve um estudo sobre as vogais médias em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte. Diferente dos outros trabalhos apresentados, Alves (2008) realiza sua pesquisa sob o método da Teoria da Otimalidade, além disso, a autora considera os fatores linguísticos e processos fonológicos como influenciadores

na variação das médias. Seus dados são obtidos de três *corpus*, sendo eles: POBH (Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta)⁵, Alves (1999)⁶ e fala espontânea.

O *corpus* principal, de acordo com a autora, é o POBH que é composto por três faixas etárias, composta por jovens com idade entre 25 a 35, adultos 36 a 56 e mais velhos, com idade acima de 57 anos. De acordo com Alves (2008), foram selecionados 10 informante, 5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, ambos pertencentes ao *corpus* POBH. Já o corpus de Alves (1999), é composto por 21 informantes, dos quais 15 são mulheres e 6 homens, com idade entre 20 a 38 anos. De acordo com a autora, o *corpus* de fala espontânea está inserido no Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta.

Segunda Alves (2008) a análise desses três *corpora* mostraram que na fala de Belo Horizonte, os falantes realizam o alçamento, manutenção e abaixamento das vogais médias em posição pretônica. Entretanto, a maior ocorrência se concentra na manutenção tanto de [e] quanto de [o] em contexto pretônico. Com relação às ocorrências de abaixamento, “os fatores linguísticos favorecedores da variação são os seguintes: vogal média aberta em posição tônica; vogal média aberta na sílaba imediatamente seguinte; vogal baixa em posição tônica; vogal baixa na sílaba imediatamente seguinte; travamento silábico por /R/. Já o fenômeno alçamento é analisado com base na vogal alta em posição tônica; vogal alta na sílaba imediatamente seguinte; consoante labial precedente; e consoante velar precedente” (ALVES, 2008, p. 123 - 131).

Silveira (2008) estuda o comportamento das vogais médias pretônicas no português culto falado em São José do Rio Preto, localizado no estado de São Paulo. A autora utiliza o método Sociolinguística Quantitativa para analisar a fala de 16 informantes do sexo feminino de 16 a 25 anos, 26 a 35 anos e de 36 a 55 anos; mais de 55 anos. Os resultados do seu trabalho foram submetidos a um programa computacional *VARBRUL* e analisados com base nas variáveis linguísticas: vogal da sílaba tônica, posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica, vogal átona seguinte, consoantes precedentes, consoantes seguintes, tipo de sílaba, nasalidade, e grau de atonicidade da vogal pretônica.

Seus resultados mostraram que “as vogais médias [e, o] predominam sobre as altas [i, u], respectivamente, ou seja, não há tendência ao alçamento” (SILVEIRA, 2008, p.83). As vogais tônicas altas [i] e [u] no contexto de vogal da sílaba tônica influenciam o alçamento da

⁵ POBH (Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta), coordenado pelo pesquisador Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães (UFMG,2000).

⁶ Alves (1999) estudou o comportamento das vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro.

vogal pretônica. Tal fato é recorrente em decorrência da assimilação do traço da altura da vogal tônica. Com relação aos contextos de consoantes precedentes e seguintes, foram as labiais e velares que apresentaram os maiores índices de aplicação da regra do alçamento. Com relação ao contexto tipo de sílaba, a autora concluiu que “sílabas abertas com um elemento no acento (CV) se mostraram como o fator mais favorável à elevação, tanto no contexto de pretônica /e/ quanto no de /o/” (SILVEIRA, 2008, p. 109).

A variável extralinguística idade foi desconsiderada por Silveira (2008), pois foi impossível estabelecer uma relação entre essa variável e o alçamento das pretônicas. Entretanto, ela apresenta que os resultados relacionados à variável idade, mostrou que a faixa etária com mais de 55 anos apresenta a maior probabilidade de realizar a pretônica [e] em sua forma alçada [i] seguido da primeira e segunda faixa etária.

Além das autoras mencionadas anteriormente, Vieira (2010) estuda o comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo. Os dados utilizados em seu trabalho foram retirados do Atlas Linguístico do Espírito Santo e do Atlas Linguístico do Brasil. Seu estudo é desenvolvido sob o método da Geografia Linguística e Sociolinguística, com base nessa metodologia, a autora trabalhou com informantes de ambos os sexos, divididos em duas faixas etárias, sendo elas: 18 a 30 e 50 a 65 anos. Além da idade, a autora considerou a variável extralinguística sobre a escolaridade e diatopia. Com relação às variáveis linguísticas, Vieira (2010) considerou o contexto tipo de sílaba, consoantes precedentes e seguintes e a nasalidade.

Com a análise das variações das médias em posição pretônica nos contextos linguísticos, a autora concluiu que de modo geral, no estado “são comuns, porém, as formas médias [e, o], que variam com as vogais altas [i, u]” (VIEIRA, 2010, p. 94). Assim, no contexto fonológico sobre a nasalidade, a regra de elevação é relativamente mais forte se comparado aos contextos orais. No contexto fonológico de consoante seguinte, foram favorecedoras do alçamento de [o] as consoantes alveolares (75,3%); labiodentais (38,5%); bilabiais (21,4%); já no contexto fonológico de consoante precedente, foram favorecedoras do alçamento de [o], as alveopalatais (98,1%), seguida de consoantes bilabiais (63,8%) e velares (60,3%). No contexto fonológico de consoante seguinte, foram favorecedoras do alçamento de [e] alveolares com (66,8%); já no contexto fonológico de consoante precedente, foram favorecedoras do alçamento de [e], são as labiodentais com (94,2%).

As variáveis extralinguísticas mostraram que moradores da zona rural tendem a realizar mais o fenômeno de alçamento das médias, pois, de acordo com Vieira (2010), está relacionada ao baixo grau de escolaridade dos informantes dessas áreas, que possuem, no máximo, a 4ª

série do fundamental. Com relação ao sexo, ambos sexos realizam o alçamento, entretanto, os homens tendem a realizar mais o alçamento se comparado com as mulheres.

3.3.5 Região Sul

Na região Sul, Bisol (1981) é uma das pioneiras no estudo sobre a variação das vogais médias em posição pretônica. A autora realiza um estudo quantitativo sobre a harmonia vocálica sob o método da Teoria Variacionista de Labov. Sua amostra é constituída de 44 informantes pertencentes a quatro comunidades distintas do estado do Rio Grande do Sul, sendo elas a cidade de Taquara, região de colonização alemã, Santana do Livramento, região de fronteira, cidade de Veranópolis, região de colonização italiana e parte metropolitana de Porto Alegre, região de colonização açoriana.

Os informantes trabalhados na amostra de Bisol (1981) foram selecionados de acordo com a escolaridade, sexo e idade. Desse modo, os informantes selecionados são divididos entre fala popular, que corresponde à escolaridade primária (ensino fundamental) e fala culta, que corresponde à escolaridade superior (ensino superior). Com relação à idade, a autora dividiu sua amostra em três faixas etárias, sendo a primeira correspondendo à informantes jovens com idade entre 25 a 35 anos, adultos, com idade entre 36 a 45 anos e mais velhos acima de 56 em diante.

Além das variáveis extralinguísticas, Bisol (1981) utiliza os fatores linguísticos para realizar sua análise. Assim, ela utiliza os fatores relacionados à nasalidade, posição da vogal na sílaba subsequente às vogais médias, distância da tônica, sufixo e contextos de consoante seguinte e precedente às vogais médias estudadas. Dentre esses fatores linguísticos, seus resultados mostram que a harmonia vocálica nas comunidades estudadas apresenta uso moderado pelos informantes e que o alçamento das médias é desencadeado pela presença de vogais altas na sílaba subsequente às vogais médias /e/ e /o/, como em *v/i/stido* e *c/u/ruja*, constituindo-se assim, um processo de assimilação. No que diz respeito ao fator consoante precedente, mostraram-se favorecedores para elevação de /e/ as consoantes: velar, palatal, labial, alveolar (apenas para metropolitanos de fala popular). Para elevação de /o/, as consoantes: labiais e velares. Quanto ao contexto consoante seguinte, para elevação de /e/ foram favorecedores: velar e palatal. E para elevação de /o/ as consoantes que mais favorecem o alçamento foram: labial, palatal e velar (apenas no grupo dos alemães).

Os resultados relacionados aos fatores extralinguísticos mostraram que a etnia é um fator relevante, pois a regra é mais utilizada por metropolitanos e menos utilizada pelos

fronteiriços. Por outro lado, o sexo não mostrou relevância na variação das médias /e/ e /o/. A autora afirma que os jovens tendem a usar menos a regra do que os mais velhos. Com relação à escolaridade, a Bisol (1981) diz não ser um fator relevante, uma vez que a variação ocorreu em ambas falas, tanto na popular quanto na culta, concluindo, por fim, que a harmonia vocálica nas regiões estudadas é considerada uma regra variável.

Em continuidade com os estudos das vogais médias em posição pretônica na região Sul, Battisti (1993) realizou um estudo quantitativo sobre o alçamento das vogais pretônicas [e] e [o] em quatro áreas do Rio Grande do Sul, sendo o primeiro grupo dos metropolitanos: de ascendência portuguesa, habitantes de Porto Alegre; o segundo grupo dos fronteiriços: também de ascendência portuguesa, mas habitantes da zona de fronteira com o Uruguai; o terceiro é o grupo dos italianos: descendentes de italianos; e o quarto é o grupo dos alemães: descendentes de alemães. Sob o método Sociolinguístico Variacionista ela observa o fenômeno na fala de 35 informantes, sendo 17 homens e 18 mulheres.

Além dos contextos extralinguísticos estudados, a autora analisou os fenômenos de variação das médias de acordo com os contextos linguísticos, sendo eles: prefixação, tipos de sílabas, vogal da sílaba seguinte, consoantes em contexto precedente e seguinte. Desse modo, ao todo, ela obteve 19.621 dados fonológicos, sendo 12.054 correspondente aos contextos da vogal [e] e 7.567 contextos da vogal [o].

Os resultados de Battisti (1993) mostram que no contexto fonológico relacionado à prefixação foi favorecedora do alçamento apenas de [e] nos grupos metropolitanos, de fala culta e popular, e alemães. Entretanto, no caso de [o], tal contexto não foi relevante. Com relação ao contexto tipo de sílaba “uma sílaba pesada favorece mais a elevação do que uma sílaba leve, em função da presença de, /S/ e de /N/ na coda, mas as explicações para o fato permanecem desconhecidas” (BATTISTI, 1993, p. 71). No caso do contexto de vogal da sílaba seguinte, ocorre o fenômeno chamado de harmonização vocálica, pois a vogal média assimila o traço alto da vogal alta na sílaba seguinte. Por fim, os contextos relacionados às consoantes em contexto precedente e seguinte mostram que a palatal propicia a elevação das médias pretônicas, a alveolar [s] e [z] favorecem o alteamento de [e] se ocorrerem após a vogal, como em de[z]oito, e[s]portivo. Além dessas consoantes, são favorecedoras do alteamento as velares [k] e [g] em posição precedente à média pretônica e as bilabiais [b], [m], [p], [m], [f] e [v] precedentes e seguintes.

Os resultados relacionados aos fatores extralinguísticos mostraram que os mais altos índices de elevação para a variável sexo ficam por conta dos metropolitanos e dos italianos que possuem um maior nível de escolaridade. Tal questão é evidente tanto para [e] quanto para [o].

“No primeiro grupo, os homens elevam mais as pretônicas que as mulheres, o que atribuiria aos homens o papel de inovadores, e, as mulheres, de preservadoras das formas tradicionalmente tidas como cultas” (BATTISTI, 1993, p. 89). Por outro lado, no grupo de falantes italianos com menor grau de escolaridade, as mulheres realizaram mais o alçamento de [e] e [o] do que os homens.

Kailer (2008) estuda o comportamento das vogais médias pretônicas em duas regiões paranaenses, sendo elas: Pato Branco e Foz do Iguaçu. A amostra da autora é composta por 32 informantes de ambos sexos com escolaridade dividida entre primário, ensino médio completo e ensino superior. Além disso, os informantes trabalhados foram divididos em duas faixas etárias, sendo a primeira composta por informantes mais jovens, com idade inferior a 40 anos e a segunda, por informantes mais velhos, com idade superior a 40 anos. Seus dados, assim como a maioria dos trabalhos aqui mencionados, foram analisados com base na Sociolinguística Variacionista Quantitativa.

Além dos contextos extralinguísticos, a autora trabalhou com os contextos linguísticos, sendo elas: consoantes adjacentes precedentes e seguintes, vogal da sílaba seguinte, vogal da sílaba tônica, atonicidade, nasalidade, homorganicidade e classe morfológica das palavras estudadas. Entretanto, de acordo com Kailer (2008) as variáveis linguísticas mais relevantes para a aplicação do alçamento foram: a) as vogais altas da sílaba seguinte e das vogais pretônicas ([e], [o]); b) as vogais médias pretônicas em contexto de hiato; c) a vogal pretônica [s, z] em contexto inicial seguida por uma fricativa ou por uma nasal.

Os resultados de Kailer (2008) mostraram que os elementos que compõem a palavra favorecem ou inibe a ocorrência do alçamento. Desse modo, com relação ao contexto consoante precedente, foram favoráveis ao alçamento as labiodentais e as labiais [p], [b] e [m]; as alveolares [t] e [d]; e palatais seguidas da velar [k] precedente. Quanto ao contexto consoante seguinte, foram favorecedoras do alçamento as consoantes bilabiais, fricativas e velares. Com relação ao tipo de sílaba, a autora destaca as sibilantes em posição de coda silábica, com probabilidade de 0,938 e de 0,742, como o ambiente mais propício ao alçamento. O contexto de vogais em sílaba seguinte, assim como na maioria dos trabalhos mencionados anteriormente, são fortes favorecedoras do alçamento e/ou abaixamento, no caso dos resultados apresentados por Kailer (2008), ficou evidente que as vogais [i], [u] e [ĩ] influenciaram categoricamente o alçamento de [o].

Os resultados relacionados às variáveis extralinguísticas mostraram que os informantes com pouca escolaridade tendem a realizar mais o alçamento das médias. Por outro lado, os informantes que possuem ensino superior demonstraram ser os mais resistentes ao alçamento.

Além da escolaridade, a variável idade mostrou que “os informantes idosos (36%) e faixa etária intermediária (35%) com menos escolarização aplicando mais o alçamento das duas vogais pretônicas [e] e [o]” (KAILER, 2008, p. 216). Quanto ao gênero, os homens alçam mais as médias que as mulheres, pois os homens apresentaram uma porcentagem maior, com (34%) e as mulheres com (29%).

No mesmo seguimento, Silva (2012) estuda o alçamento das vogais médias pretônicas na fala de moradores de São José do Norte, cidade localizada no Rio Grande do Sul. A amostra da autora é composta por 40 informantes, sendo 20 homens e 20 mulheres divididos em duas faixas etárias, sendo a primeira composta por idade entre 20 a 50 anos e a segunda composta por informantes com idade acima de 50 anos. Além da faixa etária, a autora trabalha com informantes com dois níveis de escolaridade, o primeiro corresponde à informantes com 0 a 4 anos e o segundo, corresponde à escolaridade acima de 4 anos. Os dados obtidos são analisados sob a metodologia variacionista laboviana.

Além das variáveis extralinguísticas, a autora considerou para a análise de seus dados as variáveis linguísticas que foram organizadas em nasalidade da vogal pretônica, homorganicidade da vogal e consoante precedente e seguinte. Desse modo, com relação à variável homorganicidade da vogal, foram favoráveis ao alçamento as vogais altas /i/ e /u/. Nesse caso, a vogal pretônica assimila a altura da vogal seguinte, tornando-se alta, como em *v[i]stido ~ v[e]stido, m[i]nino ~ m[e]nino, c[u]stume ~ c[o]stume*. Quanto ao contexto nasalidade, mostrou-se como inibidora do alçamento de [e] e [o]. Nos resultados de Silva (2012) a variável consoante precedente mostrou que as palatais apresentam maior percentagem de favorecimento para o alçamento de /e/, porém, não favorece o alçamento de /o/; as velares e as bilabiais favorecem o alçamento de /o/ e não de /e/. A variável consoante seguinte mostrou que as velares /R/, /k/ e /g/ apresentaram maior peso de favorecimento em relação ao alçamento das médias.

De acordo com Silva (2012), às variáveis extralinguísticas relacionadas ao sexo/gênero não apresentou relevância estatística, ou seja, essa variável exerce um papel pouco significativo. Entretanto, de acordo com a autora, os valores apreciados para /o/, embora quase neutros (0.54 e 0.45), mostraram que há uma pequena diferença, sugerindo que homens elevam mais que as mulheres. Quanto à variável faixa etária, os resultados apontaram que os mais velhos tendem a realizar o alçamento enquanto que os mais jovens a variação relacionada ao alçamento é quase inexistente. Por fim, a variável escolaridade foi eliminada pelo programa utilizado pela autora, mas ela não descarta totalmente a possibilidade dessa variável influenciar o alçamento das vogais médias pretônicas.

4. DIALETOLOGIA SOB O MÉTODO DA GEOLINGUÍSTICA

Os estudos sobre a natureza da linguagem tiveram início com os gregos, entretanto, os estudos sobre a linguagem da época se centravam em discussões de cunho filosófico (RAMAT, 2012). Ainda de acordo com Ramat (2012), somente entre os séculos XVII e XIX que os estudiosos da linguagem passaram a registrar e descrever as línguas por meio de comparações, abrindo caminho para várias áreas da Linguística, como a Dialectologia.

A Dialectologia é uma disciplina que assumiu a responsabilidade de estudar os dialetos em diferentes espaços geográficos e através dela é possível realizar a descrição dos dialetos falados em uma língua em diferentes estágios. Além de descrever os dialetos de uma língua, a dialectologia é a responsável por delimitar e exibir a variedade linguística que uma mesma língua pode assumir de uma região para outra (CARDOSO, 2010, p. 15).

Os estudos dialetais surgiram por volta do século XIX com o intuito de estudar e documentar os diferentes estágios da língua (CHAMBERS & TRUDGILL, 2004, p. 13). Desse modo, a Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2002, p. 1). A variação cronológica pode ser classificada como diacrônica e sincrônica. Assim, de acordo com Saussure (1916, p. 107), o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento.

A diacronia estuda, “não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado da língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” (SAUSSURE, 1916, p. 163). Desse modo, a diacronia é posta pelo autor como uma área que analisa as mudanças linguísticas através do tempo, ou seja, analisa a evolução das línguas e essa evolução é analisada, primeiramente, através da fonética e fonologia. Quanto à sincronia, ocupa-se em estudar a língua através de um recorte temporal, “somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em obter o testemunho; para saber em que medida uma coisa é realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas” (SAUSSURE, 1916, p. 106).

Além das variações cronológicas, existem ainda as variações diatópicas, diastráticas e diafásicas. A diatopia é uma variação explorada nos trabalhos dialectológicos desde o seu surgimento, desse modo, nessa dimensão é estudada as variações regionais geográficas (de

falares locais ou regionais), isto porque “os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais e que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio” (CARDOSO, 2010, p. 48). As variações diastráticas correspondem às variações dos grupos sociais de uma mesma comunidade de fala e as diafásicas, correspondem aos diferentes contextos comunicativos. “Às diferenças diatópica, diastrática e diafásica correspondem três tipos de subsistemas que possuem internamente relativa homogeneidade garantida pela soma de traços linguísticos coincidentes” (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p. 12). As autoras afirmam que os subsistemas são:

- a) Unidades sintópicas, que são identificadas mais comumente como dialetos;
- b) Unidades sintrásticas, as de estratos sociais;
- c) Unidades de sinfásicas, ou de estilo de língua.

Ainda e não menos importante, temos as variações diageracional e diagenérica. A variação diageracional, de acordo com Pop (1950, p. 217) citado por Cardoso (2010), preocupa-se com a faixa etária do informante, pois ela permite documentar o dialeto de determinadas regiões de acordo com as gerações. A variação diagenérica é observada na maioria dos trabalhos dialetais, pois “é nítido que homens e mulheres não falam da mesma maneira” (MONTEIRO, 2008, p. 71). Esses tipos de variações que destacamos podem ou não ocorrer mutuamente, pois “os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira (...) desse modo, chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto” (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p. 12).

É importante destacar que nem sempre essas variações foram exploradas em conjunto, pois de acordo com Cardoso (2010), a Dialetoologia tradicional ou monodimensional, centrava-se na diatopia, como é apresentado nos primeiros trabalhos dialetológicos. Embora a investigação tradicional não analisasse os resultados levando em consideração as variáveis sociais, não significa que elas não fossem necessárias na coleta, como é o caso dos primeiros atlas estaduais brasileiros. Entretanto, com o surgimento da Sociolinguística e as mudanças do perfil do informante, a Dialetoologia precisou incorporar novas técnicas, passando a trabalhar com as variáveis sociais. A essa nova técnica dialetológica foi atribuída o nome de

pluridimensionalidade, pois o dialetólogo busca estabelecer relações entre a diatopia e as interferências sociais, como idade, sexo, gênero, idade ou classe social.

Desse modo, para analisar e documentar essas variações linguísticas recorrentes nos dialetos, demandou a criação e surgimento de outros métodos, como é o caso da Geolinguística. “Só com o desenvolvimento da Geografia Linguística — método científico de recolha sistemática de dialetismos — é que se venceu essa fase de improvisações” (CASTILHO, 1972-1973, p. 121). Compreendemos então que a Geolinguística, é, portanto, um método dialetológico que utiliza a cartografia como ferramenta para expor dados, ou seja, utiliza os mapas para organizar e apresentar os dados linguísticos, sejam eles isoléxicos, isófonos ou isomorfos.

“A justificativa para uma disciplina de geografia dialetal é surpreendentemente simples: procura fornecer uma base empírica para conclusões sobre a variedade linguística que ocorre em um determinado local. A esse respeito, é exatamente o mesmo que muitos outros ramos da linguística e, de fato, muito de sua metodologia é compartilhada com outros ramos. O registro de dados, para dar um exemplo óbvio, não é diferente do registro de dados por linguistas antropológicos e requer o mesmo treinamento prático em fonética. A análise dos dados, uma vez coletados, está devidamente subsumida pela linguística teórica, com os objetivos compartilhados pelas disciplinas de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica” (CHAMBERS & TRUDGILL, 2004, p. 21).⁷

Assim, a Geolinguística ou geografia linguística, seja na dialetologia monodimensional ou pluridimensional, surge como método responsável por sistematizar e representar em mapas todos os dados linguísticos recolhidos de uma determinada área espacial. “As relações destacadas pela geografia linguística, no sentido que chamamos de “técnicas”, não são entendidas como relações diretas entre o meio natural (geográfico) e a língua, mas como relações entre o meio geográfico e a difusão e distribuição espacial das formas linguísticas” (COSERIU, 1965, p. 30).

4.1 AS PRIMEIRAS DOCUMENTAÇÕES DIALETOLÓGICAS

⁷ Texto original: The rationale for a discipline of dialect geography is disarmingly simple: it seeks to provide an empirical basis for conclusions about the linguistic variety that occurs in a certain locale. In that respect, it is exactly the same as many other branches of linguistics, and, indeed, much of its methodology is shared with other branches. The recording of data, to take an obvious example, is no different from the recording of data by anthropological linguists and requires the same practical training in phonetics. The analysis of the data once it is gathered is properly subsumed by theoretical linguistics, with the goals shared by the disciplines of phonology, morphology, syntax and semantics.

4.1.1 Atlas Linguístico da França (ALF)

Os estudos dialetológicos avançaram com a criação do primeiro Atlas Linguístico criado no final do século XIX (BRANDÃO, 1991). Esse Atlas foi denominado *Atlas Linguístico da França (ALF)* desenvolvido por Jules Gilliéron com a ajuda de Edmond Edmont. O ALF contemplava linguisticamente um vasto território, pois Gilliéron tinha como objetivo identificar as variedades fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicológicas em diversas regiões da França a fim de fornecer dados para futuros cientistas da área da linguagem que se interessassem pela língua francesa e sua história:

É importante estabelecer a história linguística da França com seriedade; se pretende fornecer aos linguistas - que ainda lhes faltam por completo - materiais fielmente transcritos, e recolhidos em pontos numerosos e próximos o suficiente para que os fermentos da matéria linguística possam ser estudados, em si mesmos; trata-se de detalhar as áreas lexicológicas, fonéticas, morfológicas e sintáticas, a ponto de que o linguista venha com confiança para questionar seus contornos e o relato das condições onde essas áreas morrem e nascem, se expandem ou contraem⁸ (GILLIÉRON, 1902, p.3).

As viagens para as coletas de dados que compõem o *ALF* iniciaram-se em 1897, nessa época, Gilliéron contou com a ajuda de Edmond Edmont para a realização das viagens e com ajuda financeira do Ministério de Instrução Pública. O pesquisador percorreu 639 localidades dentro de um período de quatro anos, aplicando um questionário com aproximadamente 1500 perguntas, com palavras isoladas e frases de repertório popular. De acordo com Gilliéron (1902), a seleção da grande quantidade de localidades foi estabelecida para contemplar proporcionalmente a variação da fala em toda a França e fronteiras.

De acordo com Brandão (1991), os primeiros dados do *ALF* foram publicados em 1902, os quais foram transcritos pelo próprio Gilliéron. Dada a quantidade excessiva de dados, a última publicação dos resultados adquiridos por Edmont ocorreu em 1910, somando um total de 35 fascículos de transcrição de fala das quais Gilliéron elaborou inúmeras cartas linguísticas. O exemplo de carta linguística contido no *ALF* é o de nº 1, a carta que apresenta a variedade linguística da palavra abelha, além da palavra *abeille*, para designar o inseto, outros termos são apresentados, como: *mouche à miel*, *avette*, *mouchette*, *aveille* etc.

⁸ Texto original: S'il importe d'établir sur une base sérieuse l'histoire linguistique de la France ; si l'on entend fournir aux linguistes — ce qui leur manque encore totalement — des matériaux fidèlement transcrits, et recueillis sur des points assez nombreux et voisins pour que puissent être étudiés, en soi et en fonction, les fermentos de la matière linguistique ; s'il s'agit, enfin, de détailler les aires lexicologiques, phonétiques, morphologiques et syntactiques, au point que le linguiste vienne avec confiance interroger leurs contours et le procès-verbal des conditions où ces aires meurent ou naissent, se dilatent ou se contractent.

Figura 5 - Carta nº 1 do Atlas Linguístico da França



Fonte: (GILLIERÓN; EDMONT, 1902).

De acordo com Brandão (1991), os dados descritos nas 1920 cartas linguísticas serviram para Gillierón escrever e publicar vários ensaios e artigos posteriormente, assegurando a importância de se estudar os dados linguísticos levando em consideração a distribuição espacial. Sendo assim, é notório que Gillierón foi extremamente importante para o surgimento da Dialectologia sob o método geolinguístico ou geografia linguística, e com a publicação do *ALF*, o uso da cartografia se tornou indispensável para a criação de cartas linguísticas de outros atlas que foram surgindo na Europa e demais continentes.

Entretanto, o Atlas de Gillierón não passou despercebido aos olhos de alguns estudiosos da linguagem, pelo contrário, recebeu algumas críticas com relação à escolha de apenas um único inquiridor que não era especialista na área da linguística. Isso, de acordo com Lerond (1964), nas transcrições fonéticas/fonológicas, o ouvido de Edmont não conseguiu distinguir as vogais longas das vogais breves, além disso, levanta a seguinte questão:

⁹Era, por parte de Gilliéron, um grave erro ao escolher um único investigador para toda a Galo Romana e preferir um não linguista, cuja ciência dialetológica se limitava a fala de Saint-Pol-de-Léon, a um dez ou vinte filólogos bem informados sobre os dialetos de sua região. Linguistas dialetólogos dão, como reivindicado por Gilliéron e seus discípulos, uma imagem "idealista" da fala que escrevem? É quase certo. Devemos nos congratular por isso, porque eles primeiro contam para o sistema fonológico de sua própria fala, então, dependendo de qual sistema eles têm tornam-se conscientes, eles conseguem perceber e notar os novos traços fonológicos que aparecem nas falas vizinhas. Uma investigação não pode ser rigorosa a menos que ocorra em uma área relativamente restrita, se for confiada na fala de nativos deste território e com uma boa formação linguística (LEROND, 1964, p. 558).

Por outro lado, é preciso esclarecer que Gillierón “partia do princípio de que só um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não deixando trair por conhecimentos, expectativas ou preconceitos linguísticos” (BRANDÃO, 1991, p. 10). Sendo assim, todos os trabalhos estão sujeitos a críticas, portanto, as críticas feitas ao *ALF* não anulam a sua importância para o avanço da dialetologia.

4.1.2 Atlas Linguístico Italiano (ALI)

O *Atlante Linguístico Italiano* pertence à geração progenitora de Atlas, cuja inspiração partiu do *ALF*. Matteo Giulio Bartoli foi o responsável pela fundação e direção do *ALI* que, com a ajuda de Ugo Pellis, em 1924, começou a divulgar em ensaios os resultados das pesquisas. Entretanto, de acordo com Miazzi (1972) as pesquisas foram interrompidas em decorrência da segunda guerra mundial. Somente em 1947, com a morte de Bartoli, Terracini

⁹ Texto original: Ce fut, de la part de Gilliéron, une erreur lourde de conséquences que de choisir un enquêteur unique pour toute la GalloRomania et de préférer un non-linguiste, dont la science dialectologique se limitait au patois de Saint-Pol, à une dizaine ou une vingtaine de philologues bien au courant des traits dialectaux de leur région. Les linguistes patoisants donnent-ils, comme le prétendent Gilliéron et ses disciples, une image « idéaliste » des patois qu'ils notent ? C'est à peu près certain. On doit s'en féliciter, car ils rendent compte d'abord du système phonologique de leur propre parler, puis, en fonction de ce système dont ils ont pris conscience, ils réussissent à percevoir et à noter les traits phonologiques nouveaux qui apparaissent dans les patois voisins. Une enquête ne saurait être rigoureuse que si elle s'accomplit sur une aire relativement restreinte, que si elle est confiée à des patoisants originaires de ce territoire et pourvus d'une bonne formation linguistique.

assumiu o projeto, concluindo a fase de coleta de dados dando continuidade à produção do ALI.

Inicialmente, o questionário proposto por Pellis foi dividido em dois grupos, sendo o primeiro composto por vocabulário básico conhecido pela maioria dos falantes e o segundo, composto por vocabulário de conhecimentos mais específicos de cada região. O questionário proposto por Pellis continha um total de 6.954 questões relacionadas à agricultura, fauna, ao indivíduo, família, sociedade, natureza, estações do ano, questões relacionadas à vida na planície e nas montanhas, entre outras questões específicas (ATLANTE LINGUÍSTICO ITALIANO, 2018).

Os locais selecionados para a coleta de dados em solo italiano foram divididos em 730 pontos, a serem investigados entre o período de cinco a seis anos. Entretanto, as localidades foram ampliadas, fixando no projeto final 1.000 pontos, incluindo pontos de *aloglotas*¹⁰ (eslavos, albaneses, alemães, romenos, gregos, catalães, provençal e franco-provençal). Esses pontos foram escolhidos por Bartoli de acordo com o critério teórico capaz de obter os falares italianos tanto da zona urbana quanto rural.

Terracini concluiu a coleta de dados de 282 pontos restantes, totalizando [GS1] mais de 1.000 informantes distribuídos em 947 localidades. Entretanto, Terracini faleceu antes que o primeiro volume do Atlas fosse publicado, em 1868. Com a morte do precursor do ALI, depois de Bartoli e Pellis, o *Atlante Linguístico Italiano* seguiu outro viés, pois os dados passaram a ser analisados por softwares. “Novos procedimentos são estudados, as mais avançadas tecnologias computacionais são testadas para a criação de um banco de dados gerenciável eletronicamente, e um novo conjunto de caracteres fonéticos, softwares sofisticados para o processamento e mapeamento automático de materiais dialetais” (ATLANTE LINGUISTICO ITALIANO, 2018).

Mais de duas décadas depois da morte de Terracini (1968), o primeiro volume do *Atlante Linguístico Italiano* foi publicado. Com uma grande quantidade de materiais, foi possível a publicação de mais sete volumes. Com isso, o ALI é considerado um dos maiores Atlas linguísticos dentre as obras de cunho dialetológico já publicadas. Nele há cerca de 10.000 fotografias etnográficas. Dos volumes já publicados, há no primeiro e segundo mais de 200 cartas linguísticas.

¹⁰ Línguas não italianas, mas que pertencem a países que fazem fronteira com a Itália.

4.2 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL: DOS PRIMEIROS ESTUDOS À PUBLICAÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Os primeiros estudos de teor dialetal surgiram no Brasil durante o século XVIII. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), a Dialetologia no Brasil pode ser dividida em três fases. A primeira fase corresponde ao período entre 1826 e 1920 em que estão inseridos trabalhos mais de cunho lexical, como dicionários, vocabulários e léxicos regionais brasileiros.

A primeira fase é marcada pela contribuição de Visconde de Pedra Branca, responsável por elaborar um dicionário de Francês-Português e Português-Francês. Posteriormente, em 1832, Luíz Maria Silva Pinto foi o responsável por elaborar o dicionário brasileiro. Somando ao trabalho de Pinto, Macedo Soares apresenta outro dicionário, intitulado *Dicionário da Língua Portuguesa*, em 1888 (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

Com o intuito de ampliar o vocabulário dos dicionários brasileiros, em 1853, é publicado o *Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da Língua Portuguesa por Brás da Costa Rubim*. Assim como Rubim, Visconde de Beaurepaire-Rohan elabora um glossário composto de vocábulos brasileiros, que mais tarde foi transformado em dicionário. Já no século XX, Rodolfo Garcia publica mais uma obra de cunho lexical, intitulada de Dicionário de Brasileirismos.

Dentre as publicações de dicionários, trabalhos voltados para o linguajar regionalista também foram divulgados, como *Popularium sulriograndense e o dialeto nacional* de Apolinário Porto Alegre. Ao trabalho desenvolvido por Alegre, somam-se ainda os trabalhos intitulados *A linguagem Popular da Amazônia*, de José Veríssimo; *O tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio; *Glossário paraense*, de Vicent Chermont de Miranda.

No período de 1920 inicia-se a segunda fase de trabalhos de cunho dialetal no Brasil, pois é o período em que Amadeu Amaral publica *O Dialeto Caipira* “e se caracteriza pela predominância de trabalhos voltados para os estudos gramaticais” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 39). Além da obra *O Dialeto Caipira*, destaca-se também nesse período a obra *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes. Sobre essa fase Ferreira e Cardoso (1994) dizem:

O conhecimento empírico da realidade linguística e a ausência de trabalho de campo sistemático, que marcam a produção da primeira fase, permanecem como traço da segunda fase ainda que já se experimente a observação direta à área de descrever-se e a preocupação com uma metodologia de abordagem voltada para o exame da realidade considerada nos seus diferentes aspectos (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 39).

Amadeu Amaral, em sua obra, se preocupava em descrever o dialeto caipira, mas menciona a importância de se estudar outras variações do português brasileiro. “O falar

do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal - o Litoral, o chamado 'Norte', o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro” (AMARAL, 1976, p. 44).

A preocupação de Amaral em descrever de forma sistemática uma região e apresentar indícios para estudo de outras regiões, fez do seu trabalho *O Dialeto Caipira* o marco inicial dos estudos dialetais no Brasil. Além disso, em *O Dialeto Caipira*, Amadeu revela uma preocupação ampla a respeito do linguajar por ele estudado, pois descreve o caipira em seus diferentes aspectos: fonéticos, lexical, morfológico e sintático.

Amadeu pesquisou os municípios de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu e Sorocaba. Em seu trabalho apresentou uma metodologia a ser seguida, dando “aos que a ele se sucederiam no tempo e no campo da investigação dialetal as linhas básicas para um trabalho sério: a observação imparcial; a sistemática; o método no trabalho; retratação fiel” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 40).

Dois anos depois da publicação da obra *O Dialeto Caipira*, é publicada a segunda obra que está inserida na segunda fase. *O linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes. Nessa obra, Nascentes realizou um trabalho dialetal mais amplo, pois estudou várias regiões do Brasil. Com o desenvolvimento de seus estudos, Nascentes apresentou uma divisão dialetal sobre os subfalares brasileiros, como é possível observar no mapa abaixo.

Figura 6 - Mapa da divisão dos subfalares brasileiros de acordo com Nascentes



Fonte: Nascentes (1953, p. 18-19)

O autor apresenta sete divisões de subfalares brasileiros, realizados a partir das vogais médias pretônicas [e] e [o], sendo elas: Amazônico, Nordestino, Baiano, Mineiro, Fluminense, Sulista e o incaracterístico. Entretanto, apresenta uma macro divisão, cujas diferenças entre os falares são mais notadas, sendo elas as das regiões Norte e Sul. A região Norte é, segundo ele, marcada pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], enquanto no Sul são pronunciadas fechadas. “É palpável a diferença entre a fala cantada do nortista e a fala descansada do sulista”. (NASCENTES, 1953, p. 20).

Na região Norte, pertencem, de acordo com o mapa elaborado por Nascentes (1953), os falares Amazônico que compreende a maior parte do Amazonas, Acre, Pará e uma pequena parte do Tocantins; o Nordestino, composto pelo estado do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande

do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e uma pequena parte do leste tocaninense. Já a região Sul, compreende os falares Baiano: a Bahia, o leste de Goiás, o sudeste do Tocantins e parte de Minas Gerais; o Fluminense, que é composto pelo estado do Espírito Santo e o Sulista, que compreende os estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais.

De todo modo, a divisão posta por Nascentes compactuou para o aprofundamento acerca dos estudos das pretônicas em todo o país, tanto que posteriormente “os dados do Atlas prévio dos falares baianos, conjugados aos do Atlas Linguístico de Sergipe e de Minas Gerais permitiram comprovar os limites estabelecidos por Nascentes” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 42).

Além das duas obras pioneiras no estudo dialetal, foram publicadas outras que estudavam o falar brasileiro. Obras de caráter nacional, preocupadas com a descrição do português brasileiro, como *O Ritmo da língua nacional*, de Álvaro Maia (1926); *O Português do Brasil*, de Renato Mendonça (1937); *Língua brasileira*, de Edgar Sanches (1940); *O problema da língua brasileira*, de Sílvio Elia (1940); *O dialeto brasileiro*, de Ciro T. de Pádua (1942) e *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946) pertencem à segunda fase.

Somando-se a essas obras de caráter nacional, foram publicadas ainda, obras que estudam o português do Brasil de algumas regiões. A obra de Clóvis Monteiro, *A linguagem dos cantadores* (1933); A obra de Mário Marroquim, *A língua do nordeste* (1934); as obras de José Aparecido Teixeira, *O falar Mineiro* (1938) e *A linguagem de Goiás* (1944); A obra de Edison Carneiro, *A linguagem popular da Bahia* (1951), todas compõem o grupo de trabalhos publicados na durante a segunda fase de estudos dialetológicos no Brasil.

Diferentemente da primeira e da segunda fases de estudos dialetológicos, a terceira “é marcada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos de geografia linguística” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44). A terceira fase tem início nos anos 50, com a publicação da portaria 536/26 a qual aponta para a elaboração de um Atlas Linguístico Nacional Brasileiro.

Para a publicação do Atlas Nacional, que mais tarde se tornou o *Atlas Linguístico Brasileiro* (ALiB), Nascentes, responsável por elaborar as bases para o projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, entendia, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994) que era necessário produzir, primeiramente, atlas regionais, pois seria impossível a produção de um atlas nacional na época. Desse modo, trabalhos que estudaram os falares regionais do Brasil começaram a ser produzidos até a efetivação do projeto ALiB. Assim, com o método geolinguístico, Atlas regionais começaram a ser publicados, mas de acordo com Mota (2012)

do ponto de vista metodológico, introduziram outras dimensões, além da diatópica, como a diageracional, a diastrática e a diafásica.

4.3 ALGUNS ATLAS ESTADUAIS BRASILEIROS JÁ DESENVOLVIDOS

4.3.1 Atlas prévio dos falares baianos (APFB) – 1963

Os Atlas monodimensionais exploram apenas a variação diatópica, assim como o *Atlas Linguístico da França*, o *Atlas prévio dos falares baianos* é um atlas monodimensional, sendo considerado o primeiro atlas estadual a ser desenvolvido no Brasil. Sua elaboração data entre 1960-1963 e o principal responsável pela direção foi Nelson Rossi e suas alunas e colaboradoras Dinah Isensée, Carlota Ferreira e Rosa Virgínia Mattos e Silva (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

Para a coleta de dados, foram escolhidas 50 localidades, distribuídas em todo o território baiano, obtendo um total de 100 informantes, com idade variando entre 25 e 60 anos. No total, foram ouvidas 57 mulheres e 43 homens, ambos ou eram analfabetos ou eram semianalfabetos.

O questionário aplicado a esses informantes continha 182 perguntas distribuídas em questões sobre a terra, vegetais, homem e animais, com foco na depreensão da variação lexical. Todas as perguntas foram descritas à mão, pois na época não contavam com aparelhos tecnológicos aos quais hoje são utilizados em pesquisas como essa.

Como resultado, de acordo com Cardoso (1994), o APFB obteve onze cartas introdutórias e cento e noventa e oito cartas linguísticas. Em grande maioria as cartas apresentam informações fonéticas e algumas apresentam a transcrição grafemática.

4.3.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) – 1977

O esboço de um *Atlas Linguístico de Minas Gerais* é de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zagari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, publicado em 1977 em um único volume. O EALMG é o segundo Atlas Linguístico publicado no Brasil.

A coleta de dados foi realizada em 116 localidades mineiras e obteve um total de 83 informantes com idade entre 30 e 50 anos, com escolaridade variando entre analfabetos ou semianalfabetos. O questionário aplicado aos informantes continha 415 perguntas abrangendo perguntas relacionadas às experiências diárias. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), os dados do EALMG além de pesquisar no campo da Geolinguística também objetivava a exploração do campo da sociolinguística.

Com a coleta de dados, os autores conseguiram identificar três tipos de falares em território mineiro, sendo eles o falar baiano ao norte, o falar paulista no sul-sudeste e o falar mineiro no centro-leste. Esses resultados foram distribuídos em cartas fonéticas e léxicas, contabilizadas em setenta e três cartas.

4.3.3 Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) – 1984

O *Atlas Linguístico da Paraíba* foi publicado em 1984, distribuído em 3 volumes, entretanto, apenas 2 volumes foram publicados. O ALPB faz parte do projeto cujo objetivo era de estudar e compreender a língua falada no Nordeste. Maria do Socorro Aragão foi a responsável pela organização e desenvolvimento do atlas, com a colaboração de Cleuza Bezerra Menezes.

O ALPB contempla um total de 25 localidades base e 3 municípios satélites¹¹, entretanto, aparecem nas cartas somente as localidades base” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 56). A essas localidades foram aplicados dois questionários, um geral com 289 questões e um específico com 588 questões. De modo geral, os questionários abrangem questões relacionadas ao homem, família, habitação, animais, plantações e produtos agrícolas.

De acordo com Aragão & Menezes (1984) o critério para a escolha dos informantes se centrou em pessoas nascidas nas regiões de coleta com idade entre 30 e 75 anos de idade, com escolaridade variando entre analfabetos ou semianalfabetos. Com os resultados obtidos, foram publicados 2 volumes dos 3 propostos; o primeiro apresenta as cartas lexicais e fonéticas e o segundo apresenta a análise das formas e estruturas linguísticas que foram obtidas através da coleta de dados no estado da Paraíba.

4.3.4 Atlas Linguístico de Sergipe I e II (ALS - ALS II) – 1987 - 2002

O *Atlas Linguístico de Sergipe* é um dos Atlas brasileiros que está inserido no projeto de desenvolvimento do estudo dos falares nordestinos. De acordo com Ferreira & Cardoso (1994), esse projeto dá continuidade à investigação de Nascentes (1922) a respeito dos falares baianos.

É o quarto Atlas publicado no Brasil, datado no ano de 1987. Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg, Jacyra Mota foram os responsáveis por desenvolver e publicar o ALS.

¹¹ São municípios que estão próximos a grandes centros urbanos, mas são independentes deles.

Para a coleta de dados, foram escolhidas 15 localidades das quais 7 correspondem aos pontos propostos por Nascentes (1958). A essas localidades foram aplicadas um questionário de 681 questões relacionadas ao homem, à terra, vegetais e animais. As perguntas contidas no questionário do ALS foram as mesmas utilizadas no ALPB, entretanto, as questões foram ampliadas.

Os informantes selecionados são de ambos os sexos e possuem idades entre 35 e 55 anos, variando entre analfabetos e semianalfabetos. Os resultados obtidos com a pesquisa foram distribuídos em 180 cartas, das quais 11 são introdutórias (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 58).

O *Atlas Linguístico de Sergipe II* é o segundo volume do ALS. Ele foi desenvolvido como tese de doutorado por Suzana Alice Marcelino Cardoso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 2002. Ele faz uso do corpus não explorado no primeiro Atlas (CARDOSO, 2002). Esse Atlas se centra na semântica de questões relacionadas ao homem e explora a variável linguística diagenérica, que não foi explorada no primeiro volume.

De acordo com Cardoso (2002), a rede de pontos é constituída por 15 localidades, distribuídas de acordo com as microrregiões do estado. Em cada localidade foi coletado dados de dois informantes, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Ambos são escolhidos seguindo os critérios metodológicos, como: nascidos na cidade que está sendo estudada e alfabetizados ou não.

Com os resultados obtidos, foram desenvolvidas 108 cartas linguísticas e 3 cartas introdutórias. As 105 cartas apresentam comentários sob a perspectiva sócio-antropológico-linguística, que permite classificar esse Atlas como pertencente à 2 geração de Atlas. De acordo com Aragão (2020) os atlas de segunda geração apresentam, além das cartas linguísticas, comentários, análises e interpretações dos fenômenos observados, portanto, o *Atlas Linguístico de Sergipe II*, diferente dos atlas apresentados anteriormente, tece alguns comentários e observações sobre os dados obtidos.

4.3.5 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – 1994

O *Atlas Linguístico do Paraná* foi o quinto Atlas brasileiro a ser publicado e diferente dos anteriores, o ALPR foi desenvolvido como pesquisa de doutorado. A sua publicação ocorreu em 1994 como tese elaborada pela Professora Vanderci de Andrade Aguilera, vinculada à Universidade Estadual Paulista (UNESP). O trabalho desenvolvido por Aguilera teve como base a proposta de Nascentes (1958).

Foram selecionadas 65 localidades que contemplam todas as 24 microrregiões paranaenses. Das 65 localidades escolhidas, 24 pontos abrangem as localidades propostas por Nascentes. Em todos os pontos de coleta foram aplicados um questionário com 325 questões sobre a terra e o homem.

De acordo com Aguilera (1994), os informantes selecionados possuíam idade variando entre 27 e 62 anos, com escolaridade variando entre primário completo e/ou analfabetos. Com relação à profissão, todos deveriam ser agricultores ou trabalhar no âmbito rural. Os resultados obtidos foram distribuídos em 191 cartas, divididas em 92 cartas léxicas, 70 cartas fonéticas, 19 cartas com isoléxicas e 10 isófonas.

O ALPR, assim como os Atlas brasileiros que o antecederam, exploram, principalmente, a variável diatópica. Além disso, ambos se preocupam com a variação diaxessual, pois coletam dados de homens e mulheres, entretanto, se centram no método da geolinguística tradicional ao selecionarem informantes mais velhos que vivem na zona rural e que não possuem um grau elevado de instrução, sendo, em maioria analfabetos e/ou semianalfabetos.

4.3.6 Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) – 2004

O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* é o primeiro Atlas sonoro produzido no Brasil. Trata-se de um trabalho integrado ao ALIPA desenvolvido no laboratório de linguagem da Universidade Federal do Pará, sob a coordenação do professor Dr. Abdelhak Razky. O ALISPA “é continuação de um projeto maior, *Atlas Geo-sociolinguístico do Pará*, iniciado em 1996” (RAZIKY, 2003, p. 153).

O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* foi desenvolvido nas 10 cidades correspondentes às cidades selecionadas no *Atlas Geo-sociolinguístico do Pará*. A coleta nessas cidades foi realizada através de um questionário fonético-fonológico composto de 159 perguntas às quais foram aplicadas a 4 informantes de ambas as cidades selecionadas.

De acordo com Raziky (2003), foram selecionados informantes de ambos os sexos com idade entre 18 e 70 anos de idade e com escolaridade completa até a quarta série. A amostra total de informantes é composta por 42 informantes e os resultados foram publicados em CD-ROM e no próprio site do ALIPA, sendo possível ouvir a voz do informante selecionado. Tendo em vista essa característica diferenciada, o ALISPA pertence à terceira geração de atlas, pois “apresenta os dados considerados tradicionais nas cartas, acrescenta-lhes informações sonoras,

acústico-articulatórias, da voz do informante, relacionando-as simultaneamente com o ponto da rede onde se situa o falante” (ARAGÃO, 2020, p. 142).

4.3.7 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) – 2007

O Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul teve o seu projeto elaborado em 1996, entretanto, sua publicação ocorreu em 2007, com a organização realizada por Decir Pedro de Oliveira. O ALMS foi elaborado com o apoio do CNPq, FUNDECT e PROPP/UFMS.

O estudo foi desenvolvido em 32 localidades do Mato Grosso do Sul das quais foram selecionados 4 informantes de ambos os sexos. De acordo com Oliveira (2007) o critério para a escolha desses informantes foi levado em consideração o grau de instrução (analfabetos ou com escolaridade até a 4 série) e nascidos na localidade.

Os resultados obtidos foram apresentados em cartas linguísticas elaboradas por meio do programa computacional SPGDL (sistema de processamento de dados geolinguísticos). As cartas linguísticas foram divididas em cartas fonéticas, semânticas-lexicais e morfossintáticas.

4.3.8 Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonológico (ALINGO) – 2015

O Atlas Linguístico de Goiás (ALINGO) foi apresentado pelo professor Sebastião Elias Milani como um projeto. A produção do Atlas iniciou em 2012 e três anos depois foi publicado. Sebastião Elias Milani e demais colaboradores inovaram ao publicar o primeiro Atlas Linguístico léxico fonético que contempla todo o território goiano.

O trabalho desenvolvido por Milani e colaboradores tem como pressupostos metodológicos a Geolinguística pluridimensional, composta pela rede de pontos, questionário linguístico, perfil do informante e inquiridor. Desse modo, a rede de pontos foi distribuída por eixos rodoviários/rodovias, como é possível observar a seguir:

GO 362 e 210: Orizona, Pires do Rio, Ipameri, Catalão, Três Ranchos, Corumbáiba, Buriti Alegre e Caldas Novas. GO 164: Itaberaí, Goiás, Araguapaz, Aruanã, São Miguel do Araguaia e Porangatu. BR 060 e 364: Rio Verde, Jataí, Mineiros e Santa Rita do Araguaia. BR 153 (sul) e 364: Itumbiara, Cachoeira Dourada, Quirinópolis e São Simão. GO 018: Formosa, Planaltina, São João da Aliança, Alto Paraíso e Campos Belos. BR 153 centro-norte e redondezas: Anápolis, Jaraguá, Ceres, Uruaçu, Santa Terezinha, Crixás, Rubiataba, Nova América e Nova Glória. BR 070: Jussara, Aragarças. GO – 158: Piranhas, Bom Jardim, São Luís dos Montes Belos, Iporá, Palmeiras, Edéia e Paraúna. BR – 050: Vianópolis, Cristalina, Luziânia. BR – 020: Posse e São Domingos (MILANI, 2015, p. 10-11).

A recolha dos dados ocorreu em 50 cidades por meio de entrevistas e aplicação de questionário aos falantes, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Os informantes

selecionados possuem uma faixa etária de 18 a +/-65 anos de idade, escolaridade de 0 a 15 anos.

De todos os dados obtidos, foram selecionados três informantes por ponto. Cada resultado obtido foi transcrito foneticamente utilizando o alfabeto fonético internacional e organizados em tabelas de acordo com o número da pergunta contida no questionário. Todos os dados foram organizados em tabelas. No trabalho, ainda é possível identificar análises dos elementos fonéticos-lexicais que foram constatados no território goiano.

4.3.9 Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO) - 2018

O Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins é um trabalho resultante de uma tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual de Londrina. Esse trabalho foi desenvolvido por Greize Alves da Silva sob orientação da professora doutora Vanderci de Andrade Aguilera.

O Atlas traçou um perfil dialetológico do tocaninense e para isso a autora utiliza como fundamentação teórica a Dialectologia Pluridimensional. Com base na fundamentação teórica, a autora selecionou 96 falantes de ambos os sexos de 12 localidades do estado do Tocantins.

Os informantes foram divididos em dois grupos: faixa etária de 18 a 30 anos, representando os mais jovens e de 50 a 65 anos, contemplando os mais velhos. Com os resultados obtidos, a autora apresenta as variações fonéticas e lexicais presentes no estado do Tocantins através de cartas linguísticas. As cartas linguísticas são apresentadas no Tomo II, sendo “88 cartas fonéticas e 34 cartas resultantes de 17 questões, situadas em cinco campos semânticos” (SILVA, 2018, p. 100).

Antes da apresentação das cartas linguísticas, a autora faz uma análise detalhada de todos os resultados obtidos. Os resultados são analisados com base no método geolinguístico pluridimensional, pois trabalha com as variáveis sociais (idade, escolaridade e mobilidade) e as variáveis linguísticas (vogais /e/ e /o/ em posição pretônicas, os róticos em coda medial e final e algumas variáveis semântico-lexicais).

5. PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 BREVE DESCRIÇÃO SOBRE OS PONTOS DE INQUÉRITO

Todo trabalho de cunho dialetal sob o método geolinguístico segue uma metodologia própria. Desse modo, como aponta Ferreira e Cardoso (1994), para o desenvolvimento da pesquisa dialetal deve-se seguir as seguintes etapas:

- 1) Preparação da pesquisa;
- 2) Execução dos inquéritos;
- 3) Exegese e análise dos materiais recolhidos;
- 4) Divulgação dos resultados obtidos.

Nesse contexto, para a produção de um Atlas linguístico e estudo de um determinado território, é importante, primeiramente, definir o que se pretende estudar na área da linguagem, sejam traços fonéticos/fonológicos, lexicais, morfológicos ou sintáticos. É preciso delimitar o espaço geográfico que será estudado, bem como reconhecer a distribuição populacional presente no local a ser estudado e/ou formação histórica e que ao mesmo tempo, demarcam limites do estado, como consta na metodologia geolinguística.

Sendo assim, para o mapeamento das vogais médias pretônicas em Goiás, utilizamos dados coletados pelo professor Sebastião Elias Milani e armazenados, mas que não foram analisados no *Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Portanto, cabe destacar que os materiais selecionados pertencem ao banco de dados do projeto ALINGO, seguindo, assim, os seguintes critérios de rede de pontos: a antiguidade; os aspectos histórico-culturais; a densidade demográfica; a área de fronteira entre Goiás e outros Estados; e a natureza do povoamento. De acordo com Milani (2015), a rede de pontos de coleta de dados foi direcionada por eixos de principais rodovias do estado, o qual visitaram 52 cidades.

Tendo em vista a grande quantidade de material armazenado no banco de dados do ALINGO, analisamos 45 localidades e selecionamos 24. A seleção contempla cidades pertencentes a todas as 5 mesorregiões goianas. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, as 24 localidades foram escolhidas considerando os critérios relacionados às cidades com maiores quantidades de habitantes (densidade demográfica) e a área de proximidade de fronteira entre Goiás e outros Estados. “A seleção das localidades em que se realiza a recolha de dados baseia-se, em geral, na relação entre a extensão territorial e a população da área em estudo” (BRANDÃO, 1991, p.26).

O critério de densidade demográfica considerou municípios distribuídos entre as mesorregiões com maior índice populacional seguido de área de proximidade de fronteira entre Goiás e outros Estados. Por essas características, na mesorregião do Leste goiano foram selecionadas Luziânia, Formosa, Cristalina, Posse e São Domingos; no Norte goiano, Porangatu, Uruaçu, Campos Belos, São João d'Aliança; no Noroeste goiano, foram selecionados Goiás, São Miguel do Araguaia, Aragarças, Crixás e Aruanã; no Sul goiano, foram selecionados Catalão, Itumbiara, Jataí, Caldas Novas, Mineiros, Quirinópolis e Santa Rita do Araguaia.

As mesorregiões do Centro, Sul e Leste goianos são as que possuem as maiores cidades do estado. Entretanto, na mesorregião do Centro goiano, foram selecionadas as cidades de Jaraguá, São Luís de Montes Belos e Ceres, considerando o critério de maior contingente populacional. Ambas cidades possuem uma população de 75.000 a 20.000 habitantes. Dentre essas cidades, Jaraguá é a mais velha, cuja fundação se deu em 1833.

No quadro a seguir, é possível identificar todas as localidades distribuídas de acordo com a mesorregião a qual pertence. Os pontos de inquérito seguiram a ordem apresentada no quadro, sendo São Luís de Montes Belos o ponto 01 e Santa Rita do Araguaia o ponto 24. Em sequência, apresentamos brevemente as principais características históricas e socioeconômicas das localidades selecionadas.

Quadro 7 - Pontos de Inquérito

| | PONTOS | ÁREA TERRITORIAL | DENSIDADE DEMOGRÁFICA hab/km² | POPULAÇÃO 2010 |
|----------|--------------------------|---------------------------|---|-----------------------|
| 1 | São Luís de Montes belos | 829,620 km ² | 36,36 hab/km ² | 30.034 |
| 2 | Jaraguá | 1.848,947 km ² | 22,64 hab/km ² | 41.870 |
| 3 | Ceres | 213,070 km ² | 96,69 hab/km ² | 20.722 |
| 4 | Goiás | 3.108,423 km ² | 7,96 hab/km ² | 24.727 |
| 5 | Aragarças | 661,677 km ² | 27,61 hab/km ² | 18.305 |

| | | | | |
|----|------------------------|---------------------------|---------------------------|---------|
| 6 | Aruanã | 3.054,773 km ² | 2,46 hab/km ² | 7.496 |
| 7 | Crixás | 4.673,039 km ² | 3,38 hab/km ² | 15.760 |
| 8 | São Miguel do Araguaia | 6.150,179 km ² | 3,63 hab/km ² | 22.283 |
| 9 | Porangatu | 4.825,287 km ² | 8,79 hab/km ² | 42.355 |
| 10 | Uruaçu | 2.142,484 km ² | 17,24 hab/km ² | 36.929 |
| 11 | São João d'Aliança | 3.334,455 km ² | 3,08 hab/km ² | 10.257 |
| 12 | Campos Belos | 735,126 km ² | 25,43 hab/km ² | 18.410 |
| 13 | São Domingos | 3.335,999 km ² | 3,42 hab/km ² | 11.272 |
| 14 | Posse | 2.076,990 km ² | 15,52 hab/km ² | 31.419 |
| 15 | Formosa | 5.804,292 km ² | 17,22 hab/km ² | 100.085 |
| 16 | Luziânia | 3.962,107 km ² | 44,06 hab/km ² | 174.531 |
| 17 | Cristalina | 6.153,921 km ² | 7,56 hab/km ² | 46.580 |
| 18 | Catalão | 3.826,370 km ² | 22,67 hab/km ² | 86.647 |

| | | | | |
|----|------------------------|---------------------------|---------------------------|--------|
| 19 | Caldas Novas | 1.608,523 km ² | 44,16 hab/km ² | 70.473 |
| 20 | Itumbiara | 2.447,014 km ² | 37,71 hab/km ² | 92.883 |
| 21 | Quirinópolis | 3.786,026 km ² | 11,41 hab/km ² | 43.220 |
| 22 | Jataí | 7.178,792 km ² | 12,27 hab/km ² | 88.006 |
| 23 | Mineiros | 9.042,844 km ² | 5,84 hab/km ² | 52.935 |
| 24 | Santa Rita do Araguaia | 1.357,197 km ² | 5,08 hab/km ² | 6.924 |

Fonte: Elaboração própria com base no Banco de dados do ALINGO e IBGE (2010)

5.1.1 Mesorregião de Centro Goiano

Dentre as cidades pertencentes à mesorregião do centro goiano, selecionamos São Luís de Montes Belos, Jaraguá e Ceres. A cidade de São Luís de Montes Belos “tem seu marco inicial em 1857, ano em que foi fundada uma fazenda da qual herdou o nome, a Fazenda São Luiz, localizada no município de Vila Boa (hoje Cidade de Goiás) e emancipada em 1954” (IBGE, 2021).

Atualmente, o município está localizado na microrregião de Anicuns, a 120 km de Goiânia. De acordo com Arrais (2004; 2013), a microrregião à qual pertence São Luís de Montes Belos é uma das mais povoadas do estado com 32% dos municípios do estado e mais de 50% de sua população, distribuídas em uma área inferior a 13% do total. A população desse município era de 34.157 habitantes, entre moradores da zona urbana e rural (IBGE, 2020).

Diferente de São Luís, Jaraguá, durante o período colonial era um Arraial importante para a província, tendo sua origem datada por volta de 1726 (PALACÍN; GARCIA; AMADO,

1995). Como a maioria dos municípios goianos, Jaraguá teve início com a exploração do ouro e transformou-se em vila no ano de 1833 se desmembrando do município de Meia Ponte (atualmente, Pirenópolis) e se tornou cidade em 29 de julho de 1882, passando a ser denominada apenas de Jaraguá (IBGE, 2020).

O município de Ceres foi fundado em 1942 em decorrência do projeto da Colônia Agrícola Nacional (Cang) de Goiás (ARRAIS, 2004). Entretanto, em 1941 a Colônia Agrícola é efetivada à margem do rio das Almas e o núcleo sede passou a ser denominado de Ceres. As divisões de lotes foram realizadas para serem doados aos colonos e futuros moradores da região. De acordo com Neto (1993), em torno de 10 anos, Ceres obteve 3543 famílias de lavradores, o avanço foi possível com o advento da rodovia federal Belém-Brasília, atual BR-153.

5.1.2 Mesorregião do Noroeste Goiano

Dentre as cidades pertencentes à mesorregião do noroeste goiano, selecionamos Goiás, Crixás, São Miguel do Araguaia, Aruanã e Aragarças. Goiás é uma das cidades mais antigas do estado, sua história iniciou no século XVIII com a chegada dos bandeirantes em busca de ouro, sendo fundada por Bartolomeu Bueno da Silva Filho com o nome de Vila Boa de Goiás (NETO, 1993).

De acordo com o IBGE (2020), a cidade de Goiás permaneceu sendo a capital do estado até 1930. Com o esgotamento do ouro na região, o município teve sua população reduzida, atualmente, Goiás possui uma população com cerca de 22.122 habitantes e uma área total de 3.108,020 km². Em 2001 a cidade foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Histórico Mundial, pois boa parte da cidade permanece preservada, principalmente a arquitetura das casas e festas típicas.

Assim como Goiás, Crixás teve início com a chegada da bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno, filho do Anhanguera, em 1726. De acordo com Neto (1993) a principal motivação da bandeira na região era a descoberta do ouro. Antes da chegada dos bandeirantes, a região era habitada por índios “Kirirás” ou Curuchás, cuja tradução é Crixás.

Diferente de Goiás e Crixás, São Miguel do Araguaia, de acordo com o IBGE (2020), surgiu por volta de 1952 com a entrada de José Pereira do Nascimento, Lozorik Belém e Ovídio Martins de Souza na região onde hoje se localiza o município. José Pereira do Nascimento, Lozorik Belém e Ovídio Martins de Souza adquiriram terras na região para criação de gados e

plantações de lavouras. As grandes terras férteis da região atraíram mais pessoas, contribuindo para o desenvolvimento e aumento da produção agrícola.

A história de Aruanã está ligada à criação do presídio Leopoldina, cuja criação remonta aos anos de 1849. O local onde construíram o presídio estava localizado próximo a aldeia dos índios Karajás. O presídio construído próximo a aldeia dos índios foi destruído e reconstruído três anos depois e juntamente com a sua construção o processo de povoamento teve início.

Assim como Goiás e a maioria dos municípios goianos, teve início com a busca pelo ouro, por volta de 1872, com a chegada de garimpeiros, dando início ao povoado. Esses garimpeiros eram oriundos de Araguaiana, estado de Mato Grosso. Em 1943, a Fundação Brasil Central assentou na região o Marco Zero da Expedição Roncador-Xingu, dando origem à tradicional Marcha para o Oeste, preconizada pelo então Presidente Getúlio Vargas. Com a sede da Fundação Brasil Central instalada no povoado de Barra Goiana, viu-se a necessidade de modificar o nome para Aragarças (IBGE, 2020).

5.1.3 Mesorregião do Norte Goiano

Dentre as cidades pertencentes à mesorregião do norte goiano, selecionamos Porangatu, Uruaçu, São João d'Aliança e Campos belos. De acordo com Neto (1993) Porangatu tem origem no núcleo urbano Descoberto da Piedade, entretanto, os primeiros habitantes da região foram os índios avá-canoeiros. No século XVIII, o povoamento começou em decorrência da descoberta do ouro na região. Atualmente, Porangatu está entre umas das maiores cidades do norte goiano, com uma população estimada de 45.866 habitantes.

Além de Porangatu, Uruaçu também é uma das maiores cidades pertencentes à mesorregião. Sua história iniciou por volta de 1910, de origem na região da fazenda Passa Três. A localidade estava situada no interior do município de Pilar de Goiás, à margem da estrada real, passagem obrigatória de tropeiros e comerciantes procedentes do sul. Devido a localização, a região atraiu rapidamente inúmeras pessoas de regiões vizinhas. Em 1913, terras foram doadas para o início do povoamento da região, cujo nome foi dado de Sant'Ana.

Assim como Uruaçu, São João d'Aliança teve seu início por volta de 1910. Nessa época, o povoado possuía uma capela e duas casas. O povoado pertencia ao município de forte e se chamava Capetinga, nome de origem indígena que significa “águas claras” (IBGE, 2020). São João, nasceu de patrimônios “que são embriões de cidades ou aglomerações urbanas nascidas no meio rural” (NETO, 1993, p.74).

Campos Belos teve seu início com a busca pelo ouro. A história do município começou no século XIX, com a formação de um pequeno povoado composto de garimpeiros com interesse na extração de ouro. Passada a fase da extração do ouro, algumas famílias dedicaram-se à agricultura e à agropecuária (ARRAIS, 2013).

5.1.4 Mesorregião do Leste Goiano

Dentre as cidades pertencentes à mesorregião do leste goiano, selecionamos Formosa, Posse, São Domingos, Luziânia e Cristalina. A história de Formosa iniciou por volta do século XVIII, quando o estado de Goiás pertencia à capitania de São Paulo. O povoado que surgiu no local foi denominado de Arraial de Couros, como desdobramento do município de Luziânia, nessa época também Arraial.

De acordo com Arrais (2013), Formosa teve seu desenvolvimento alavancado por volta da década de 20 - 30, com a urbanização mais extensa da cidade, com abertura e alargamento de ruas e saneamento básico. Com a construção da Capital do Brasil, por volta dos anos 50, o município vivencia a pavimentação de ruas, transformando a cidade interiorana em urbana.

São Domingos, assim como Formosa, se originou de um Arraial durante o Brasil Império. Sua história iniciou no fim do século XVII e início do século XVIII. O primeiro povoado que existiu no local era conhecido pela denominação de Arraial Velho, no entanto, não há indícios de sua existência atualmente. De acordo com o IBGE (2020), Os primeiros povoadores da região foram dois irmãos portugueses, Domingos e José Valente, vindos de Salvador (BA) em busca de ouro. Os Padres jesuítas também fizeram parte do povoamento e formação da região, sendo eles os responsáveis pela construção da primeira escola no povoado.

Luziânia é uma das maiores cidades goianas e a sua história iniciou por volta de 1746, portanto é considerada uma das cidades mais antigas do estado. Antônio Bueno de Azevedo foi o primeiro a desbravar a região, juntamente com amigos construiu ranchos e fez roças, mas fixou moradia no local que denominou de Santa Luzia (primeiro nome dado a atual Luziânia) (ARRAIS, 2004; IBGE, 2020).

De acordo com o IBGE (2020), o povoado de Cristalina iniciou com a penetração das bandeiras em busca de ouro e esmeraldas. Entretanto, devido a pouca quantidade de minério encontrada não foi de interesse dos bandeirantes continuar ali, deixando a região durante algum tempo esquecida. Em 1879, dois franceses, Etienne Lepesqueur e Leon Laboissère se estabeleceram no local, onde atualmente se encontra a atual cidade de Cristalina. Eles passaram

a comercializar os cristais que eram de fácil extração e com isso, atraiu muitos garimpeiros de Paracatu e outras localidades.

5.1.5 Mesorregião do Sul Goiano

Dentre as cidades pertencentes à mesorregião do sul goiano, selecionamos Itumbiara, Catalão, Caldas Novas, Quirinópolis, Jataí, Santa Rita do Araguaia e Mineiros. “Nessa região encontra-se a maioria das cidades nascidas de sedes e fazendas” (NETO, 1993, p. 72). Desse modo, Itumbiara, iniciou por volta de 1824 com a entrada do Deputado Imperial Marechal Raymundo José da Cunha Mattos que aprovou a abertura de uma estrada ligando a localidade goiana denominada Anhanguera à cidade mineira de Uberaba. A estrada construída se tornou o meio de travessia interestadual e as terras férteis da região, fizeram com que várias famílias, de diferentes regiões do Brasil, se instalassem em torno do Porto construído no Rio Paranaíba, iniciando o povoado com o nome de Porto Santa Rita (ARRAIS, 2004).

Como a maioria dos municípios goianos, Catalão teve sua origem com a chegada dos bandeirantes. Os bandeirantes adentraram a região por volta de 1722 - 1723, principalmente porque Catalão, devido a sua localização, se tornou o centro de abastecimento e encontro dos bandeirantes que saíam de Minas Gerais e iam em busca das minas de ouro em outras regiões do estado de Goiás (IBGE, 2020).

Se tratando de Caldas Novas, os primeiros habitantes da região foram os índios Caiapós e Xavantes. De acordo com o IBGE (2020), posteriormente, em 1722, Bartolomeu adentrou à região, onde descobriu fontes de águas termais, no entanto, seguiu viagem deixando esquecida as terras da região e em 1900, o povoado começou a crescer com a chegada de imigrantes, fazendo com que Caldas Novas fosse emancipada onze anos depois.

Assim como Caldas Novas, Quirinópolis teve um pioneiro responsável por dar início ao povoamento. João Crisóstomo de Oliveira e sua família adentraram as terras que hoje se encontram em Quirinópolis no século XIX. O então pioneiro da cidade, João Crisóstomo de Oliveira partiu de Ouro Preto, Minas Gerais para obter terras em Goiás.

“A cidade de Jataí constitui-se na última fase da expansão do gado que, vindo da Zona Leste do Brasil, através do rio São Francisco, tomou conta de Minas Gerais e veio até Goiás e Mato Grosso” (IBGE, 2020). Assim, os primeiros desbravadores chegaram à região em 1837, formando o primeiro povoado que constituiu o município.

A história de Santa Rita do Araguaia começou por volta de 1850, quando José Manoel Vilela, de Minas Gerais, estendeu suas terras até o Rio Araguaia. Quatro anos depois, José

doou uma parte de terras próximo ao Araguaia para o Patrimônio da Paróquia de Santa Rita dos Impossíveis. Essas terras doadas à paróquia de Santa Rita dos Impossíveis foram divididas iniciando a colonização sob o regime de aforamento. Em decorrência de conflitos, um novo povoado foi construído e foi denominado de Santa Rita do Araguaia.

A história de Mineiros iniciou em 1873 com a entrada da família Carrijo de Rezende e outras famílias procedentes de Araxá, Minas Gerais. Essas famílias adentram na região em busca de minério. Mais tarde, atraídos pelas notícias de que haviam jazidas de diamantes às margens do Rio Verde, numerosas famílias, vindas especialmente da Bahia, estabeleceram-se nas imediações do garimpo, construíram casas e iniciaram plantação e criação de gado. Com o crescimento do vilarejo, ergueram a primeira igreja.

5.2 PERFIL DOS INFORMANTES E VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Os dados obtidos dos informantes utilizados neste trabalho são do banco de dados do *Atlas Linguístico de Goiás* (2015). Portanto, seguimos a mesma metodologia utilizada no ALINGO. Desse modo, quanto ao tipo de informante selecionado, o trabalho segue o proposto por Brandão (1991, p. 31) em que os informantes devem ser nascidos ou devem residir na localidade em que o inquérito está sendo realizado desde criança; os informantes devem possuir uma boa dentição e fonação. Assim, as variáveis extralinguísticas exploradas neste trabalho estão classificadas em:

- 1) Diatópico: espaço territorial
- 2) Diagenérica: homens e mulheres
- 3) Faixa etária: 18 a 35 anos, 36 a 50 e 51 a 65+ anos
- 4) Nível de escolaridade: 0 a +/- 15 anos

A diatopia estuda as variedades linguísticas distribuídas geograficamente, ou seja, explora os falares locais ou regionais. Desse modo, os dados estudados neste trabalho foram selecionados com base na divisão territorial proposta pelo IBGE (2010), que divide o território goiano em mesorregiões. Escolhemos essa variante, porque "os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira" (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p. 12).

“Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos (...) a linguagem apenas reflete este fato social” (MONTEIRO, 2000, p. 75). Além disso, muitos trabalhos de cunho dialetal demonstram tal fato. Portanto, dada a variação linguística expressiva na fala dos dois gêneros, optamos por trabalhar com a variável diagenérica a fim de contrastar os dados obtidos.

Com relação à faixa etária, analisamos os dados em que os informantes de ambos os sexos tivessem a mesma faixa etária ou que a variável etária se aproximasse. Seguimos esse método porque selecionamos em cada localidade dois dados, um correspondente ao gênero feminino e outro ao gênero masculino. Portanto, optamos por dividir os dados em três faixas etárias, sendo a I faixa (18 - 35) correspondente a informantes mais jovens, a II faixa (36 - 50) correspondente a informantes de meia idade e a III faixa (51 a 65+) que se refere à informantes mais velhos.

Além da variável faixa etária, foram consideradas as variáveis extralinguísticas relacionadas à escolaridade. Desse modo, consideramos informantes que nunca frequentaram a escola ou que possuem +/- 15 anos de escolaridade. Assim como na variável anterior, optamos por selecionar informantes que tanto o homem quanto a mulher de uma mesma localidade possuíssem o mesmo grau de escolaridade ou se aproximasse. O quadro abaixo mostra o perfil completo dos informantes selecionados em cada ponto de inquérito:

Quadro 8: Perfil dos informantes selecionados para a pesquisa

| PONTOS | GÊNERO E ESCOLARIDADE | FAIXA ETÁRIA |
|------------------------------|--|-------------------------------|
| 1 – São Luís de Montes Belos | F - EF (07 anos) ¹² M - EF (07 anos) | II – 50 anos III - 63 anos |
| 2 - Jaraguá | F - EF (11 anos) M - ES (15 anos) | III - 63 anos II - 41 anos |

¹² Os anos indicam quanto tempo o informante frequentou a escola, partindo da nomenclatura atual com ensino fundamental em 9 anos. Desse modo, a sigla (EF) refere-se ao Ensino Fundamental, (EM) ao Ensino Médio e (ES) ao ensino superior.

| | | |
|----------------------------|--------------------------------------|--------------------------------|
| 3 - Ceres | F - EF (07 anos) M - EF (11 anos) | II - 47 anos III - 51 anos |
| 4 - Goiás | F - EF (10 anos) M - EF (05 anos) | I - 31 anos II - 45 anos |
| 5 - Aragarças | F - EF (08 anos) M - EF (04 anos) | I - 30 anos III - 53 anos |
| 6 – Aruanã | F - EF (10 anos) M - EF (08 anos) | II - 37 anos II - 48 anos |
| 7 - Crixás | F - EF (04 anos) M - EF (08 anos) | III - 51 anos III - 53 anos |
| 8 – São Miguel do Araguaia | F - EF (08 anos) M - EF (11 anos) | II - 49 anos II - 45 anos |
| 9 - Porangatu | F - ES (15 anos) M - EF (11 anos) | II - 37 anos II - 40 anos |
| 10 - Uruaçu | F - EF (11 anos) M - EM (12 anos) | II - 40 anos II - 38 anos |
| 11 – São João d'Aliança | F - EF (06 anos) M - EF (04 anos) | II - 45 anos II - 50 anos |
| 12 – Campos Belos | F - EF (04 anos) M - (00 anos) | III - 64 anos III - 65 anos |
| 13 – São Domingos | F - EF (04 anos) M - EF (04 anos) | III - 75 anos III - 80 anos |

| | | |
|-----------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| 14 - Posse | F - EF (08 anos) M - ES (15 anos) | II - 40 anos II - 45 anos |
| 15 - Formosa | F - (00 anos) M - EF (04 anos) | III - 60 anos II - 40 anos |
| 16 - Luziânia | F - EM (13 anos) M - EF (11 anos) | I - 21 anos II - 45 anos |
| 17 - Cristalina | F - EM (13 anos) M - EF (11 anos) | I - 24 anos I - 26 anos |
| 18 – Catalão | F - EF (07 anos) M - EF (11 anos) | II - 41 anos I - 35 anos |
| 19 – Caldas Novas | F - EF (11 anos) M - EF (02 anos) | I - 27 anos III – 79 anos |
| 20 - Itumbiara | F - EF (11 anos) M - EF (08 anos) | II - 45 anos II - 38 anos |
| 21 - Quirinópolis | F - ES (15 anos) M - EF (05 anos) | I - 26 anos II - 45 anos |
| 22 – Jataí | F - ES (15 anos) M - EF (05 anos) | II - 39 anos II - 44 anos |
| 23 – Mineiros | F - ES (15 anos) M - EF (11 anos) | II - 45 anos III - 56 anos |
| 24 – Santa Rita do Araguaia | F - ES (15 anos) M - ES (15 anos) | II - 48 anos III - 60 anos |

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o apresentado no quadro acima, podemos observar que não conseguimos muitos informantes pertencentes a faixa etária I, os dados ficaram mais concentrados em informantes pertencentes a II faixa etária. Além disso, com relação à escolaridade, observamos que a média de escolaridade está concentrada em 8 anos. Em suma, a maioria dos informantes selecionados não concluíram o ensino fundamental 1º, estudando até o 8/9º ano.

5.3 O QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

“A técnica normalmente utilizada para assegurar tal homogeneidade é a aplicação de um questionário, que serve de fio condutor da investigação por conter variáveis linguísticas que, numa última etapa, devidamente selecionadas, permitirão que se caracterizem as áreas dialetais” (FERREIRA; CARDOSO, 1991, p. 30). Assim, o questionário é uma ferramenta metodológica indispensável para se obter os dados almejados em uma pesquisa de cunho dialetal. Seu uso possibilita a aplicação homogênea do método geolinguístico em diferentes regiões à qual está sendo estudada que conseqüentemente resulta em dados susceptíveis de comparação.

Assim, na elaboração do questionário, mostra-se, mais uma vez, de grande importância a etapa aqui denominada de ‘levantamento preliminar de dados’, pois a tarefa, ao contrário do que possa parecer, não é tão simples. Ela requer que o pesquisador reconheça, em seus múltiplos aspectos, a região em que se desenvolverá o trabalho, e, também, que tenha selecionado, previamente, com base em estudos linguísticos já realizados, alguns fenômenos cuja extensão ainda não tenha sido delimitada (BRANDÃO, 2005, p. 32).

Para a obtenção do acervo do banco de dados trabalhado no ALINGO, foi utilizado um questionário com questões sobre a terra, o povo, cultura local, alimentação, chuva e plantas, totalizando 226 perguntas. Milani (2015) estrutura as entrevistas da seguinte forma:

- I) Entrevista estruturada: perguntas pré-elaboradas pelo entrevistador e seguem uma linha de raciocínio definida. Nela o informante é induzido a falar o que o entrevistador tiver interesse.
- II) Outra forma chamada Depoimento: o informante fala livremente sobre determinado tema, sem a interferência do entrevistador.
- III) A última é a entrevista semiestruturada, perguntas que dão margem ao entrevistado para falar sobre algo que não ocorreu ao entrevistador.

Como neste trabalho exploramos somente as variedades fonéticas-fonológicas das vogais médias pretônicas em Goiás, fizemos uso de apenas algumas perguntas contidas no questionário do inquérito do acervo do LABOLINGGO¹³. Portanto, das 226 perguntas utilizadas no *Atlas Linguístico de Goiás*, nós selecionamos 12 questões que contemplam o objeto de estudo proposto neste trabalho. As perguntas selecionadas podem ser observadas no quadro abaixo.

Quadro 9 - Perguntas retiradas do questionário utilizado na elaboração do ALINGO e utilizadas nesta dissertação

| Número de perguntas | Perguntas utilizadas para a obtenção dos dados | Respostas obtidas | Variável explorada |
|----------------------------|---|--------------------------|---------------------------|
| - | O espaço geográfico | - | - |
| 01 | 12 - Como chama a mata típica de Goiás? | Cerrado | [e] |
| - | Fenômenos atmosféricos | - | - |
| 02 | 15 - Como chama aquele barulho que faz quando chove? | Trovão | [o] |
| 03 | 16 - Como chama o clarão que sai da nuvem quando chove? | Relâmpago | [e] |
| 04 | 25 - Como chama aquela fumaça que aparece pela manhã, quando está frio? | Neblina | [e] |

¹³ Laboratório da Língua de Goiás e tem por objetivo estudar o modo como os goianos falam.

| | | | |
|----|---|----------|-----|
| - | Os nomes para a comida e as coisas da cozinha | - | - |
| 05 | 44 - Como chama aquela fruta que parece laranja que a gente tira a casca com a mão? | Mexerica | [e] |
| 06 | 49 - Como chama o fruto do pé de milho? | Espiga | [e] |
| 07 | 52 - Do que é feito pé de moleque? | Amendoim | [o] |
| 08 | 55 - Como chama a máquina de triturar café em casa? | Moinho | [o] |
| - | Atividades Agropastoris e vida no campo | - | - |
| 9 | 76 - Como chama o filhote da vaca? | Bezerro | [e] |
| - | Corpo humano | - | - |
| 10 | 130 - Como se chama a sujeira que fica no olho? | Remela | [e] |
| - | Ciclos da vida | - | - |
| 11 | 172 - Quando o filho que é só da mãe ou só do pai, o que é do outro? | Enteado | [e] |

5.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Para analisar os dados obtidos por meio da aplicação do questionário, partimos do estudo da fonética e fonologia das vogais do português brasileiro. Assim, obtivemos as variáveis linguísticas dependentes exploradas neste trabalho, sendo elas as médias pretônicas [e] e [o] que, ao depender do contexto fonético-fonológico, podem variar, sofrendo alteração em sua altura, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 10 - Variáveis dependentes [e] e [o]

| Variável dependente | Variantes | |
|---------------------|-----------|-----|
| [o] | [ɔ] | [u] |
| [e] | [ɛ] | [i] |

Fonte: Elaboração própria

O quadro evidencia que a vogal média anterior pretônica [e] pode variar em média-baixa [ɛ] ou alta [i] e a vogal média posterior pretônica pode variar em média-baixa [ɔ] ou alta [u]. Para a análise e reconhecimento dessas variações, partimos da descrição fonética para descrever a fala dos indivíduos. A descrição fonética é feita pelos símbolos¹⁴ fonéticos que são universais, ou seja, há um símbolo proposto para cada fone existente em línguas já descritas e a fonologia nos possibilitará entender a ocorrência dos fenômenos apresentados nas cartas linguísticas.

Desse modo, segundo Silva (2015), ao analisar os processos fonológicos devemos considerar os seguintes fatores: a posição do segmento vocálico em relação ao acento; a ocorrência de vogais médias em relação com as demais vogais ou consoantes das palavras; a ocorrência das vogais nasais em relação ao acento e à consoante que a segue. Sendo assim, para a análise, consideramos, além das variáveis extralinguísticas, algumas variáveis linguísticas responsáveis por desencadear os fenômenos de alteamento a abaixamento das médias pretônicas. Essas variáveis linguísticas são exploradas a seguir.

¹⁴ Os símbolos fonéticos universais são determinados pela Associação Internacional de Fonética.

5.4.1 Contextos fonético-fonológicos da vogal pretônica: a sílaba precedente e a sílaba seguinte

A variável sílaba precedente é considerada para que possamos observar se esta influencia no comportamento das vogais médias [e] e [o] em posição pretônica. Assim, a vogal da sílaba precedente pode afetar a pronúncia da vogal seguinte, que está em posição pretônica, como em: [ête'a:du], [xedʒ'muĩ:ɲu] e [miʃ'ri:kə]. Portanto, achamos necessário observar o contexto apresentado em questão.

As vogais seguintes são apontadas em muitos trabalhos como uma das condicionadoras da harmonização vocálica, pois as vogais pretônicas tendem a assimilar a altura da vogal seguinte. Como, por exemplo, na palavra “menino” em que a sílaba pretônica é [me], a tônica é [ni] e a postônica é [no]. Nesse caso, há um ambiente fonético seguinte (portanto, uma variável fonológica, a presença do [i], que pode afetar a pronúncia da vogal [e] em posição pretônica.

Portanto, a vogal nas sílabas precedentes e/ou seguintes, como o fonema /e/ precedente a pretônica, na palavra “mexerica” posta à esquerda da vogal tônica pode condicionar ao alçamento e/ou abaixamento das vogais médias em posição pretônica. Desse modo, levamos em consideração a altura das vogais, sendo elas classificadas como: vogal alta anterior [i], vogal alta posterior [u] e vogais média [e, o]; para os dados de média-baixa [ɛ, ɔ] temos as ocorrências de abaixamento.

5.4.2 Contextos fonético-fonológicos da vogal pretônica: as consoantes precedentes e seguintes

As consoantes precedentes das vogais médias pretônicas foram agrupadas seguindo o ponto e modo da articulação de cada uma: bilabial [b, m], velar [k, X], alveolar [s, t, d, n, r], labiodental [v], alveopalatal [dʒ, ʃ]. Ambas podem inibir ou condicionar para que ocorram o alçamento e/ou abaixamento das vogais médias. Desse modo, foram verificados os seguintes contextos:

- a) Bilabial - bezerra [be'ze:xu], mexerica [meʃ'ri:kə];
- b) Velar - relâmpago [xe'lẽ:pʰaɣu];
- c) Alveolar - cerrado [se'xa:du], trovão [tro'vẽ:w̃], neblina [ne'bli:nɐ];
- d) Alveolopalatal - enteado [ĩʃ'ri'a:du].

Da mesma forma das consoantes precedentes, as consoantes seguintes foram agrupadas de acordo com modo de articulação: bilabial [p, b, m], velar [X], alveolar [s, l, z, r], labiodental [v]. As consoantes seguintes elencadas são as consoantes presentes em palavras no Português do Brasil que obtivemos nos resultados deste trabalho. Desse modo, foram verificados os seguintes contextos:

- a) Bilabial - *espiga* [is'pi:ɡɐ], *remela* [xe'mɛ:lɐ], *neblina* [ne'bli:nɐ];
- b) Velar - *cerrado* [se'xa:dɔ];
- c) Alveolar - *espiga* [is'pi:ɡɐ], *bezerro* [be'ze:xɔ], *relâmpago* [xe'lẽ:p^aɡɔ], *mexerica* [mɨ'ʃi:ri:kɐ];
- d) Labiodental - *troyão* [tru'vẽ:ũ].

5.4.3 Contexto fonético-fonológico da Nasalidade

“A língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes.” (CÂMARA Jr., 1997, p. 45). Assim, dentro da Língua Portuguesa, temos vogais orais e nasais e ambas são exploradas em muitos trabalhos anteriores a este.

Portanto, a variável referente à nasalização das vogais é significativa para o estudo das vogais médias pretônicas recorrentes no fenômeno do alteamento e manutenção. Ressaltamos que o contexto de nasalidade é explorado como fator condicionante do alteamento das médias pretônicas, como pode ser observado em enteadado - [ẽte'a:dɔ] ~ [ĩʃi'a:dɔ].

5.5 SELEÇÃO, TRANSCRIÇÃO DOS DADOS E ELABORAÇÃO DAS CARTAS

Para a obtenção dos dados, o professor Doutor Sebastião Elias Milani disponibilizou o acervo do Laboratório da Língua de Goiás (LABOLINGGO) com todas as gravações realizadas durante os quatro anos de desenvolvimento do *Atlas Linguístico de Goiás* para que pudéssemos analisar e selecionar os dados que comporiam este trabalho.

Após os dados serem disponibilizados, percorremos cada pasta de arquivo com as gravações de cada ponto de inquérito. Baixamos todas as gravações e ouvimos uma por uma para iniciarmos a seleção dos dados. Num primeiro momento, descartamos as gravações que tinham muito ruído. No segundo momento, descartamos as gravações em que os informantes não apresentaram a resposta necessária para o nosso estudo, pois em alguns áudios haviam informantes que não conseguiram responder a maior parte das perguntas selecionadas e exploradas neste trabalho.

Além das respostas necessárias para a escolha dos áudios, observamos nos dados, tanto do sexo feminino quanto do masculino, a idade e nível de escolaridade, afim de que os informantes de ambos os sexos não tivessem a sua idade muito destoante, mantendo a escolha de uma faixa etária para homem e mulher. Entretanto, tal questão não foi possível em todos os pontos, pois as gravações de algumas cidades não havia a mesma quantidade de informantes do sexo feminino ou masculino, como aponta Milani (2015) foram feitos esforços para preencher todas as faixas etárias e escolaridade, mas isso certamente não foi possível em todas as localidades.

Ao finalizarmos a seleção das gravações, iniciamos a escuta e transcrição fonética de todos os dados. Para a transcrição fonética, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Os dados selecionados foram ouvidos diversas vezes para que não houvesse comprometimento dos resultados. Como resultado, obtemos um total de 576 dados de ocorrências do fenômeno em estudo que foram distribuídos em cartas linguísticas.

As cartas linguísticas foram elaboradas pelo estudante de Engenharia Cartográfica e de Agrimensura do 8º período, Rodolfo Martins de Carvalho, levando-se em consideração a metodologia utilizada pela Geolinguística. Desse modo, para a elaboração das Cartas Linguísticas foi utilizado o software de código aberto QGIS, que é um software SIG (Sistema de Informações Geográficas).

Na parte superior da Carta está localizado o número da carta e a palavra que estamos analisando. Abaixo encontra-se o mapa do estado de Goiás junto aos ícones que representam a dimensão *diagenérica*. A direita do mapa está localizada o mini mapa que serve para melhor compreender onde está localizada a área estudada, e também a Legenda que é subdividida nas convenções e nas informações cartográficas.

6. CARTAS FONÉTICAS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as cartas linguísticas com os resultados obtidos e a análise dos dados. As vogais médias em posição pretônica [e] e [o] são analisadas separadamente, pois a variação de ambas é afetada por contextos diferentes. Desse modo, os dados foram analisados com base nas variáveis linguísticas e extralinguísticas, pois ambas variáveis possuem o papel condicionador da variação das vogais médias em posição pretônica.

Sendo assim, em termos de organização, iniciamos a análise e apresentação dos dados obtidos para a vogal [e] e na sequência, apresentamos a análise e os dados obtidos para [o]. Assim, destacamos que os dados fonológicos estudados foram apresentados de acordo com a ordem em que aparecem no questionário descrito anteriormente. Em cada descrição, apresentamos os resultados obtidos descritos em dois grupos: variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas.

Nas variáveis linguísticas, consideramos o contexto fonético-fonológico da vogal na sílaba precedente e seguinte, contexto fonético-fonológico da consoante precedente e seguinte, contexto fonético-fonológico da nasalidade. Para as variáveis extralinguísticas, consideramos o sexo/gênero, idade e diatopia.

Em suma, apresentamos, primeiramente, os resultados dos contextos linguísticos referentes à pretônica média anterior [e] e na sequência os resultados e discussão dos dados sociais referentes. Após a análise e discussão dos dados extralinguísticos, apresentamos as cartas linguísticas. O mesmo foi feito para a pretônica média posterior [o] e por fim, apresentamos uma sistematização de todos os dados.

6.1 REALIZAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ANTERIORES E POSTERIORES [e] E [o] EM POSIÇÃO PRETÔNICA

6.1.1 Realização da vogal média em posição pretônica [e] na fala goiana

Organizamos nossos dados fonéticos-fonológicos a seguir de acordo com o número da questão apresentada no QFF. Desse modo, iniciamos a nossa análise pelos dados correspondentes à palavra “cerrado”. Esses dados podem ser observados na tabela a seguir, que apresentam duas variantes, sendo elas: [se'xa:ðo] e [sɛ'xa:ðo]. Dessas variantes, 21 informantes realizaram a vogal média pretônica [e] de forma fechada e 14 realizaram a abertura

de [e] para [ɛ], os demais informantes não conseguiram responder à pergunta de acordo com o esperado.

Desse modo, como pode ser observado no quadro 1, a variante [e] fechada prevalece com 44% sobre a aberta [ɛ], que tiveram apenas 29% de ocorrências. Analisando o maior índice de ocorrência da manutenção da vogal fechada referente aos segmentos vocálicos em contexto seguinte, observamos que a vogal na sílaba seguinte [a], em “cerrado”, apresenta neutralidade, não influenciando na realização da média pretônica [e]. Com relação ao contexto consoante alveolar precedente [s], favorece a manutenção. O mesmo ocorreu nos resultados de Silva (2012), Araújo (2007), Oliveira (2013) e Silva (2013).

Quadro 11 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “cerrado”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------|--------------------|------|
| Cerrado | Alçadas [i] | - | 0 | 0% |
| | Fechadas [e] | [se]rrado | 21 | 44% |
| | Abertas [ɛ] | [sɛ]rrado | 14 | 29% |
| | Não Responderam | - | 13 | 27% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Em Oliveira (2013) a vogal anterior [e] é favorecida pelas vogais médias baixas [ɛ, ɔ] e pela baixa [a], o mesmo ocorre em Fagundes (2015) e na maioria dos trabalhos mencionados anteriormente. Esse fator condicionante correspondente à abertura da média [e] é tida na literatura como regra de harmonia vocálica, que desencadeia a assimilação da altura da vogal seguinte, sendo ela tônica ou não. A harmonia vocálica, como mencionada anteriormente, é um processo “uma propriedade articulatória própria de um segmento é compartilhada por outro segmento adjacente” (SILVA, 2015, p. 120).

A variante [sɛ'xa:ɔ], embora tenha apresentado um número menor de ocorrências, cabe-nos analisar o que levou os 14 informantes a realizarem a vogal média aberta. Assim, a explicação coerente para essa variante se centra no contexto fonético-fonológico vogal da sílaba seguinte, pois como observado na maioria dos trabalhos realizados anteriores a este, a vogal média pretônica tende a assimilar a altura da vogal seguinte. Sendo assim, o que nos leva a reforçar que a realização de [ɛ] aberta na variante [sɛ'xa:ɔ], se dá em decorrência da vogal

seguinte [a], pois se trata de uma vogal baixa que ocasiona a abertura da boca em sua articulação.

Na sequência, analisamos os dados correspondentes à palavra “relâmpago”. Esses dados podem ser observados no quadro 2, em que são apresentadas duas variantes, sendo elas: [xe'lẽ:p^agũ] e [xɛ'lẽ:p^agũ]. A variante [xe'lẽ:p^agũ] apresentou 44 ocorrências das médias fechadas [e], o que corresponde, em termos percentuais, a 92% e a segunda variante apresentou somente 3 ocorrências, correspondendo a 6%.

Quadro 12 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “relâmpago”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|-----------|-----------------|-------------|--------------------|------|
| Relâmpago | Alçadas [i] | - | 0 | 0% |
| | Fechadas [e] | [xe]lâmpago | 44 | 92% |
| | Abertas [ɛ] | [xɛ]lâmpago | 3 | 6% |
| | Não Responderam | - | 1 | 2% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

No quadro 2, é possível observar que o maior índice percentual se centra na manutenção da vogal fechada [e]. Analisando esses resultados, concluímos que o segmento vocálico em contexto seguinte à vogal pretônica não favorece a realização da abertura de [e], ou seja, a vogal [a] apresenta neutralidade quanto à variação da vogal média, o mesmo resultado é observado em Gaebriin (2008). Por outro lado, esse resultado contraria a maioria dos trabalhos apresentados na revisão de literatura, pois grande parte deles apresentaram as vogais baixas [ɛ] e [a] como favorecedoras do abaixamento de [e].

Com relação ao contexto fonético-fonológico correspondente à consoante precedentes, observamos que a consoante velar [x] na variante [xe'lẽ:p^agũ] inibe a abertura da média, mantendo-a fechada. Tal fato ocorre porque “essas consoantes possuem maior aproximação articulatória à variante quase-velar [u], cuja articulação ocorre com a elevação da língua em direção ao véu palatino, mais especificamente em direção ao palato mole. No entanto, como o ponto articulatorio dessas consoantes não é fixo, a língua pode avançar ou retornar em decorrência da vogal com que se combina” (OLIVEIRA, 2013, p. 120).

O contexto fonético-fonológico correspondente à consoante seguinte inibe, juntamente com a consoante precedente à abertura da média [e], isso porque [l] é uma consoante alveolar

lateral que está na sílaba seguinte à pretônica e possui em sua estrutura articulatória próxima a vogal média [e]. Esse resultado é constatado na pesquisa de Freitas (2001), Graebrin (2008), Viana (2008), Silva (2013) e Almeida (2017), pois a consoante alveolar lateral em contexto seguinte é apontada como desfavorecedora do o alçamento da média anterior [e].

O quadro 3, a seguir, expõe os resultados obtidos para a palavra “neblina”, cujos resultados variaram em [li'bli:nɐ], [ne'bli:nɐ] e [nɛ'bli:nɐ]. Nesse quadro observamos que a vogal fechada [e] é mantida com 60% de ocorrências enquanto que a vogal aberta possui um número menor de ocorrências, com apenas 23%. Os demais resultados foram insignificantes em termos percentuais.

Na variante [ne'bli:nɐ], temos a vogal alta [i] em contexto seguinte que apresenta como forte favorecedora da pretônica média fechada [e]. Souza (2018), ao realizar sua dissertação em 8 municípios do estado de Goiás obteve o mesmo resultado. Segundo a autora, a alta [i] apresentou o maior índice de favorecimento à manutenção de [e], com 0,80 de significância. Esses resultados foram constatados nas palavras red[i]munho, telev[i]são, def[i]ciente, pern[i]longo, pers[i]ana, venez[i]ana, falec[i]mento e telev[i]sor.

Quadro 13 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “neblina”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------|--------------------|------|
| Neblina | Alçadas [i] | [li]blina | 3 | 6% |
| | Fechadas [e] | [ne]blina | 29 | 60% |
| | Abertas [ɛ] | [nɛ]blina | 11 | 23% |
| | Não Responderam | - | 5 | 10% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Freitas (2001) e Vieira (2010), em seus trabalhos, ao analisarem o contexto fonético-fonológico da consoante precedente e seguinte, observaram que as alveolares são favorecedoras da manutenção de [e]. Os mesmos resultados são observados nos trabalhos de Graebin (2008) e Silva (2013), cujos resultados são observados em municípios goianos. Desse modo, na variante [ne'bli:nɐ] a consoante alveolar nasal precedente [n] favorece a manutenção da vogal anterior. No contexto correspondente à consoante presente na sílaba seguinte, observamos o encontro consonantal [b l], nesse caso, possivelmente essas consoantes

favorecem a manutenção de [e] devido ao ponto de e modo da articulação a qual são realizadas, induzindo mais ao fechamento da boca, favorecendo a média fechada.

Na variante [li'bli:nɐ], 3 informantes trocaram a consoante alveolar nasal [n] em contexto precedente pela alveolar lateral [l]. Nesse contexto, temos em sequência a troca da vogal pretônica, que é realizada como vogal alta [i]. Por outro lado, na variante [nɛ'bli:nɐ], 11 informantes permaneceram com a consoante alveolar nasal em contexto precedente, mas à vogal média pretônica foi modificada, sendo realizada de forma aberta por 11 informantes.

O quadro 4 apresenta os resultados percentuais para a palavra “mexerica”. Os resultados mostram que todos (100%) os informantes realizaram a vogal alta [i] ao invés de a média fechada [e]. Entretanto, obtivemos 3 variantes diferentes da palavra fonológica “mexerica”, sendo elas: [biʃ'ri:kɐ], [miʃ'ri:kɐ] [meʃ'ri:kɐ]. Dessas variantes, 1 informante trocou a consoante bilabial nasal [m] pela bilabial oclusiva [b] no contexto de consoante precedente e 2 mantiveram a vogal fechada na sílaba precedente à pretônica. Se tratando da troca de [m] por [b], podemos classificar como uma variação livre que consiste, de acordo com Cagliari (2002), como um fenômeno extralinguístico que possivelmente ocorre por algum condicionamento de natureza não fonológica.

Quadro 14 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “mexerica”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|--------------------------------------|--------------------|------|
| Mexerica | Alçadas [i] | me[ʃi]rica/mi[ʃi]rica /bi[ʃi]rica | 48 | 100% |
| | Fechadas [e] | - | 0 | 0% |
| | Abertas [ɛ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 0 | 0% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Com relação à variante [miʃ'ri:kɐ], identificamos que o alçamento da média [e] em todos os dados correspondentes à “mexerica” é desencadeado pela presença de vogais altas na sílaba subsequente às vogais médias [e], como em v[i]stido e c[u]ruja, constituindo-se assim, um processo de assimilação total. De acordo com Bisol (1981), esse fenômeno ocorre porque a vogal pretônica assimila a altura da vogal seguinte, nesse caso, a altura da vogal precedente à pretônica também é assimilada, desencadeando a harmonia vocálica. Callou e Leite (2015)

“entre as vogais altas, [i] teria mais força assimilatória do que [u] em virtude da própria configuração da cavidade bucal, cuja área anterior, no eixo vertical, apresenta maior espaço articulatorio do que a posterior. Entre as vogais altas, [i] teria mais força assimilatória do que [u] em virtude da própria configuração da cavidade bucal, cuja área superior, no eixo vertical, apresenta maior espaço articulatorio do que a posterior”.

A vogal seguinte é o elemento desencadeador da assimilação, mas ao lado dela outros elementos estruturais também interferem nesse processo (FREITAS, 2001, p. 77). Desse modo, nessa variante, além das vogais, as consoantes precedentes e seguintes podem ser favorecedoras do alçamento. As consoantes bilabiais precedentes no trabalho de Graebin (2008) e Souza (2018) apresentaram favorecimento da manutenção da média fechada, entretanto, para a média [o], a bilabial nasalizada [m] apresentou maior percentual de favorecimento. No trabalho de Silva (2013), as bilabiais [p, b, m] apresentaram (0.753) de favorecimento ao alçamento.

A seguir, o quadro 5, apresenta os resultados percentuais para a palavra “espiga” e nele é possível observar a ocorrência de duas variantes, sendo elas: [is'pi:gə] e [es'pi:gə]. Nesse quadro é possível observar que o maior índice percentual se centra na realização da vogal alta [i], com 83% de recorrências. Ao contrário da variante [is'pi:gə], tivemos [es'pi:gə], que observamos apenas uma única ocorrência.

Os dados correspondentes à palavra “espiga” não possuem consoante precedente, apenas consoante seguinte, que se trata da alveolar fricativa [s]. Bisol (1981) explica, assim como palavras em contexto, iniciadas com vogais nasais em contextos nasalizados (en), vogais seguidas de dental fricativa [s], como em “espiga”, “esperança”, “estranho” tendem a favorecer a elevação da vogal [e]. No mesmo seguimento, Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Viana (2008) e Graebin (2008) observaram que as ocorrências da vogal [e] em início de palavra, sem travamento, quase não alça – educação, exemplos, energia –, mas quando travadas, tanto por nasal quanto fricativa, o alçamento é quase categórico – istudar, ixplicar, isquina, iscola, encarou.

Quadro 15 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “espiga”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|--------------|-----------|--------------------|------|
| Espiga | Alçadas [i] | [is]piga | 40 | 83% |
| | Fechadas [e] | [es]piga | 1 | 2% |

| | | | | |
|--|-----------------|---|---|-----|
| | Abertas [ɛ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 7 | 15% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

O quadro 6 abaixo, expõe os dados correspondentes à palavra “bezerro”. Nesse caso, de todos os resultados obtidos para “bezerro”, 38 informantes realizaram o alçamento da vogal média posterior [e] para vogal alta posterior [i] e apenas 10 pronunciaram responderam mantendo a vogal média [e]. Percentualmente, obtivemos 79% de ocorrências para a variante [bi'ze:xu] e 21%, para a variante [be'ze:xu].

A vogal média pretônica alçada recorrente em “bezerro” é explicada por Viegas (1995) “ao mencionar que a origem da palavra havia o [i] no lugar do [e], como em: *bizerro* < do lat. bisp. <*ibicerra* < *ibicirra*. Assim, nesse caso, o alçamento de [e] para [i] na fala desses informantes, segue a ideia de que o falante conservou a pronúncia da língua de origem.

Quadro 16 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “bezerro”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------|--------------------|------|
| Bezerro | Alçadas [i] | [bi]zerro | 38 | 79% |
| | Fechadas [e] | [be]zerro | 10 | 21% |
| | Abertas [ɛ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 0 | 0% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

O quadro 7 abaixo apresenta os resultados percentuais para a palavra “remela”. Como apresentado no quadro, 69% dos informantes realizaram a média pretônica aberta [ɛ] e 29% realizaram a vogal média de forma fechada [e]. Esses dados podem ser observados no quadro 7, em que são apresentadas duas variantes, sendo elas: [xɛ'mɛ:lɐ] e [xe'mɛ:lɐ].

A variação [xɛ'mɛ:lɐ] apresentada na carta linguística é explicada por meio da harmonização vocálica cuja responsável pelo abaixamento de [e] para [ɛ] ocorre por causa da vogal tônica baixa adjacente. O mesmo ocorre em Callou, Leite e Coutinho (1991), ao desenvolverem um estudo sobre a elevação e o abaixamento das vogais médias pretônicas na fala do Rio de Janeiro.

Quadro 17 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “remela”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------|--------------------|------|
| Remela | Alçadas [i] | - | 0 | 0% |
| | Fechadas [e] | [xe]mela | 14 | 29% |
| | Abertas [ɛ] | [xɛ]mela | 33 | 69% |
| | Não Responderam | - | 1 | 2% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Em “remela” temos a consoante precedente à pretônica velar fricativa [x] e a seguinte a bilabial nasal [m]. Se tratando da consoante precedente, observamos que esta consoante favorece a realização da vogal aberta [ɛ] nos dados expostos no quadro 7. Esses resultados corroboram com os encontrados no trabalho de Almeida (2017) as velares beneficiam o abaixamento Almeida (2017). Além de Almeida (2017), Bisol (1981) diz que as velares [k, g, x] em ambas posições, favorecem a abertura da pretônica [e] e em contexto precedente, favorece a abertura de [o]. Esse favorecimento é decorrente do ponto e modo de articulação das velares, pois ambas estão mais próximas articulatoriamente das vogais baixas.

O quadro 8 evidencia as ocorrências obtidas para a palavra “enteado”. Nele podemos observar que 81% das vogais médias pretônicas foram realizadas de forma alçadas, enquanto apenas 2% se resume à realização da média fechada. Já os 17% que restaram se referem aos informantes que não souberam responder à pergunta realizada pelo inquiridor. Os alçamentos foram realizados em três variantes diferentes, sendo elas: [ĩʃi'a:ɔ], [ẽʃi'a:ɔ], [ẽʃi'a:ɔ].

A variante [ẽʃi'a:ɔ] foi realizada apenas por 1 informante, cuja troca da vogal precedente à pretônica [e] foi realizada por pela baixa [a]. Já a variante [ẽʃi'a:ɔ], foi realizada por 9 informantes. Por outro lado, [ĩʃi'a:ɔ] lidera a quantidade de ocorrências nos municípios goianos. Embora tenhamos essas variações, a vogal pretônica em ambas se manteve de forma alçada.

Quadro 18 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “enteado”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-------------|-----------------------------------|--------------------|------|
| | Alçadas [i] | en[ʃi]ado/in[ʃi]ado/ an[ʃi]ado | 39 | 81% |

| | | | | |
|---------|-----------------|-----------|---|-----|
| Enteado | Fechadas [e] | en[te]ado | 1 | 2% |
| | Abertas [ɛ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 8 | 17% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

A maior porcentagem de recorrência do alçamento de [e] para [ɛ] nas três variantes, se dá pelo fato de termos um hiato na palavra *enteado*. Além disso, Silva (2013) observou que o fator (vogais) infere que há formação de hiato entre a vogal média pretônica e a vogal seguinte. Há a hipótese de que elas tendam a alçar a vogal pretônica. Graebin (2008) observou que os contextos que mais favorecem o alçamento ocorrem entre sílabas com travamento em /N/ e hiato.

6.1.2 Exposição por variável extralinguística

A maioria dos trabalhos analisados nesta dissertação observam as variáveis sociais, pois o contexto social, assim como os fatores linguísticos, influencia na variação do dialeto. A idade, sexo, escolaridade são os elementos extralinguísticos analisados para identificar alguns fenômenos relacionados à vogal média pretônica. Entretanto, aqui, exploraremos as variáveis sexo, idade e diatopia, pois não conseguimos obter dados que preenchessem todas os níveis de escolaridade.

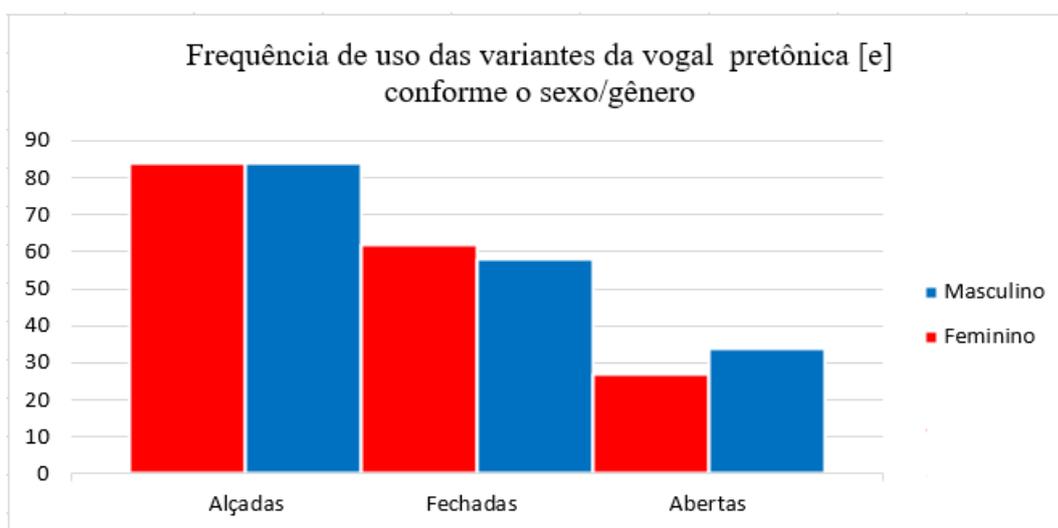
O gráfico mostra que há um comportamento diferente entre homens e mulheres quanto ao uso da vogal alta, média e baixa. Assim, analisando a média [e], referente ao sexo/gênero do informante, notamos que homens e mulheres realizam de modos semelhantes a regra de alçamento, ou seja, tanto os homens quanto as mulheres realizaram percentualmente a mesma quantidade de ocorrências. Nos resultados apontados por Graebin (2008), as mulheres realizam mais o alçamento com 18,5%. Por outro lado, Silva (2013) encontrou pouca diferença relacionada ao alçamento da média, evidenciando que as mulheres e os homens apresentam percentuais parecidos quanto à elevação de [e].

Se tratando da vogal média fechada [e], observamos que, embora os resultados sejam parecidos, cabe destacar que as mulheres tendem a realizar mais a média fechada do que os homens. Em Vieira (2010), Dia (2012), Silva (2013) e Souza (2008) os resultados corroboram

com os evidenciados aqui, entretanto, Graebin (2008), na fala de Formosa (GO), aponta que os homens tendem a realizar mais a manutenção do que as mulheres.

A vogal aberta [ɛ] apresentou menor percentual e foi realizada mais pelos homens. Silva (2013), na fala de Iporá, apontou o mesmo “a abertura é favorecida pelos homens”. Oliveira (2013) observou que os homens usam mais as variantes médias baixas que as mulheres. Por outro lado, Graebin (2008) evidenciou o contrário nos informantes de Formosa, pois seu trabalho mostra que as mulheres realizam mais a média aberta [ɛ]. Todos esses resultados podem ser evidenciados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Distribuição da variável [e] conforme o sexo



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Além do sexo, observamos a faixa etária, que foi dividida em três, sendo a I faixa (18 - 35) que corresponde à informantes mais jovens, a II faixa (36 - 50) que corresponde à informantes de meia idade e a III faixa (51 a 65+) que se refere à informantes mais velhos.

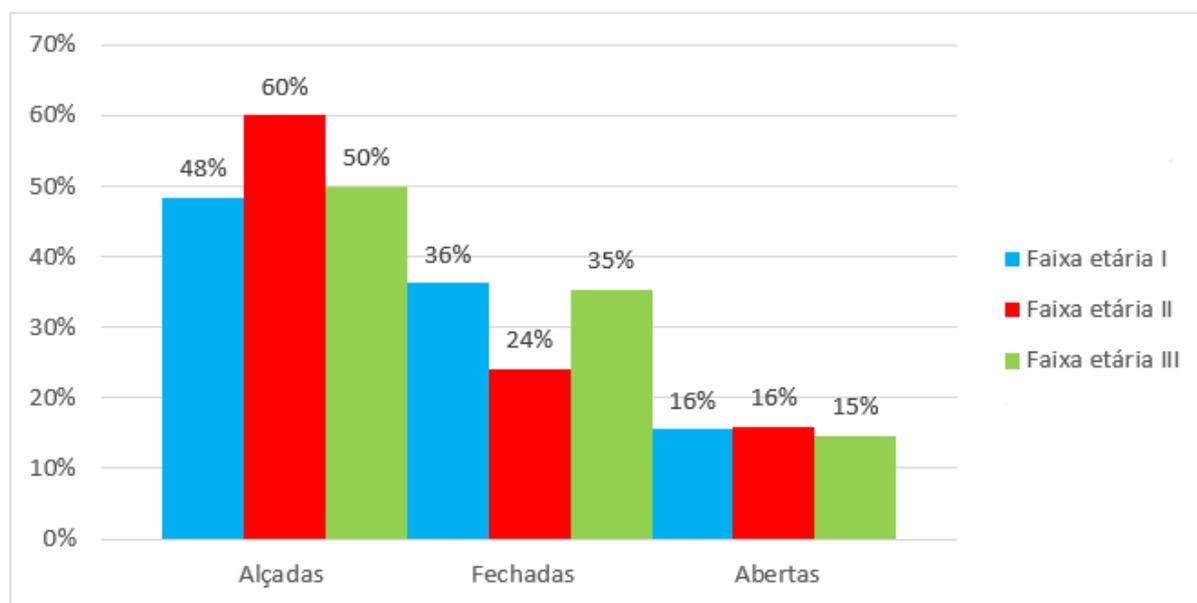
Analisando a faixa etária I, observamos que em relação à vogal alta [i] são os que menos realizaram o alçamento, com 48% de frequência, seguido da faixa III, com 50%. Por outro lado, a II é a que mais realiza o alçamento, com 10% a mais que a II faixa. Em Silva (2013) encontramos resultados parecidos para o alçamento de [e], entretanto, a autora trata a faixa etária como adultos. Sousa (2010) trabalhou com duas faixas e, com isso, observou que informantes com idade acima de 46 tendem a variar mais as médias.

Os resultados correspondentes à média fechada mostraram que os mais jovens realizam mais a manutenção de [e], com 36% de frequência, seguido da faixa III, com 35%. Já a faixa II é a que menos mantém a média, com 24%. Sousa (2010) e a maioria dos trabalhos analisados,

os mais jovens tendem a manter mais a média [e] que os demais grupos. Em contrapartida, Silva (2013) mostrou que os adultos com idade entre 26 a 49 anos mantiveram mais as médias [e], seguido dos mais velhos, com idade acima de 49.

A variante correspondente à vogal aberta [ɛ] apresenta pouca diferença entre as faixas etárias. Os informantes pertencentes à III faixa tendem a realizar menos a variante baixa, com 15%. Já a primeira e a segunda faixa realizam percentualmente a mesma frequência. Todos esses resultados podem ser evidenciados no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Distribuição da variável [e] conforme a faixa etária



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Além das variáveis extralinguísticas relacionadas à faixa etária e sexo, observamos também a variação diatópica. As variantes podem ser observadas diatopicamente nas cartas linguísticas que estão organizadas na sequência, logo após o quadro geral 19, correspondente à variável diatópica de [e].

No quadro é possível observar que, das mesorregiões goianas, a região centro goiano apresentou mais favorecimento ao alçamento, com uma recorrência geral de 46%, seguido do noroeste goiano, como 1% a mais. As demais regiões apresentam valores parecidos com a porcentagem entre 41% a 44%.

Quadro 19 - Resultados gerais da variável diatópica para a média pretônica [e]

Variantes Centro Goiano Noroeste Goiano Norte Goiano Leste Goiano Sul Goiano

| | | | | | |
|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| Alçadas [i] | 46% | 45% | 44% | 41% | 44% |
| Fechadas [e] | 31% | 28% | 23% | 31% | 38% |
| Abertas [ɛ] | 19% | 19% | 25% | 13% | 10% |
| N/responderam | 4% | 9% | 8% | 15% | 8% |

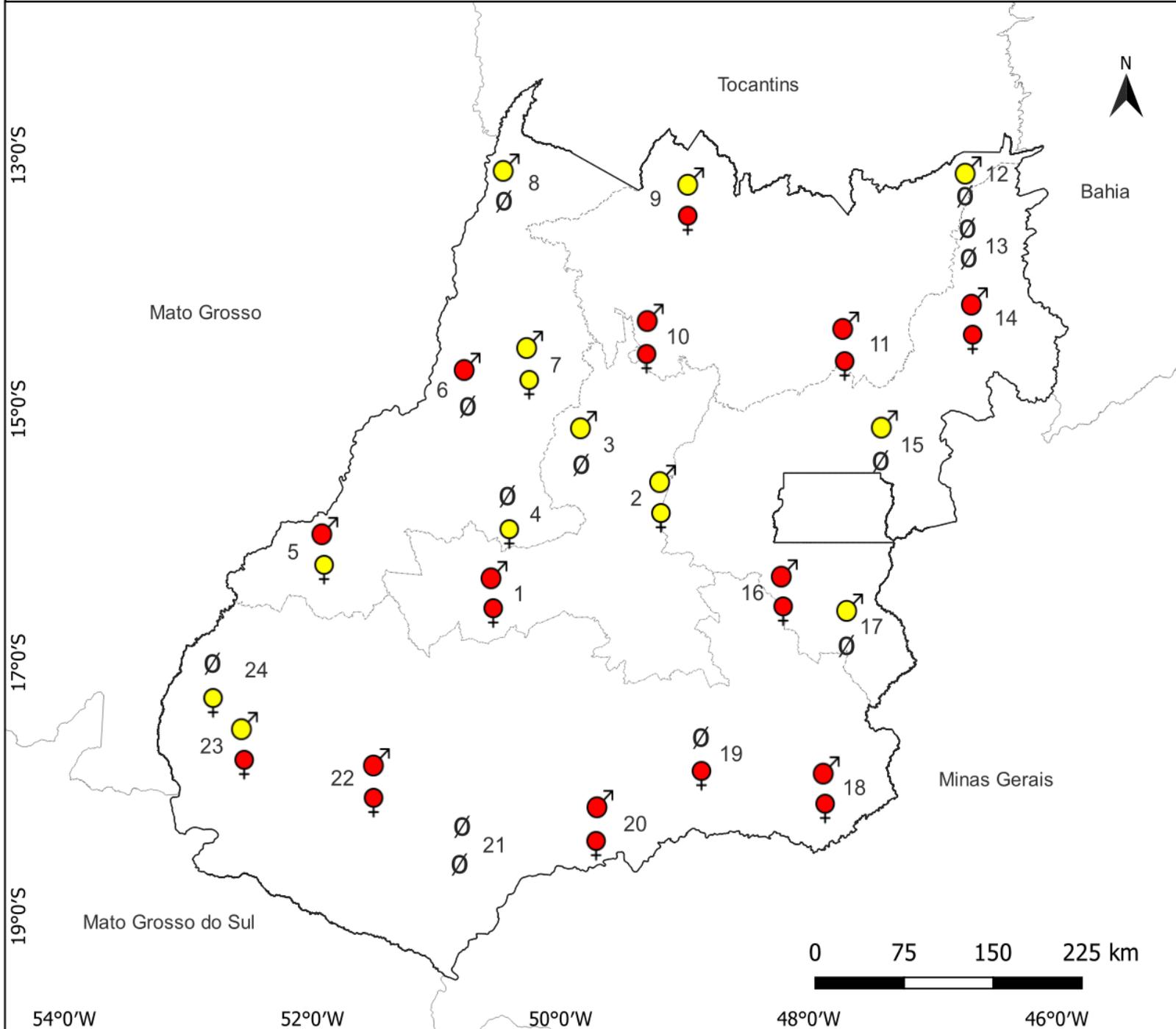
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

O quadro 19 mostra ainda que o Sul goiano apresenta maior índice percentual de manutenção da vogal média pretônica fechada [e]. Enquanto as outras mesorregiões apresentam índices menores de 31%, o Sul lidera a porcentagem com 38% de uso da manutenção. Com relação à abertura de [e], o Norte goiano apresenta maior probabilidade ao alçamento, pois apresenta 25% de realização da média [ɛ] ao contrário das demais regiões.

Esses resultados, se comparados com os apresentados por Nascentes (1953), mostram que a maioria dos municípios pertencentes à mesorregião do Norte goiano podem ser classificadas como pertencentes ao *falar baiano*. Esse resultado pode ser constatado porque, de acordo com Nascentes (1953), no subfalar baiano é comum o uso das vogais médias pretônicas abertas. Além disso, as cidades localizadas no Norte estão mais distantes da capital e mais próximas à Brasília, esse fator possivelmente favorece a classificação dessa região como pertencente ao subfalar baiano.

Por outro lado, o Sul goiano apresenta maior grau de fechamento de [e], nesse caso, como o apresentado por Nascentes (1953), esses municípios podem ser classificados como pertencentes ao *falar sulista*. Esse resultado pode ser constatado em decorrência do maior percentual de médias fechadas, além disso, as cidades localizadas no Sul estão mais próximas ao triângulo mineiro. Embora Graebin (2008) e Souza (2018) tenham utilizado metodologias diferentes da empregada neste trabalho, os seus resultados mostram uma semelhança com os encontrados aqui.

CARTA LINGUÍSTICA 1 - CERRADO



Convenções

| | |
|--------------|------------|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [se]rrado | ● (Red) |
| [sɛ]rrado | ● (Yellow) |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

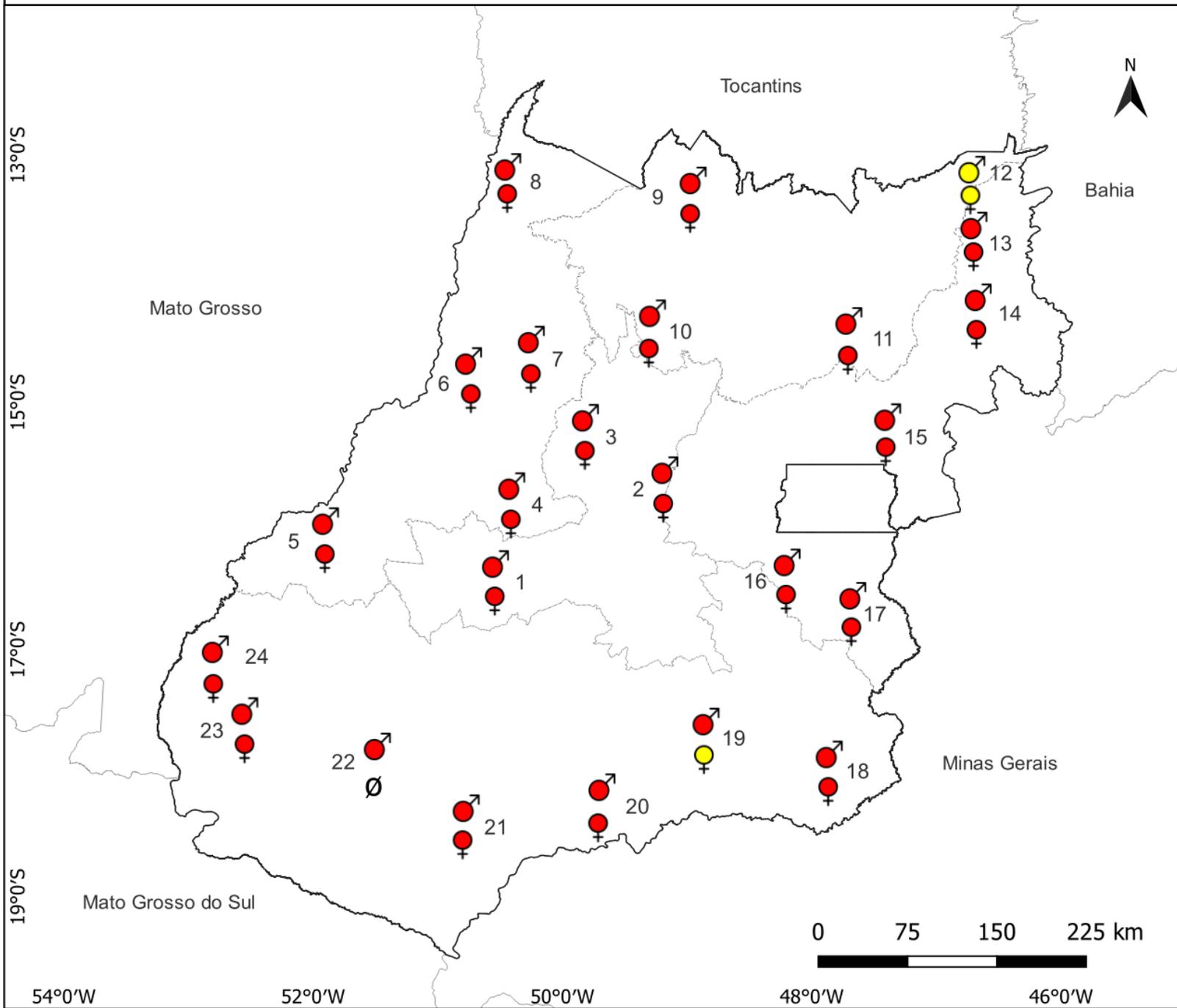
Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

CARTA LINGUÍSTICA 2 - RELÂMPAGO



Convenções

| | |
|--------------|---|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [xe]lampago | ● |
| [xε]lampago | ● |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

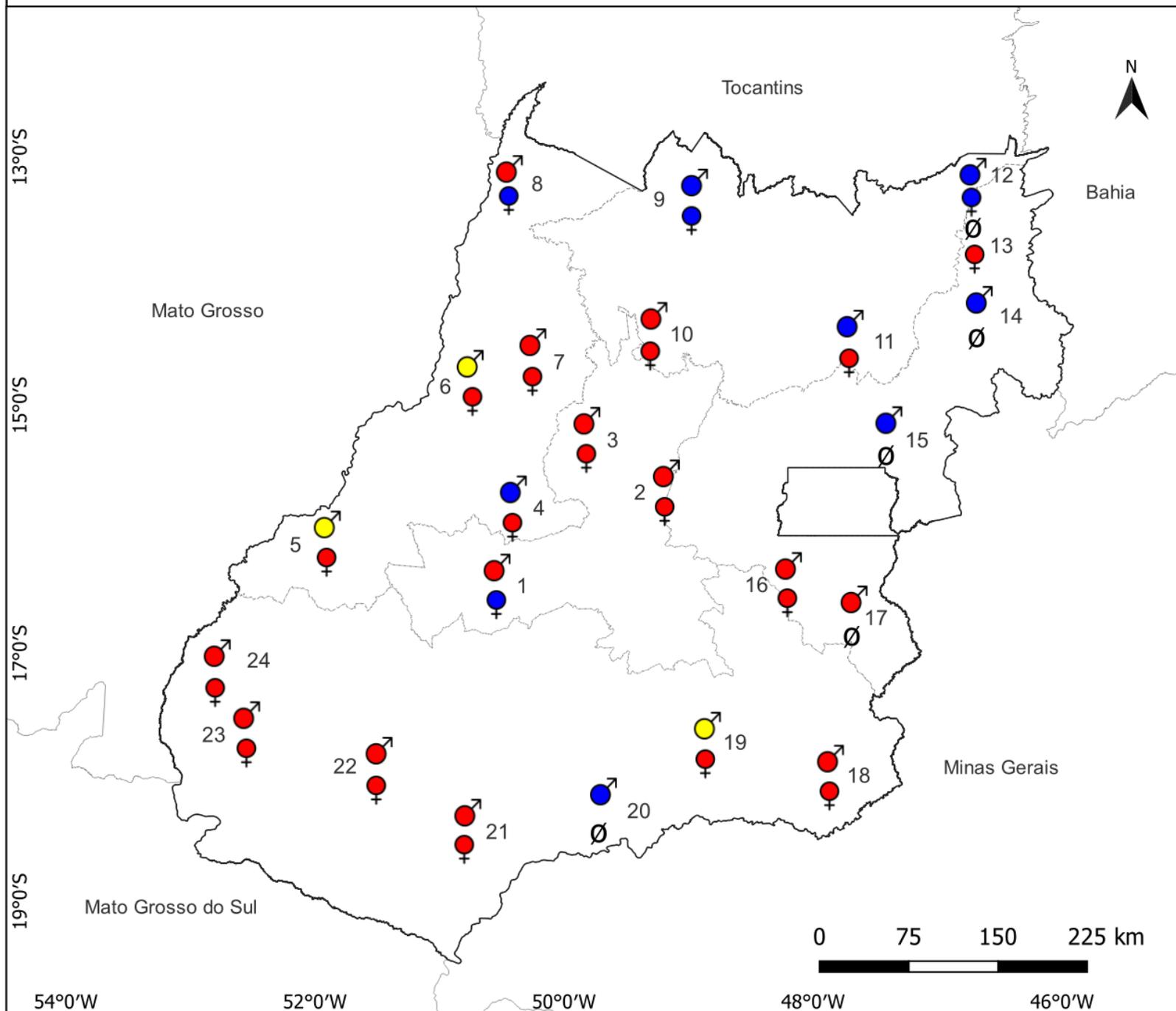
Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho



CARTA LINGÜÍSTICA 3 - NEBLINA



Convenções

| | |
|--------------|---|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [ne]blina | ● |
| [li]blina | ● |
| [nɛ]blina | ● |
| Sem resposta | ∅ |

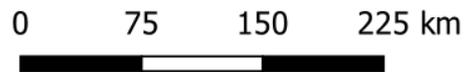
Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

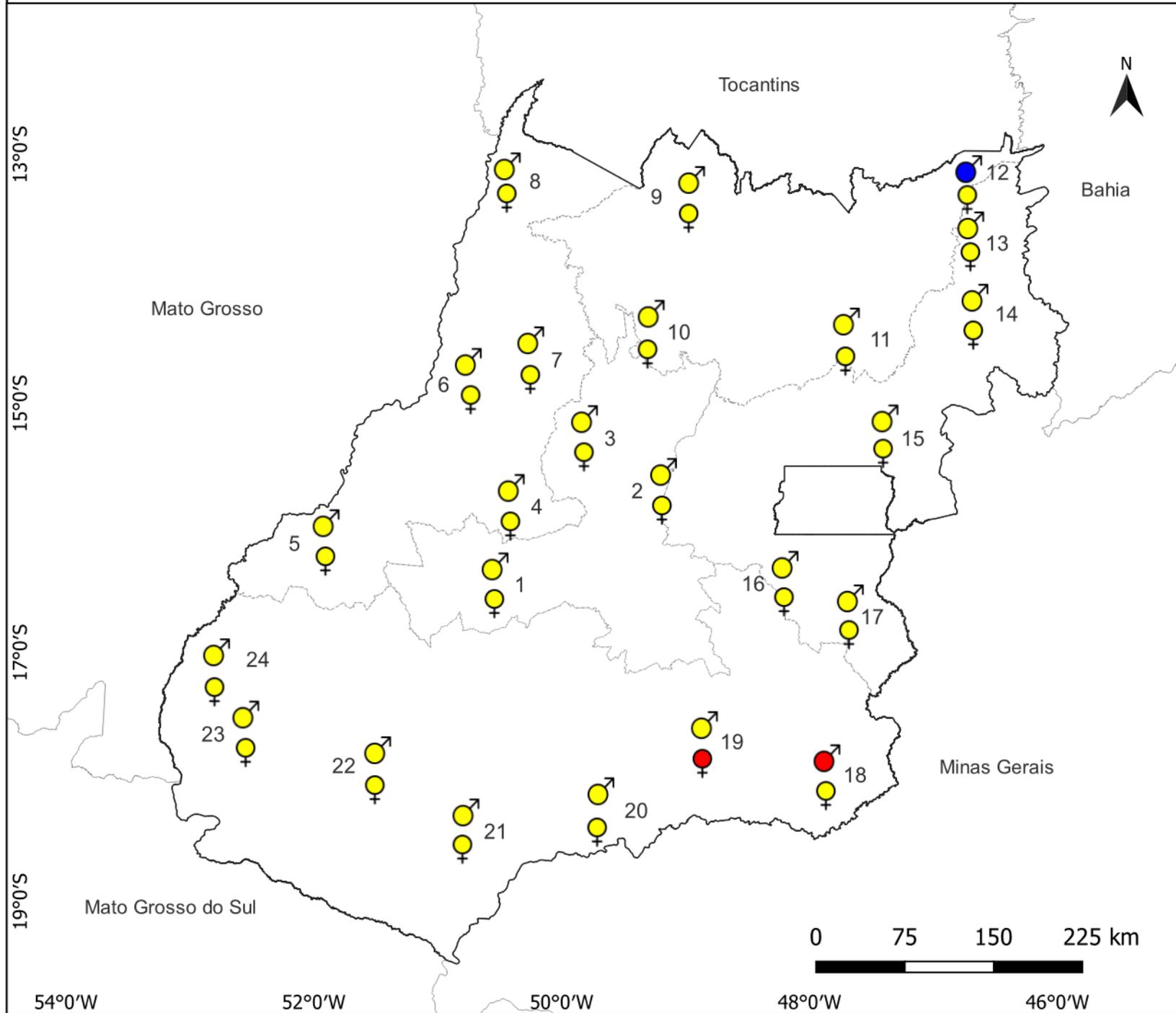
Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho



CARTA LINGUÍSTICA 4 - MEXERICA



Convenções

| | |
|------------|---|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| me[ʃɪ]rica | ● |
| mi[ʃɪ]rica | ● |
| bi[ʃɪ]rica | ● |

Escala 1/4000000

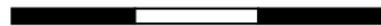
Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

0 75 150 225 km



13°0'S

15°0'S

17°0'S

19°0'S

54°0'W

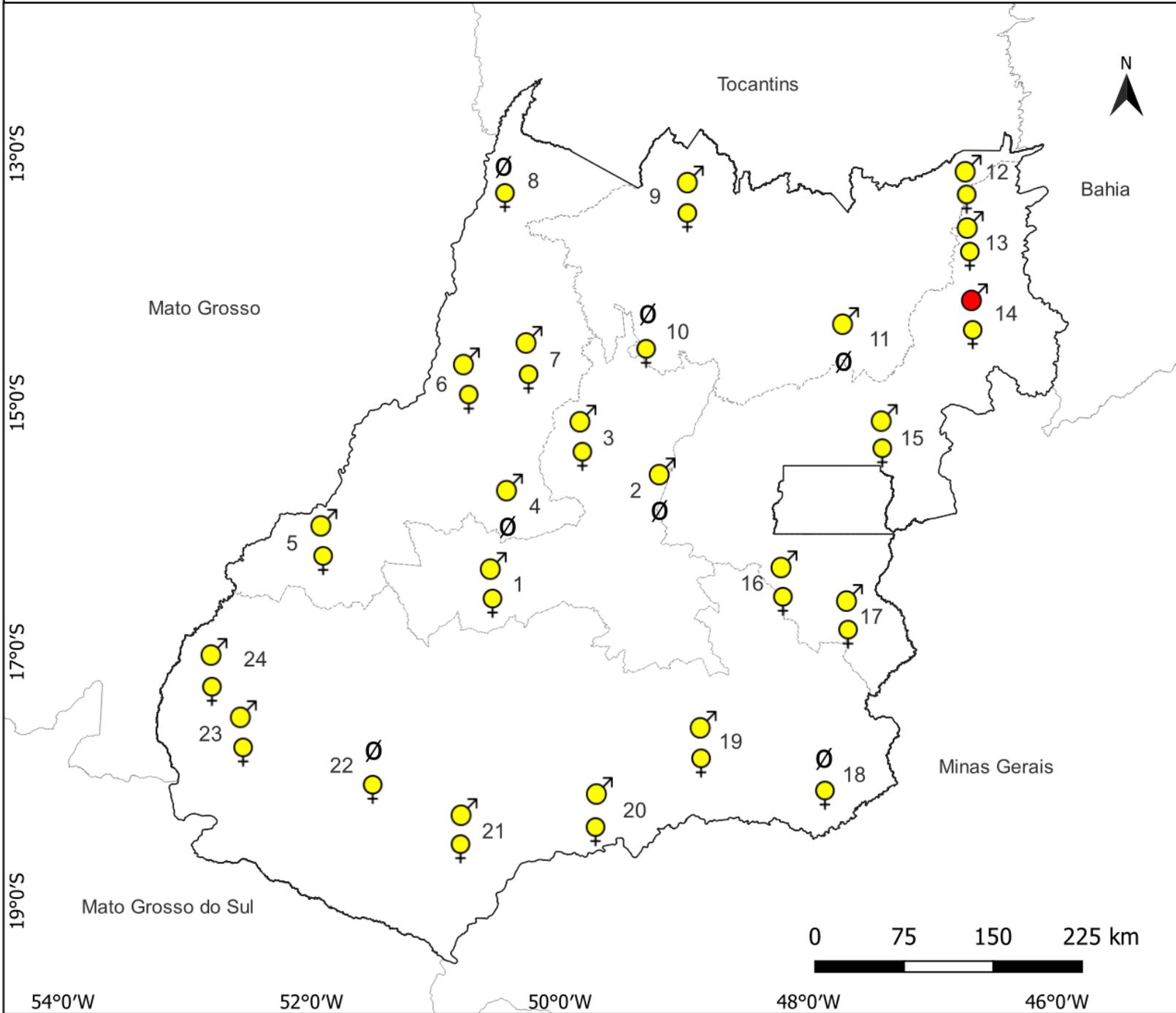
52°0'W

50°0'W

48°0'W

46°0'W

CARTA LINGUÍSTICA 5 - ESPIGA



Convenções

| | |
|--------------|---|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [es]piga | ● |
| [is]piga | ● |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

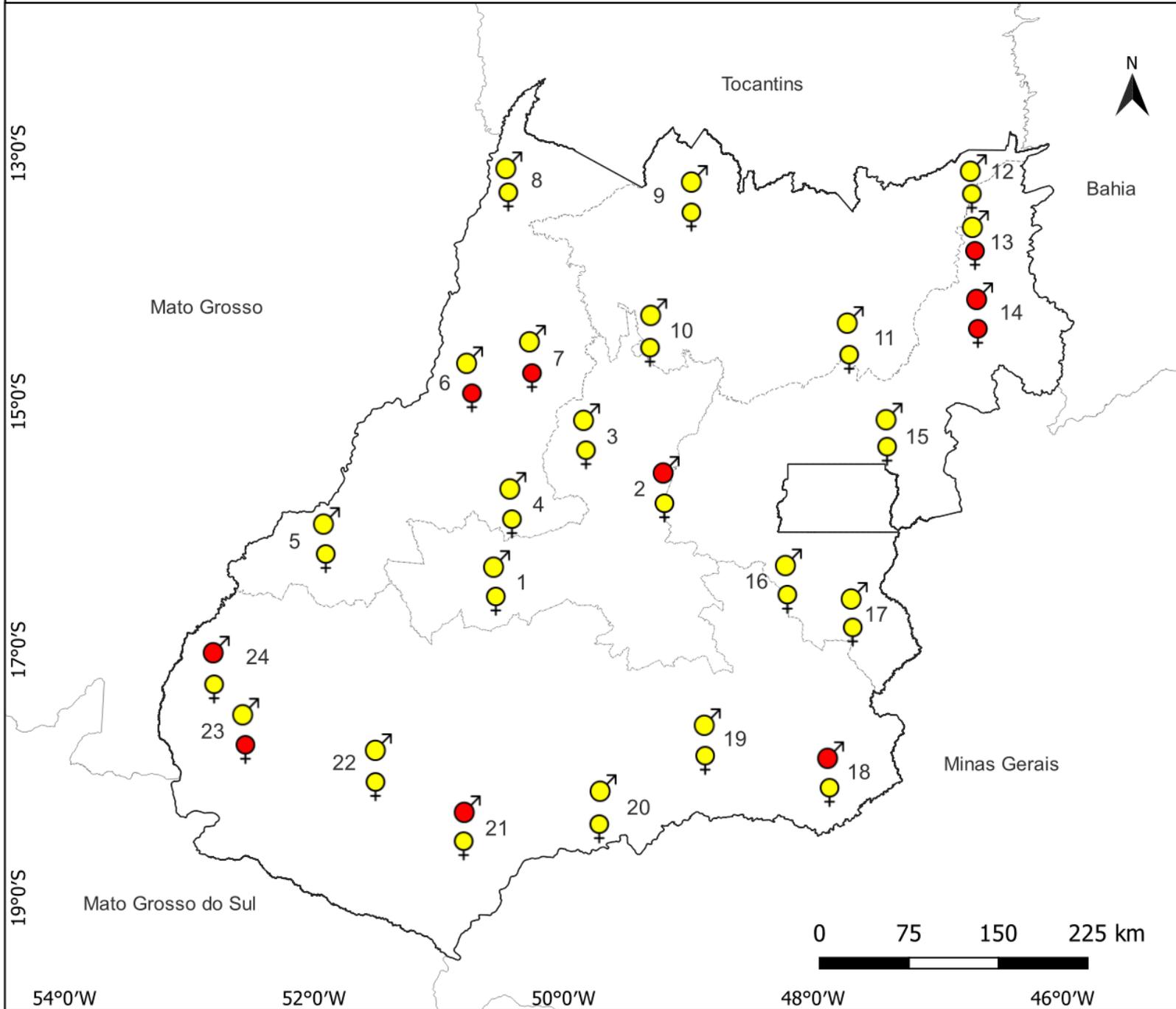
Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

CARTA LINGUÍSTICA 6 - BEZERRO



Convenções

- Masculino ♂
- Feminino ♀
- [be]zerro ● (red)
- [bi]zerro ● (yellow)

Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

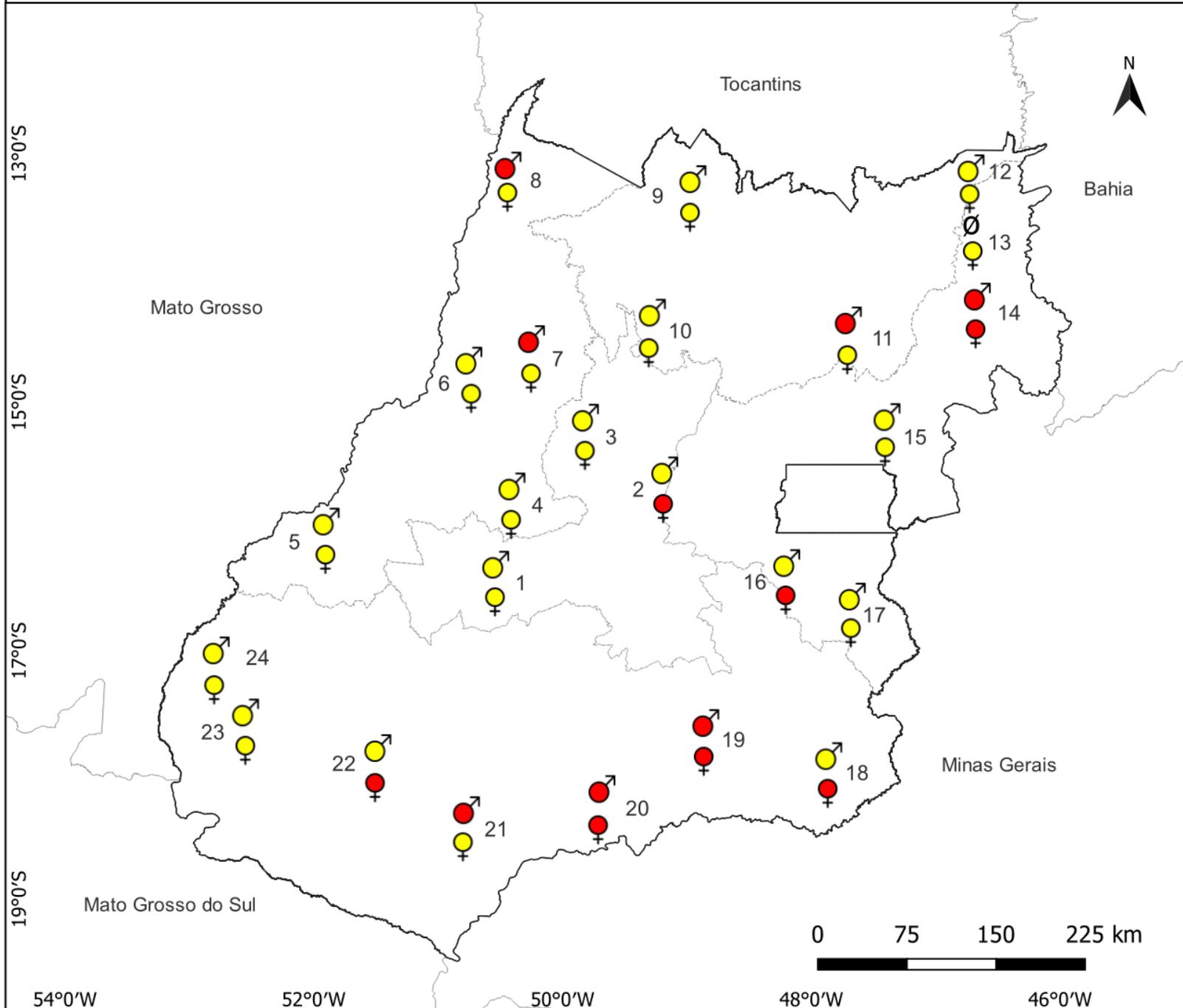
Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

0 75 150 225 km



CARTA LINGUÍSTICA 7 - REMELA



Convenções

| | |
|--------------|---|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [xe]mela | ● |
| [xɛ]mela | ● |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

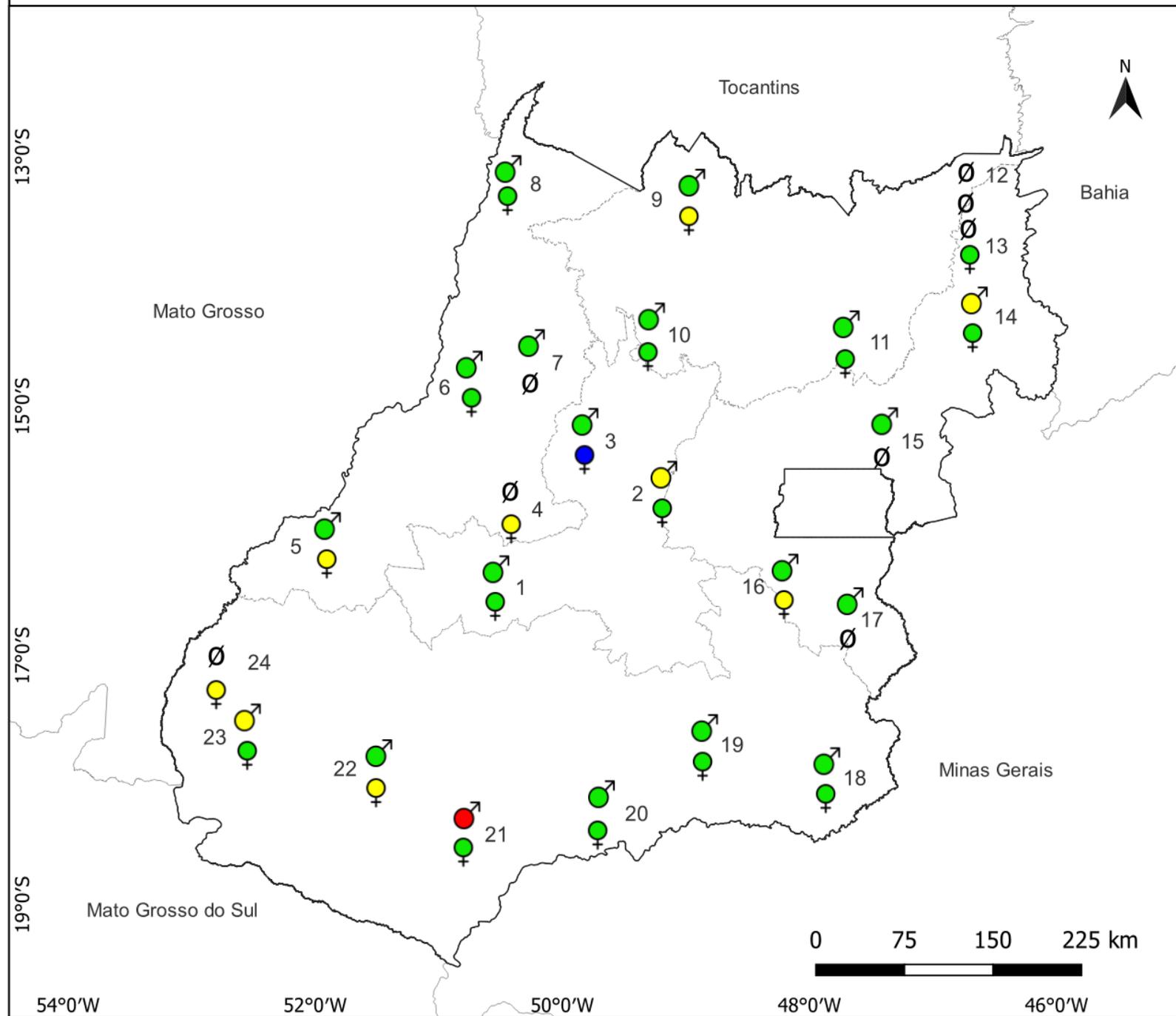
Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

CARTA LINGUÍSTICA 8 - ENTEADO



Convenções

| | |
|--------------|------------|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| en[te]ado | ● (Red) |
| en[ʔɪ]ado | ● (Yellow) |
| an[ʔɪ]ado | ● (Blue) |
| in[ʔɪ]ado | ● (Green) |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho



54°0'W 52°0'W 50°0'W 48°0'W 46°0'W

13°0'S
15°0'S
17°0'S
19°0'S

6.2.1 Realização da vogal média em posição pretônica [o] na fala goiana

A seguir apresentaremos os resultados obtidos para a média posterior [o] considerando a quantidade de dados e ocorrências. Por outro lado, cabe-nos destacar que de todos os dados correspondentes à média pretônica, não obtivemos nenhum fenômeno de abertura [ɔ]. Sendo assim, no quadro 9 abaixo, é possível observar os resultados obtidos para a palavra “trovão”. Os dados mostraram que ocorreram duas variantes, sendo elas: [tro'vẽ:ũ] e [tru'vẽ:ũ]. Em 65% das ocorrências foram referentes à variante [tro'vẽ:ũ], em que a média pretônica [o] é realizada de forma fechada. Já a variante [tru'vẽ:ũ], com o alçamento da média pretônica [o] ~ [u], apresentou o resultado percentual de 35%.

Quadro 20 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “trovão”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------|--------------------|------|
| Trovão | Alçadas [u] | [tru]vão | 17 | 35% |
| | Fechadas [o] | [tro]vão | 31 | 65% |
| | Abertas [ɔ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 0 | 0% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Ao analisarmos o contexto relacionado à vogal seguinte, constatamos que a vogal baixa nasal [ẽ], assim como no trabalho de Graebin (2008), Silva (2013) e Souza (2018) apresenta neutralidade quanto ao favorecimento da manutenção de [e]. Esse resultado é considerado, pois na maioria dos dados obtidos para a palavra “trovão” o alçamento foi inibido. Além disso, os resultados encontrados na revisão de literatura, nos mostrou que a vogal nasalizada [ẽ] favorece a abertura de [e].

Tavares (2019), ao analisar a vogal média pretônica [o] em “trovão”, observou que em seus dados a palavra em estudo tende a ter a média fechada como maior percentual (87,5%), corroborando com os mesmos resultados encontrados aqui. Além de Tavares (2019), Silva (2013) observou que a manutenção de [o] é favorecido pelos encontros consonantais “[tr, dr, fr]”. Esse resultado pode ser explicado em decorrência do encontro consonantal composto pelas consoantes alveolares [t] e [r] precedente à pretônica [o]. Além do contexto precedente correspondente ao encontro consonantal, a consoante seguinte labiodental [v] favorece a

manutenção de [o]. Os resultados encontrados em Oliveira (2013) corroboram com os apresentados aqui.

Na sequência, apresentamos o quadro 10, com os dados correspondentes à palavra “amendoim”. Nele é apresentado o número de ocorrências em termos percentuais e as variações obtidas. Os dados evidenciam a manifestação de duas variantes, sendo elas: [ɐmẽdoĩ:] e [ɐmẽdoĩ:]. Das duas variantes, obtemos 32 ocorrências da média pretônica [o] de forma alçada [u], que equivale a 67% das recorrências, enquanto que a forma fechada foi realizada 14 vezes, equivalente a 29%.

Quadro 21 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “amendoim”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|------------|--------------------|------|
| Amendoim | Alçadas [u] | amen[do]im | 32 | 67% |
| | Fechadas [o] | amen[do]im | 14 | 29% |
| | Abertas [ɔ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 2 | 4% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Percebe-se, diante desses resultados, que a vogal alta nasalizada [ĩ] seguinte à média pretônica pode favorecer o alçamento de [o]. Resultados semelhantes a esses foram encontrados em Graebin (2008) onde a autora apresenta que as vogais seguintes altas nasais [ĩ] e [ũ] favorecem o alçamento de [o]. Além de Graebin (2008), Vieira (2010) constatou que as vogais nasais tônicas favorecem mais o alçamento de [o] do que de [e]. Por outro lado, nos dados de Souza (2018, p. 122), a vogal tônica alta nasal [ĩ] foi condicionante para o fechamento de [o], 0,67. As treze ocorrências encontradas correspondem a dois vocábulos, “sovina” e “dormindo”, uma e doze ocorrências, respectivamente.

Sendo assim, o alçamento da vogal média pretônica [o] para a [u] possivelmente pode ser justificado analisando “a produtividade da vogal /i/ como gatilho da harmonização vocálica, no sentido de que atua com a mesma prodigalidade tanto com /e/ quanto com /o/, enquanto a vogal /u/ dá preferência à vogal /o/” (BISOL, 2013, p. 54). Nesses casos, assim como em outros resultados apresentados aqui, há a influência da vogal seguinte agindo com a consoante precedente [d] para que ocorra o alçamento da média pretônica [o] para a vogal alta reproduzida com menos intensidade [u].

O quadro 11, demonstra os resultados percentuais correspondentes à palavra “moinho”. Como apresentado no quadro, 69% dos informantes realizaram a média pretônica aberta [ɛ] e 29% realizaram a vogal média de forma fechada [e]. Esses dados podem ser observados no quadro 11, em que são apresentadas três variantes, sendo elas: [moĩ:ɲo], [muĩ:ɲo] e [mũĩ:]. A variante [mũĩ:], foi realizada por 1 informante que alçou [o] tornando-o nasalizado [ũ], enquanto 23 alçaram sem nasalizar. Desse modo, os resultados percentuais mostram que 50% alçaram [o] ~ [u] e 31% mantiveram a média fechada.

A forma [muĩ:ɲo] é “resultado do espriamento dos traços de abertura da vogal em sílaba seguinte e não de todo nó vocálico” (CASAGRANDE, 2004, p. 123). Além do contexto vogal seguinte, podemos levantar a possibilidade de a consoante nasal bilabial [m] favorecer na elevação da vogal pretônica [o]. Como explicado em “mexerica”, nesse temos mais um exemplo de assimilação total, uma vez que a média pretônica assimila a altura da vogal tônica e essa altura é espriada atingindo também a vogal precedente à pretônica. Além disso, podemos observar a vogal nasalizada seguinte [ĩ], que de acordo com a literatura, tende a favorecer o alçamento de [o].

Quadro 22 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a variação de /e/ em contexto pretônico na palavra “moinho”

| Vocábulo | Variações | Variantes | N.º de ocorrências | em % |
|----------|-----------------|-----------------|--------------------|------|
| Moinho | Alçadas [u] | [mu]inho/[mũ]in | 24 | 50% |
| | Fechadas [o] | [mo]inho | 15 | 31% |
| | Abertas [ɔ] | - | 0 | 0% |
| | Não Responderam | - | 8 | 17% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

No contexto fonético-fonológico consoante precedente mostrou que a consoante bilabial nasalizada [m] apresenta alto favorecimento de alçamento de [o] assim como de [e]. Tal resultado é observado nos dados de Silva (2013), Graebin (2008), Carmo (2009), pois o traço labial favorece a ocorrência da forma alçada [u], por esta ser mais labializada do que [o].

6.2.1 Exposição por variável extralinguística

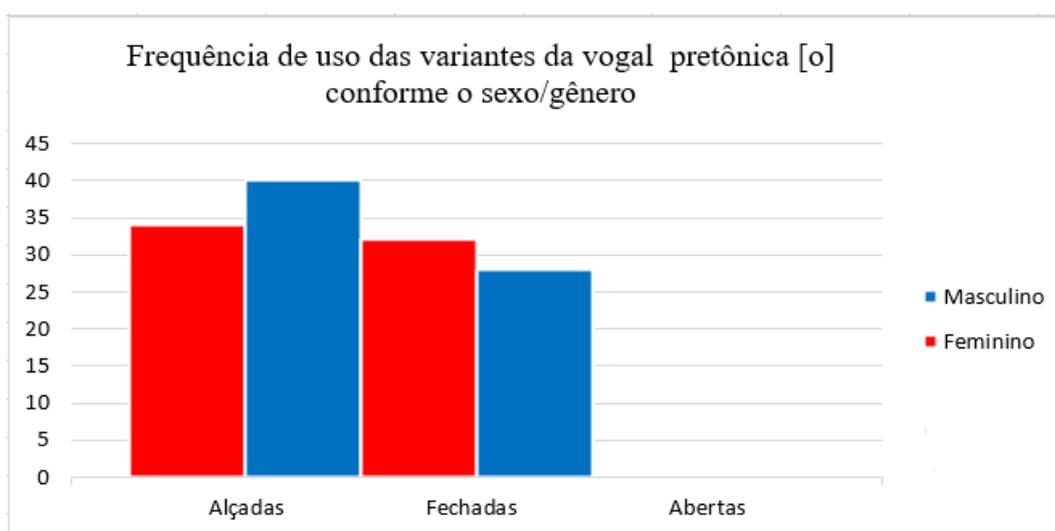
Nossos resultados apontaram que há um comportamento diferente na fala de informantes homens e mulheres quanto ao uso da vogal alta e média. Analisando a média

pretônica posterior [o], observamos que diferente dos dados encontrados para a média anterior [e], os homens realizaram mais o alçamento que as mulheres. Em Silva (2013, p.129) é exposto que a “diferença maior entre o sexo dos informantes na realização da variável está no alçamento e abertura da pretônica”. Além de Silva (2013), Silva (2012) observou em São José do Norte (RS) que os homens realizam mais a vogal de forma alçada. Battisti (1993), ao estudar as médias pretônicas na fala de quatro áreas do Rio Grande do Sul, identificou que os homens apresentam mais a forma alçada.

Ao analisarmos a vogal média fechada [o], observamos que as mulheres tendem a realizar mais a média fechada que os homens. Silva (2013) esclarece que mulheres usam mais a variável fechada do que os homens, como acontece com a variável [e], mesmo com pouca diferença. Oliveira (2013), ao estudar as médias pretônicas em Marabá (PA), identificou que as mulheres tendem a usar mais a forma fechada que os homens, pois as mulheres respondem por (39%) das realizações de [e] e (32%) de [o]. Klunck (2007) diz que essa diferença vem sendo atribuída às mulheres a propensão de favorecer o emprego de formas mais prestigiadas nos meios sociais quando está em jogo a variação estável.

Em nossos dados, a vogal aberta [o] não foi utilizada por nenhum informante, sendo desconsiderada aqui. Desse modo, todos esses resultados podem ser evidenciados no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Distribuição da variável [o] conforme o sexo



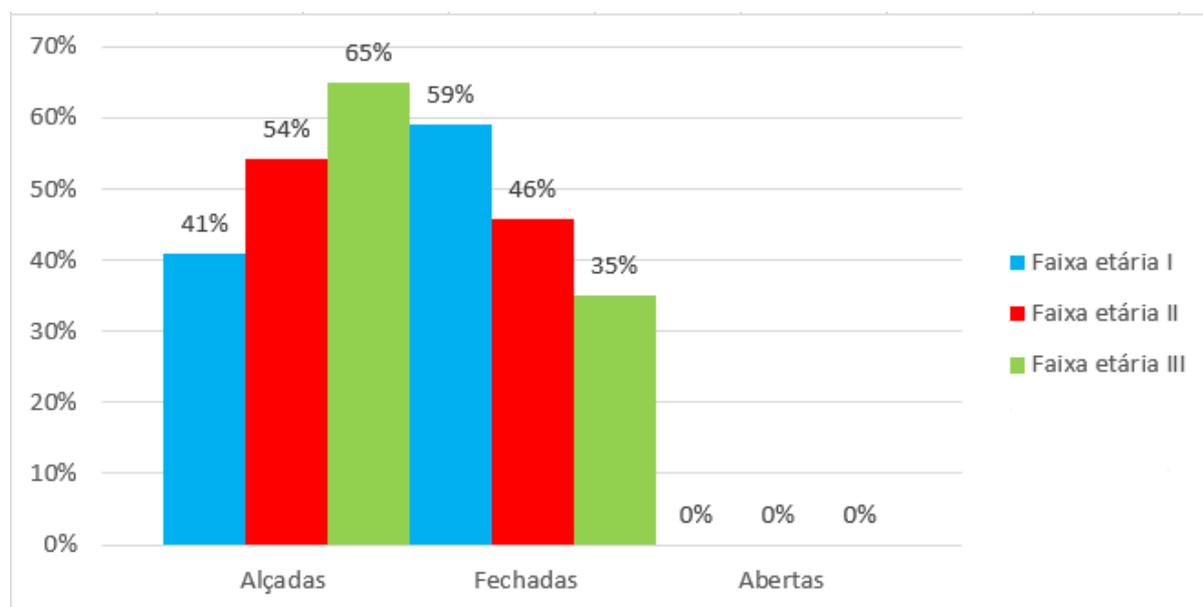
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Assim como feito para a média pretônica [e], analisamos a faixa etária de acordo com os dados obtidos para a média [o]. Desse modo, observando a variante alçada, afirmamos que

a faixa etária III possui a maior frequência, liderando as ocorrências com 65%, seguido da faixa II, com 54%. Por outro lado, a I é a que menos realiza o alçamento, com quase 10% a menos que a II faixa. Em Silva (2013) encontramos resultados parecidos para o alçamento de [o], entretanto, a autora trata a faixa etária como idosos. Dias (2012) observou que os mais jovens usam mais a variante padrão e os mais velhos realizam as demais variantes.

Os resultados correspondentes à média fechada mostraram que os mais jovens realizam mais a manutenção de [e], com 59% de frequência, seguido da faixa II, com 46%. Já a faixa III é a que menos mantém a média, com 35%. Oliveira (2013), apresentou resultados semelhantes aos encontrados aqui, pois afirma que os sujeitos mais jovens (18 a 35 anos) têm maior preferência pelas variantes médias altas [e, o]. Na maioria dos trabalhos apresentados na revisão de literatura, os mais jovens tendem a manter mais a média [e] que os demais grupos. Como dito anteriormente, a variante correspondente à média aberta [ɔ] não foi realizada pelos informantes goianos. Todos esses resultados podem ser evidenciados no gráfico a seguir.

Gráfico 4 - Distribuição da variável [o] conforme a faixa etária



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Além das variáveis extralinguísticas relacionadas à faixa etária e sexo, observamos também a variação diatópica. As variantes foram apresentadas detalhadamente nas cartas linguísticas logo após o quadro geral 23, e nele é possível observar a distribuição geral da variável diatópica para [o]. É importante destacar que os dados analisados com a realização de [o] foram bem menores que os de [e].

No quadro 23 é possível observar que das mesorregiões goianas, a região do Norte goiano apresentou mais favorecimento ao alçamento, com uma recorrência geral de 63%, seguido do noroeste goiano, como 53%. As demais regiões apresentam valores percentuais parecidos com uma porcentagem entre 43% a 50%.

Quadro 23 - Resultados gerais da variável diatópica para a média pretônica [o]

| Variantes | Centro Goiano | Noroeste Goiano | Norte Goiano | Leste Goiano | Sul Goiano |
|---------------|---------------|-----------------|--------------|--------------|------------|
| Alçadas [u] | 50% | 53% | 63% | 43% | 50% |
| Fechadas [o] | 44% | 43% | 33% | 47% | 40% |
| Abertas [ɔ] | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| N/responderam | 6% | 3% | 4% | 10% | 10% |

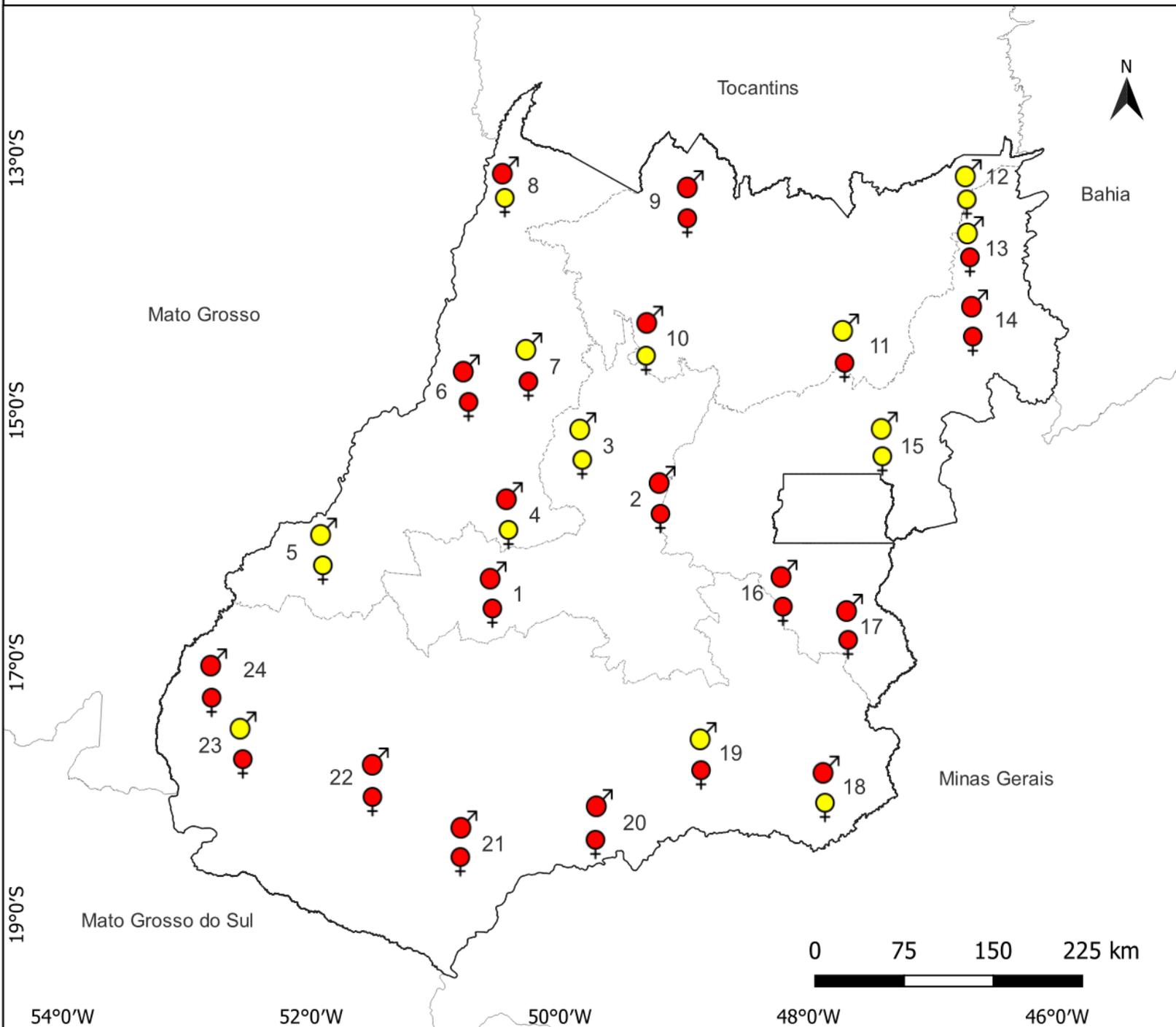
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

O quadro mostra ainda que o Leste goiano apresenta maior índice percentual de manutenção da vogal média pretônica fechada [o]. Enquanto que as outras mesorregiões apresentam índices menores, Leste lidera a porcentagem com 47% de uso da manutenção. Com relação à abertura de [e], não obtivemos nenhum resultado.

Com relação ao alçamento, se comparados com os apresentados por Nascentes (1953), mostram que a maioria dos municípios pertencentes à mesorregião do Norte goiano podem ser classificadas como pertencentes ao *falar baiano*. Esse resultado pode ser constatado, pois as cidades localizadas no Norte estão mais distantes da capital e mais próximas à Brasília, esse fator possivelmente corrobora para a classificação dessa região.

Por outro lado, as demais mesorregiões apresentaram resultados semelhantes, nos impedindo de realizar uma classificação mais objetiva. De modo geral, o alçamento da média pretônica [o] foi mais acentuado que a manutenção.

CARTA LINGUÍSTICA 1 - TROVÃO



Convenções

| | |
|-----------|------------|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [tro]vão | ● (red) |
| [tru]vão | ● (yellow) |

Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

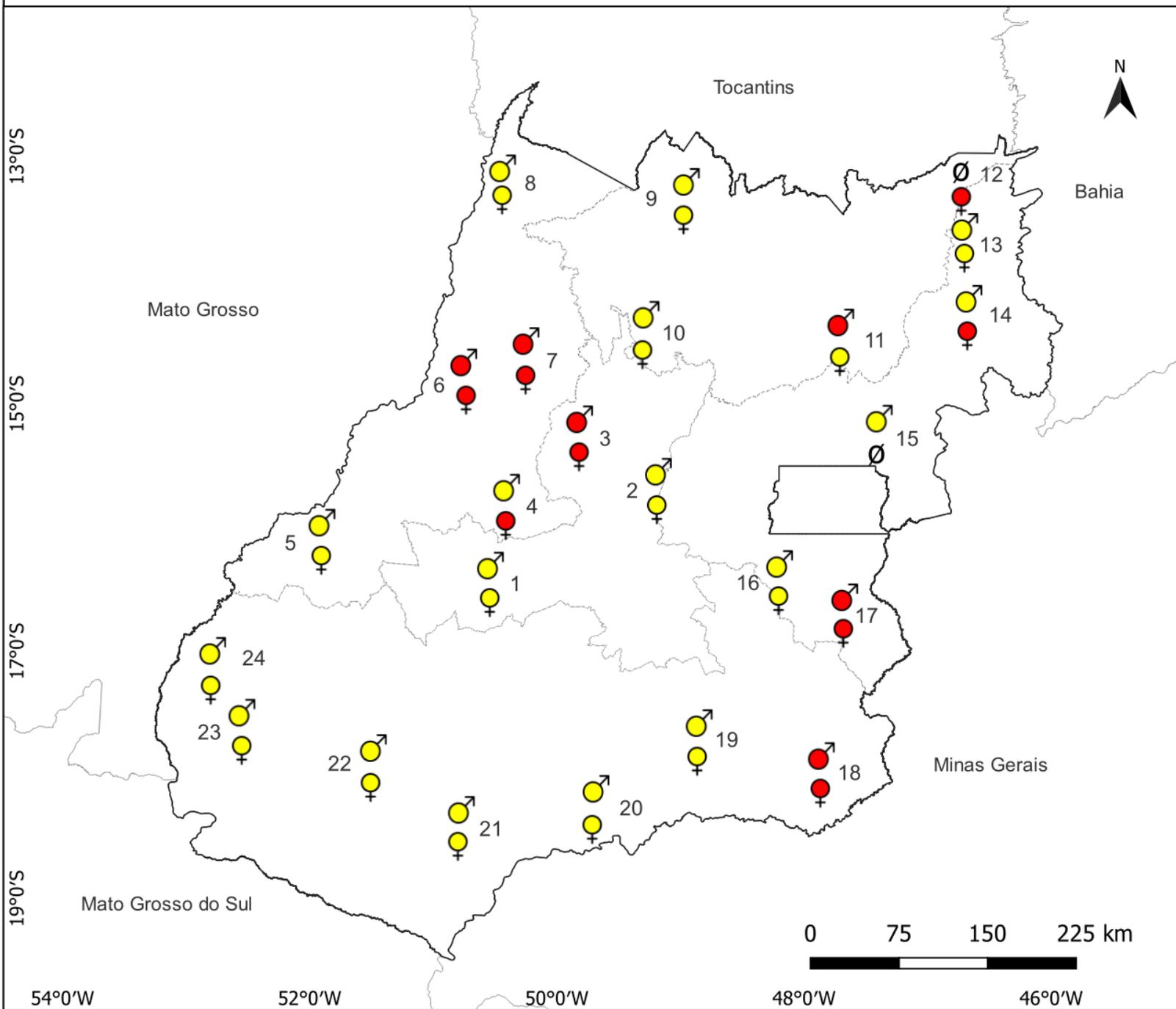
Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho



CARTA LINGUÍSTICA 2 - AMENDOIM



Convenções

| | |
|--------------|------------|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| amen[do]in | ● (Red) |
| amen[dɜ]in | ● (Yellow) |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

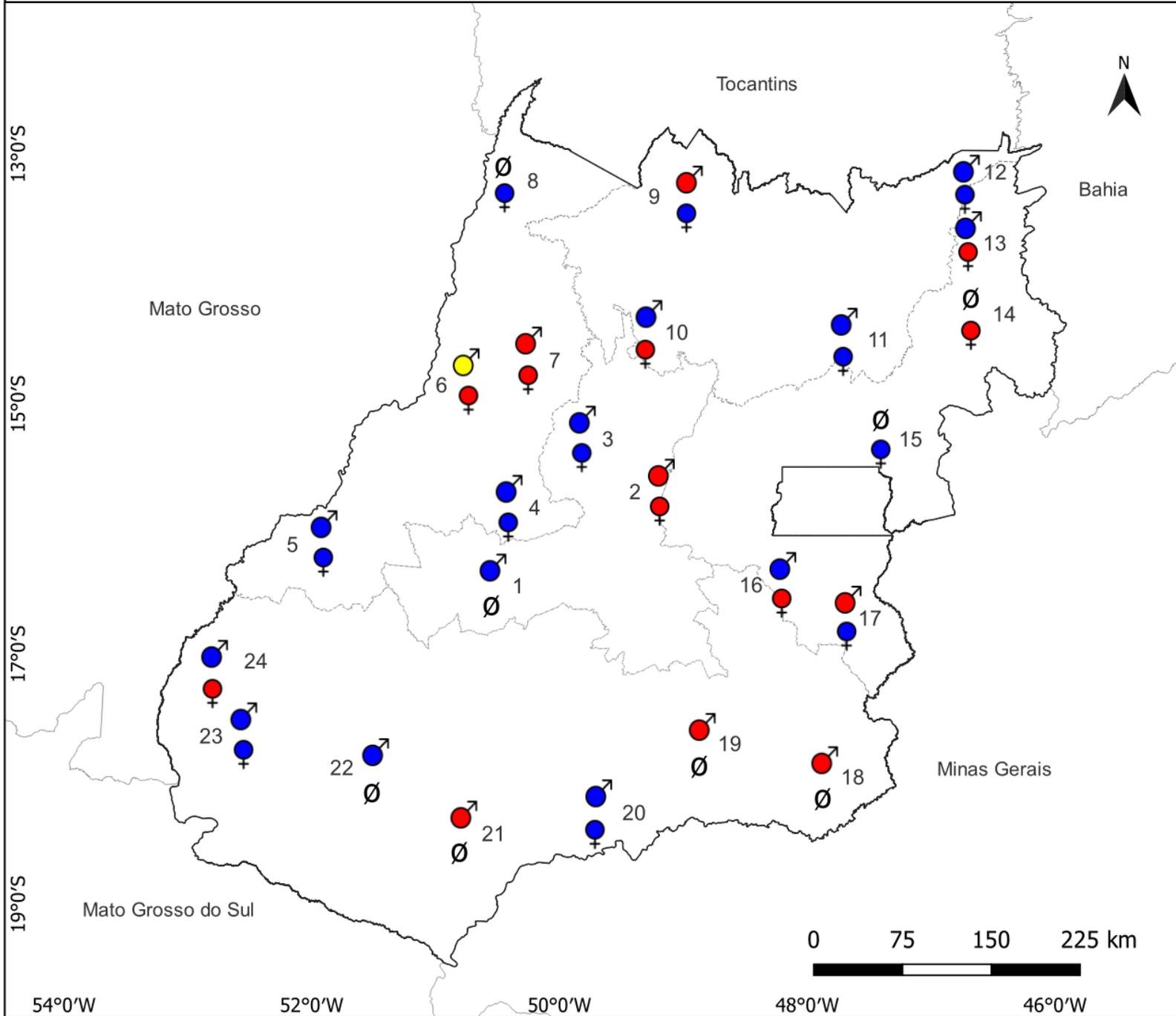
Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

Elaboração: Rodolfo Carvalho

CARTA LINGUÍSTICA 3 - MOINHO



Convenções

| | |
|--------------|------------|
| Masculino | ♂ |
| Feminino | ♀ |
| [mo]inho | ● (Red) |
| [mũ]in | ● (Yellow) |
| [mu]inho | ● (Blue) |
| Sem resposta | ∅ |

Escala 1/4000000

Sistema de Coordenadas Geográficas

Datum Horizontal: SIRGAS 2000

Fonte: Base Cartográfica IBGE, 2021

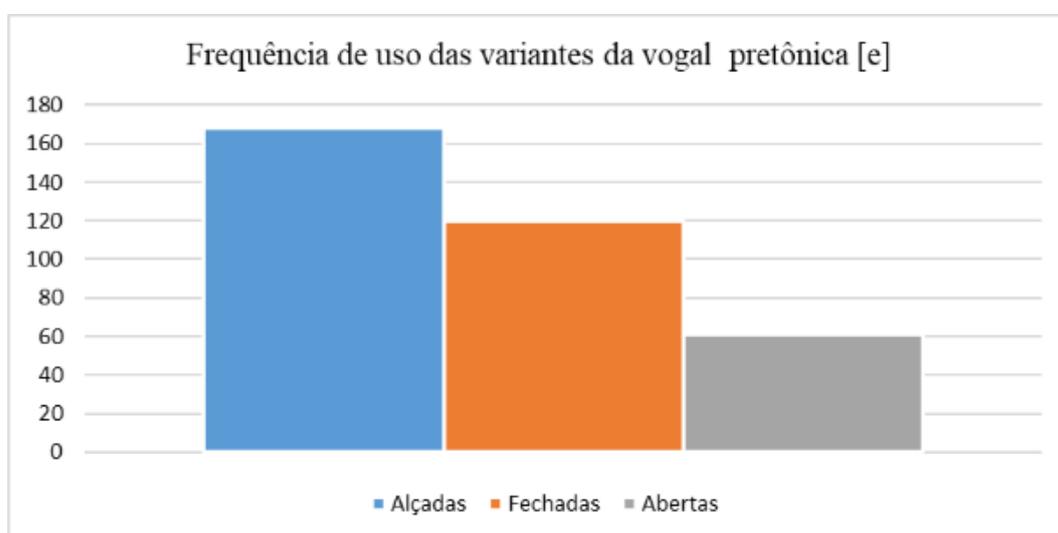
Elaboração: Rodolfo Carvalho

6.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Apresentamos, a seguir, a distribuição geral dos dados para [e] e [o], que de modo geral resultaram em 384 ocorrências em vocábulos com variantes [ɛ, e, i] e 144 ocorrências em vocábulos com [u, o]. Observamos que os vocábulos referentes à vogal média pretônica anterior[e] foi maior.

A quantificação geral de ocorrência das variantes de [e] pode ser observada no gráfico 5. Nele observamos que o número de ocorrências se centra no uso da variante alta [i], seguida da variante fechada [e]. A vogal aberta [ɛ] é a variante com menor frequência de uso, assim, constatamos que o alçamento de [e] é o mais frequente na fala dos informantes goianos seguido da manutenção.

Gráfico 5 - Resultados gerais da variante da vogal [e]

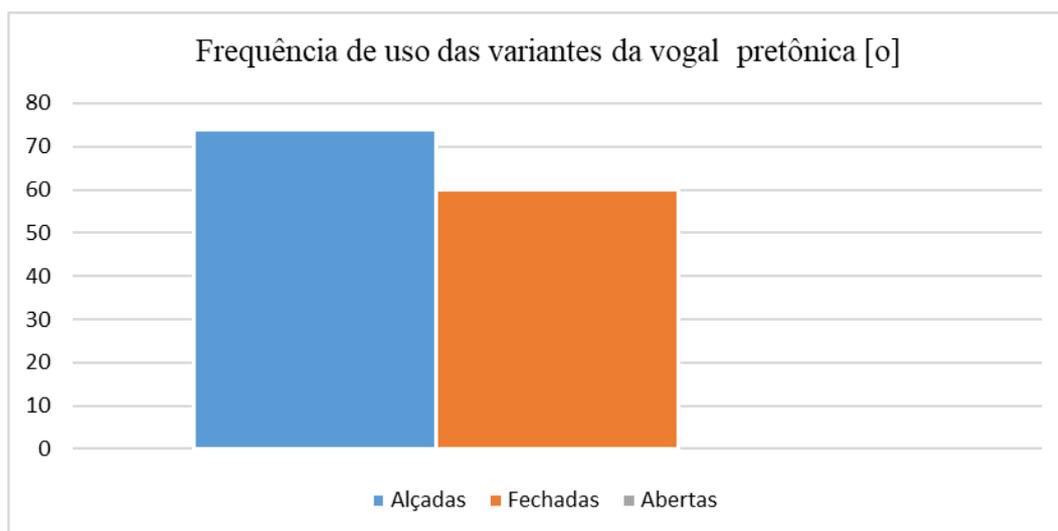


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

Gráfico 6 - Resultados gerais da variante da vogal [o]

Ao analisarmos o gráfico 6, vemos, mais claramente, que assim como em [e] a variante mais frequente é o [u], ou seja, o alçamento da média [o]. O segundo quantitativo é apresentado pela manutenção da média. Sendo assim, como se observa na projeção geral de ambos os gráficos, os resultados mostram que o predomínio da vogal média alta [i, u] nos vocábulos dos sujeitos goianos que foram analisados.

Gráfico 6 - Resultados gerais da variante da vogal [o]



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos.

CONCLUSÃO

A língua é o meio pelo qual os indivíduos se comunicam, expressam suas emoções, pensamentos e se reconhecem, no mundo, pertencentes a uma determinada cultura. Língua e cultura são inseparáveis porque não há como estudar uma sem o auxílio da outra. Dito isto, infere-se que a língua falada varia no tempo, espaço e nas diferentes formas de comunicação. Cada falante possui sua forma de falar influenciado principalmente pelo local onde vive e através da cultura a qual está inserido.

Goiás, assim como muitos outros estados brasileiros, foi povoado historicamente por grandes massas populacionais vindas de diferentes regiões do Brasil, principalmente do Sudeste e Nordeste do país. Esses povos adentraram no estado em busca de mão de obra e ouro e com eles traziam escravos e trabalhadores livres. Entretanto, com a exploração intensa o minério se tornou escasso, fazendo com que muitos seguissem viagem. Por outro lado, os que aqui permaneceram investiram na criação de gado e plantação de soja, arroz etc. atraindo outras levadas populacionais e alavancando o crescimento do estado que durante alguns anos permaneceu quase todo estatizado. Com isso, Goiás passou a ser formado por populações vindas de vários lugares do Brasil e cada qual com seu dialeto característico e com o passar dos anos, as populações que permaneceram influenciaram na formação do povo goiano tanto na cultura quanto na fala. Assim, cada mesorregião apresenta características fonéticas variadas resultantes dos primeiros povoamentos.

Nascentes (1953) foi um dos pioneiros no estudo das variações fonéticas e fonológicas no Brasil, sobretudo, sobre as vogais médias em posição pretônica. Com base nas pretônicas o autor realizou a divisão dialetal no Brasil, dividindo-o em Sul e Norte. De acordo com o autor, a região Norte é marcada pelo uso das vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] e no Sul é característico o uso das médias fechadas [o] e [o]. Assim, desde a proposta de Nascentes (1953), muitas pesquisas têm sido realizadas, desenvolvidas em dissertações, teses e em Atlas linguísticos.

As variações linguísticas em todo o estado são muitas, das quais variam tanto no modo de falar o [r] quanto no falar das vogais. Silva (2015) aponta que a distribuição das vogais pretônicas e postônicas caracteriza a variação dialetal no português brasileiro. Assim como as consoantes [r], as vogais médias em posição pretônica também são um dos elementos que sofrem variações no português brasileiro. Essas variações foram observadas por inúmeros pesquisadores, tanto que muitas pesquisas foram e ainda estão sendo desenvolvidas, tudo isso para entender como as médias pretônicas funcionam em diferentes regiões brasileiras.

Assim, o presente trabalho, teve por objetivo principal realizar observar o comportamento das vogais médias em posição pretônica [e] e [o], em 24 municípios goianos, bem como a identificação de características comuns a outros lugares do Brasil. Desse modo, antes de adentrarmos aos resultados, retomamos, primeiramente, as duas perguntas norteadoras da pesquisa:

- (i) Quando ocorrem as variações das vogais médias em posição pretônica nas cidades em que foram realizadas as coletas do estado de Goiás?
- (ii) Quais as variações que ocorrem nas cidades de Goiás e por quê?

Tendo em vista as perguntas norteadoras, construímos os objetivos específicos, na tentativa de responder as perguntas norteadoras, nos propomos a realizar os seguintes objetivos específicos: (i) realizar a descrição das vogais médias pretônicas [e] e [o] na fala dos informantes goianos; (ii) mapear os estudos realizados sobre as médias pretônicas no estado de Goiás e no Brasil; (iii) propor uma interpretação dos resultados, tanto no que se refere aos condicionadores linguísticos quanto sociais; (iii) cartografar os resultados obtidos.

Ao tentarmos atingir os objetivos específicos, conseguimos encontrar algumas respostas para as perguntas norteadoras, além disso, levantar reflexões sobre o comportamento das vogais médias no falar goiano. Sendo assim, com o uso da Dialetologia sob o método Geolinguística e a Fonética e Fonologia, os dados dos 48 informantes de vários pontos de inquéritos distribuídos entre as mesorregiões do estado mostraram que as vogais médias pretônicas podem ser realizadas foneticamente como:

- alta posterior [i, u];
- média alta anterior [e, o];
- média baixa anterior [ɛ], pois não obtemos a variação da vogal baixa [ɔ].

Embora tenhamos alguns resultados da vogal baixa anterior [ɛ], sua utilização não é recorrente em todas as mesorregiões do estado. Poucos foram os falantes que variaram a vogal média [e] para a vogal baixa [ɛ]. Desse modo, constatamos que a característica marcante dos falantes goianos com relação a recorrência das vogais médias, está no fenômeno fonético-fonológico do alçamento da média pretônica [e, o] variar para as vogais altas [i, u] devido ao fato de obtermos maiores resultados com essas variantes.

Desde os primeiros resultados, o alçamento na fala dos informantes goianos foi marcante. As médias pretônicas [e, o] são as que mais tendem a alçar em contextos vocálicos e consonantais, como em: [bi'ze:xu], [is'pi:gɐ], [miʃ'ri:kɐ], [ɐmĩdɔ'ĩ:]. Entretanto, as variantes estudadas também são condicionadas por fatores extralinguísticos, como sexo, faixa etária, localidade e escolaridade. Porém, como mencionado anteriormente, não conseguimos realizar

uma análise do fator escolaridade, nos centramos na análise diageracional, diagenérica e diatópica.

Assim, os resultados mostraram que a porcentagem do alçamento de [e] é igual tanto na fala dos informantes do sexo masculino quanto no feminino. Por outro lado, em relação à manutenção da média, as mulheres lideram as recorrências. Já em relação à abertura, os homens tendem a realizar mais essa variante que as mulheres. Para a vogal média posterior [o], embora em quantidade menor, os resultados foram parecidos para a manutenção, pois se tratando da manutenção da média, as mulheres tendem a usar mais a vogal fechada [o]. Entretanto, os resultados do alçamento de [o] foram diferentes dos observados e [e], pois o alçamento da posterior foi mais alçado pelos homens [u].

Em relação à faixa etária, o alçamento da anterior [i] é realizado com maior frequência pelos mais jovens, com 48% de frequência, seguido da faixa III, com 50%. A manutenção [e] é realizada com mais frequência pelos mais jovens, com 36% de frequência, seguido da faixa III, com 50%. Se tratando da abertura da vogal anterior, apresenta pouca diferença entre as faixas etárias. Os informantes pertencentes à III faixa tendem a realizar menos a variante de forma baixa, com 15%. Já a primeira e a segunda faixa realizam percentualmente a mesma frequência. Os resultados para a vogal média posterior [o] foram diferentes, pois os mais velhos apresentaram maior índice percentual de alçamento do [o] para [u]. Já a manutenção mostrou que assim como observado nos dados de [e], os mais jovens tendem a realizar com maior frequência a média fechada.

O que nos parece é que as mulheres tendem a praticar mais a autocorreção. Elas se sentem seguras quanto ao modo de falar, sendo mais espontâneas, possuindo uma segurança linguística maior, ao contrário dos homens que frequentemente se apresentam mais retraídos.

A diatopia mostrou que há uma diferença entre as mesorregiões do estado de Goiás, embora pequena, mas válida. Isso porque ao analisarmos a variável [e] e suas variantes, observamos que de todas as regiões, o Sul foi o que mais apresentou a manutenção. Em relação às abertas, o Norte foi mais favorável que as demais regiões e o alçamento é mais acentuado no Centro e Noroeste goiano. A vogal fechada [o] foi mais acentuada na mesorregião Leste e o alçamento [u], assim como em [e], foi mais recorrente no Norte.

Por fim, os resultados apresentados e as reflexões realizadas em conformidade com os pressupostos da Dialetoologia/Geolinguística e Fonética-Fonologia, concluímos que esta pesquisa atingiu todos os objetivos estabelecidos. Sendo assim, espera-se que este trabalho contribua para com os estudos dialetológicos desenvolvidos no estado de Goiás, impulsionando o desenvolvimento de outras pesquisas, pois ainda há muito o que ser feito.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto Caipira**. São Paulo: HUCITEC - Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ALVES, Marlúcia Maria. **As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade**. Tese de doutorado em Linguística. Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. **As pretônicas médias /e/ e /o/ pretônicas no falar culto de Fortaleza - CE sob a perspectiva variacionista**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Programa de pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

AMORIM, Gustavo da Silveira. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife**. Dissertação de Mestrado em linguística. Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Vol. 25 – Ano 44 –nº 1 –2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53079/1/2020_art_mssaragao.pdf> Acesso em: 24 de dez. 2021.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia, 2004.

_____. **A produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. Goiânia: Editora UFG, 2013.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. Tese (doutorado em linguística). Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Linguística). Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

_____. **O acento: duas alternativas de análise**. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

_____. **Harmonização vocálica: efeito parcial e total**. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. Ática, São Paulo, 2005.

BORTONI, Stela M.; GOMES, Christina a.; MALVAR, Elisabete. **Variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?** Rev. Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, ano 01, v.1, p. 9-29, jul./dez. 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.

_____; COUTINHO, L. **Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro**. Organon, Porto Alegre: UFRGS, 1991, p. 71-78.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS. **História de São Luís de Montes Belos**. Disponível em: <<https://www.saoluisdemontesbelos.go.leg.br/institucional/historia-de-sao-luis-de-montes-belos/historia-de-sao-luis-de-montes-belos>> Acesso em: 20 de jun. 2021.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua portuguesa**. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

_____. **Para o estudo da fonêmica do Português**. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora LTDA, 1997.

_____. **História e estrutura da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora LTDA, 1975.

CAMPOS, Rosana Agreli Melo. **O Rio Grande como fronteira linguística: um estudo do comportamento das vogais médias pretônicas**. Dissertação (Dissertação de mestrado em linguística). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: 2002.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: 2002. 2v.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real**. Dissertação (Dissertação de mestrado em linguística aplicada). Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. **O perfil dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (2), p. 345-353, maio-ago. 2009. Disponível em <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_27.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_27.pdf> . Acesso em 12 de fev. de 2022.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia**. Dissertação (Dissertação de mestrado em linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge University Press, 2004.

COSERIU, Eugenio. **Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico**. Sánchez Pacheco, 81, Madrid: España, 1978.

_____. **La geografía lingüística**. Montevideo: Universidad de La República, 1965.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An introduction to historical linguistics**. Oxford, 1977.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DIAS, Melina Rezende. **Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros**. Tese (Tese de doutorado em linguística). Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. Dissertação (Dissertação de mestrado em linguística). Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Belém, 2001.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa – GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em linguística). Departamento de linguística, Português e Línguas do instituto de letras, Universidade Federal de Brasília. 2008.

GILLIERÓN, Jules. **Atlas Linguistique de la France: Notice servant à l'intelligence des cartes**. Paris: Honoré Champion, 1902.

_____. Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de la France: table**. Paris: Honoré Champion, 1912.

_____. **Atlas linguistique de la France: Suppléments**. Paris: Honoré Champion, 1920.

GUZZO, Natália Brambatti. **Elevação da vogal média anterior Átona em Flores da Cunha (RS)**. Dissertação de mestrado em estudos de Letras, Cultura e Regionalidade. Programa de pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade na Universidade Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2020**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>> Acesso em: 20 de jun. 2021.

_____. **Cidades @**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em: 20 de jun. 2021.

Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Sócio Ambientais. **Atlas do Estado de Goiás**. Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://www.imb.go.gov.br/bde/>> Acesso em: 10 de jan. 2022.

KAILER, Dircel Aparecida. **Vogais pretônicas /e/ e /o/: um estudo em tempo aparente**. Tese (Tese de doutorado em Língua Portuguesa). Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo: Araraquara, 2008.

LEROND, Alain. **Réflexions sur la géographie linguistique**. In: Annales de Bretagne. Tome 71, número 4, 1964. pp. 553-568.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. **Introdução à linguística românica: histórico e métodos**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MILANI, S.E. **ALINGO: atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético**. 1. ed. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

MILANI, S. E.; SANTOS, T. F.R. **Construção do acervo audiovisual da língua em Goiás e execução do Atlas Linguístico de Goiás- ALINGGO**. Projeto. Goiânia: UFG, 2012.

MOTA, J. **Dois momentos da geolinguística no Brasil: APFB e ALiB**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: linguística

histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 509-518. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. **Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural**. Goiânia: UCG, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NETO, HORIESTE G. A. T. **Geografia: Goiás/Tocantins**. Goiânia, Centro Editorial e Gráfico/ UFG, 1993.

NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. **Aspectos da variação fonética-fonológica na fala de Belém**. Tese (Tese de doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). **ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Nilton Marques de. **Transição do norte de Goiás ao território do estado do Tocantins**. Palmas: UFT, 2018.

OLIVEIRA, Ronan Lucas de. **A realização das vogais médias pretônicas no falar marabaense**. Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em estudos linguísticos na Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013.

PALACIN, Luís e MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Imprensa da UFGO, 1975.

PALACIN, Luís; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. **História de Goiás em documentos: I colônia**. Goiânia: Editora UFG, 1995.

RAMAT, Paolo. **The (Early) History of Linguistic Typology**. In: J. J. Song (ed.), *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*, 1-10. Oxford: New York, 2012.

RAZKY, Abdelhak. **Construção de Atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Cleidy Aparecida; MOTA, Jacyra

Andrade; (Orgs.). Documentos 1. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2003.

RIBEIRO, José et. al. **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas Linguístico Sonoro do Pará**. Pará: 2004. Disponível em: <<https://alipa.ufpa.br/>> Acesso em: 15 de ago. 2021.

RODRIGUES, Aryon D. **As línguas gerais sul-americanas**. *Papia*, vol. 4, no. 2, 1996, p.6-18.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. João Pessoa: UFP, 2013.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. **Economia e escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: editora Cultrix, 1986. [1916].

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Edusp, 1975

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Márcia Eliane Da. **O Alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/RS:harmonia vocálica**. Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SOUSA, Josivane do Carmo Campos. **A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA**. Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em estudos linguísticos na Universidade Federal do Pará, Pará, 2010.

SOUZA, Daiane Silva. **As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do projeto ALiB**. Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2018.

SOUZA, Ricardo Fernandes Napoleão de. **Redução das vogais altas pretônicas no português de Belo Horizonte: uma abordagem baseada na gradiência.** Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em estudos linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **A expansão do povoamento em Goiás no século XIX.** Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos). Pós-graduação em História na Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1991.

VIANA, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística.** Dissertação (Dissertação de mestrado em estudos linguísticos e Língua Portuguesa). Pós-graduação em estudos linguísticos na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais.** Revista de estudos linguístico. Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul/dez. 1995.